



**Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST / MCTI**  
**Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia – PPACT**

**Danielle Silva dos Santos**

**A produção científica do Museu Nacional/UFRJ como patrimônio para a ciência e a cultura: memória dos periódicos editados até a década de 1940**

**Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Maria Bertol Domingues**



Rio de Janeiro

2023

**Danielle Silva dos Santos**

**A produção científica do Museu Nacional/UFRJ como patrimônio para a ciência e a cultura: memória dos periódicos editados até a década de 1940**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia.

**Área de concentração:** Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia

**Linha de Pesquisa:** Acervos, História e Divulgação

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Maria Bertol Domingues

Rio de Janeiro

2023

### Ficha catalográfica

S237p SANTOS, Danielle Silva dos, 1988-

A produção científica do Museu Nacional/UFRJ como patrimônio para a ciência e a cultura: memória dos periódicos editados até a década de 1940 / Danielle Silva dos Santos. – Rio de Janeiro, 2023. 186 f.; il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Maria Bertol Domingues.

Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2023.

1. Museu Nacional. 2. Biblioteca do Museu Nacional. 3. Periódicos. 4. Produção científica. 5. Memória Institucional. I. Domingues, Heloisa Maria Bertol. II. Museu de Astronomia e Ciências Afins. III. Título.

CDU: 050

Danielle Silva dos Santos

**A produção científica do Museu Nacional/UFRJ como patrimônio para a ciência e a cultura: memória dos periódicos editados até a década de 1940**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

**Orientador:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Maria Bertol Domingues  
PPACT/Museu de Astronomia e Ciências Afins

**Examinador Interno:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Meireles Gesteira  
PPACT/Museu de Astronomia e Ciências Afins

**Examinador Externo:** \_\_\_\_\_

Me. Leandra Pereira de Oliveira  
Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Suplente interno:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Christina Helena da Motta Barboza  
Museu de Astronomia e Ciências Afins

**Suplente externo:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José Veloso da Costa Santos  
FACC/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

## AGRADECIMENTOS

À Deus e Santo Expedito pelo amparo espiritual e ser meu guia nessa caminhada da vida.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Bertol que desde o início acreditou na proposta desse trabalho. Sempre dedicada, entusiasmada e acessível com suas valiosas contribuições para a conclusão dessa dissertação.

À banca de qualificação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José Veloso e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Gesteira, pelos apontamentos necessários para o desenvolvimento desse estudo.

À Leandra Pereira de Oliveira pela compreensão, ajuda e todo o suporte necessário para que eu conseguisse concluir essa pesquisa e o catálogo.

A todo o corpo docente do PPACT/MAST pelos conhecimentos compartilhados que muito colaboraram para esse estudo.

À Soraia Capello, minha maior incentivadora para que eu ingressasse no Mestrado. Sempre compartilhando dicas e conselhos para que enfim eu conseguisse chegar até a reta final desta jornada.

A Leonardo Soares pela disponibilidade e atenção dispensada ao ler essa pesquisa, contribuindo com ótimas sugestões.

À Kamila Medeiros com quem compartilhei minhas aflições, sempre disponível com palavras de apoio e motivação.

Aos meus pais pelo amor e suporte necessário.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização dessa etapa na minha vida. MUITO OBRIGADA!

As imagens do espírito e do conhecimento do homem conservam-se nos livros, isentas dos danos do tempo e capazes de perpétua renovação.

*Francis Bacon*

## RESUMO

SANTOS, D. S. **A produção científica do Museu Nacional/UFRJ como patrimônio para a ciência e a cultura**: memória dos periódicos editados até a década de 1940. 2023. 184 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2023.

Com mais de um século de existência, a Biblioteca do Museu Nacional (BMN), durante sua trajetória acumulou obras de alto valor histórico e cultural que refletem parte de nossa história, sendo de suma importância para o Museu Nacional (MN) e para a sociedade brasileira. O objetivo da presente pesquisa é valorizar o acervo da Biblioteca do Museu Nacional como patrimônio científico e cultural, a partir de um detalhamento dos periódicos e dos trabalhos que foram realizados no MN que trazem uma contribuição importante para a História das Ciências. Tratando-se da primeira instituição de Ciências Naturais do país, o mapeamento de suas publicações, permite fazer um levantamento da produção científica produzida pela Casa proporcionando um novo olhar para esse material, ampliando o alcance a essas fontes de informação e contribuindo para a sua preservação. E com isto, garantir o acesso às gerações futuras. Por ter uma vasta coleção de publicações esta pesquisa delimitou-se ao estudo de periódicos devido ao fato de terem sido uma importante ferramenta de consagração para a instituição. Em relação ao recorte cronológico, adotamos o período de 1876, ano de criação dos “Arquivos do Museu Nacional”, o primeiro periódico brasileiro especializado em Ciências Naturais. E, por também ser considerado o início de um período de ênfase na produção e divulgação científica na instituição. O estudo finaliza na década de 1940 que é quando começa a ocorrer um movimento de fragmentação das áreas do conhecimento. Como exemplo disto cita-se o periódico Boletim do Museu Nacional que a partir de 1942 inicia uma nova série dividindo-se nas áreas do conhecimento: Antropologia, Botânica, Geologia e Zoologia. Como resultado dessa pesquisa foi desenvolvido o catálogo dos periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940, que, além de um instrumento de pesquisa para os usuários da biblioteca, torna-se fonte importante para a História das Ciências Naturais. Esse estudo vem preencher uma necessidade cada vez mais significativa socialmente, que é a valorização da produção científica brasileira.

Palavras-chave: Museu Nacional; Biblioteca do Museu Nacional; periódicos; produção científica; memória institucional.

## ABSTRACT

SANTOS, D. S. **The scientific production of the Museu Nacional/UFRJ as a heritage for science and culture**: memory of the periodicals published until the 1940s. 2023. 184 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2023.

With more than a century of existence, the National Museum Library (BMN), during its trajectory accumulated works of high historical and cultural value that reflect part of our history, being of paramount importance for the National Museum (MN) and for society. Brazilian. The objective of this research is to value the collection of the National Museum Library as a scientific and cultural heritage, from a detailing of the periodicals and works that were carried out in the MN that bring an important contribution to the history of sciences. As it is the first institution of Natural Sciences in the country, the mapping of its publications allows a survey of the scientific production produced by the House, providing a new look at this material, expanding the reach of these sources of information and contributing to its preservation. And with that, guaranteeing access to future generations. Because it has a vast collection of publications, this research was limited to the study of periodicals due to the fact that they were an important tool of consecration for the institution. Regarding the chronological cut, we adopted the period of 1876, the year of creation of the “Archivos do Museu Nacional”; the first Brazilian journal specialized in Natural Sciences. And, because it is also considered the beginning of a period of emphasis on scientific production and dissemination at the institution. The study ends in the 1940s, when a fragmentation of knowledge areas begins to occur. An example of this is the periodical Boletim do Museu Nacional, which from 1942 began a new series dividing itself into the areas of knowledge: Anthropology, Botany, Geology and Zoology. As a result of this research, a catalog of periodicals edited by the National Museum until the 1940s was developed, which, in addition to being a research tool for library users, becomes an important source for the history of Natural Sciences. This study fulfills an increasingly socially significant need, which is the appreciation of Brazilian scientific production.

Keywords: Museu Nacional (Brazil); Biblioteca do Museu Nacional (Brazil); periodicals; scientific production; institutional memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma 1 –	Processo de comunicação científica .....	47
Fluxograma 2 –	Nova estrutura da comunicação científica .....	48
Quadro 1 –	Panorama dos periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940 .....	59
Figura 1 –	Arquivos do Museu Nacional, v. 1 (1876) .....	64
Figura 2 –	Arquivos do Museu Nacional, volume 11 (1901) .....	64
Figura 3 –	Arquivos do Museu Nacional, volume 39 (1940) .....	65
Figura 4 –	Arquivos do Museu Nacional, volume 41 (1948) .....	65
Quadro 2 –	Relação da comissão de redação, tipografia e direção dos Arquivos até a década de 1940 .....	66
Figura 5 –	Estampa Arquivos do Museu Nacional, v. 1 (1876) .....	69
Figura 6 –	Arquivos do Museu Nacional, volume 22 (1919) .....	69
Figura 7 –	Arquivos do Museu Nacional, volume 27 (1926) .....	70
Figura 8 –	Estampa publicada no volume 13 (1905) .....	70
Quadro 3 –	Assiduidade dos autores com maior destaque até a década de 1940 – Revista Arquivos do Museu Nacional .....	71
Quadro 4 –	Temas tratados com maior assiduidade – Arquivos do Museu Nacional .....	72
Figura 9 –	Capa do Boletim do Museu Nacional, v. 3 .....	78
Figura 10 –	Capa do Boletim do Museu Nacional, v. 11 .....	78
Figura 11 –	Capa do Boletim do Museu Nacional, v. 13 .....	79
Figura 12 –	Estampas do Boletim do Museu Nacional: respectivamente, 1924, v. 1, n. 4 e 1929, v. 5, n. 3 .....	80
Figura 13 –	Ilustrações do Boletim do Museu Nacional: respectivamente, 1929, v. 5, n. 4 e 1932, v. 8, n.1 .....	80
Figura 14 –	Fotografias do Boletim do Museu Nacional: respectivamente, 1929, v. 5, n. 3 e 1935, v. 11, n. 3/4 .....	81
Quadro 5 –	Assiduidade dos autores com maior destaque até a década de 1940 – Boletim do Museu Nacional .....	82
Quadro 6 –	Temas tratados com maior assiduidade: Boletim do Museu Nacional .....	83
Figura 15 –	Capa da primeira RNE .....	86

Figura 16 –	Capa dos n. 5 e 6, da RNE, em homenagem a Tiradentes e Alberto Torres .....	87
Figura 17 –	Ilustrações didáticas da Revista Nacional de Educação .....	87
Figura 18 –	Estampa inédita Alexandre Rodrigues Ferreira, RNE, fascículo 1 .....	88
Quadro 7 –	Seções da Revista Nacional de Educação .....	89
Figura 19 –	Revista Nacional de Educação, fascículos 10 e 15 .....	90
Figura 20 –	Revista Nacional de Educação, fascículo 1 .....	91
Quadro 8 –	Assiduidade dos autores com maior destaque: Revista Nacional de Educação .....	92
Quadro 9 –	Temas tratados com maior assiduidade: Revista Nacional de Educação .....	92
Figura 21 –	Capa Manuais do Museu Nacional, n. 1 (1943) .....	94
Figura 22 –	Ilustrações Manuais do Museu Nacional, n. 1 (1943) .....	94
Figura 23 –	Capa Manuais do Museu Nacional, n. 2 (1957) .....	95
Figura 24 –	Capas dos fascículos 1, 2, 3, 4, 5 da Revista do Museu Nacional	97
Figura 25 –	Fascículos 4 e 5 da Revista do Museu Nacional .....	99
Figura 26 –	Revista do Museu Nacional, fascículos 4 e 5 .....	99
Quadro 10 –	Assiduidade dos autores com maior destaque: Revista do Museu Nacional .....	100
Quadro 11 –	Temas tratados com maior assiduidade: Revista do Museu Nacional .....	100
Figura 27 –	Capas dos fascículos 1 e 5 das Publicações Avulsas do Museu Nacional .....	102
Figura 28 –	Ilustrações das Publicações Avulsas do Museu Nacional, fascículos 4 e 5 .....	102
Quadro 12 –	Temas tratados com maior assiduidade pelos artigos: Publicações Avulsas .....	103

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BMN	Biblioteca do Museu Nacional
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCN	Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas
Celin	Centro de Documentação de Línguas Indígenas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Comut	Programa de Comutação Bibliográfica
Faperj	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
Finep	Financiadora de Estudos e Projetos
Ibict	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISSN	Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas
ISO	International Organization for Standardization
Mast	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MEC	Ministério da Educação
MN	Museu Nacional
PPACT	Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia
RNE	Revista Nacional de Educação
SAE	Seção de Assistência ao Ensino
SEC	Seção de Extensão Cultural
Semear	Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional
Sibi	Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ
SRI	Sistema de Recuperação da Informação
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1</b>	<b>O MUSEU NACIONAL E SUA BIBLIOTECA CENTRAL</b> .....	18
<b>1.1</b>	<b>Breve histórico do Museu Nacional</b> .....	18
<b>1.2</b>	<b>A formação e o desenvolvimento da Biblioteca Central do Museu Nacional</b> .....	27
<b>1.3</b>	<b>Biblioteca, também um lugar de memória</b> .....	40
<b>2</b>	<b>A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA DO MUSEU NACIONAL</b> .....	45
<b>2.1</b>	<b>Comunicação científica</b> .....	45
<b>2.2</b>	<b>Periódicos científicos</b> .....	50
<b>2.3</b>	<b>Primeiros periódicos científicos brasileiros</b> .....	56
<b>2.4</b>	<b>A trajetória dos periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940</b> .....	58
<i>2.4.1</i>	<i>Arquivos do Museu Nacional (1876-2010)</i> .....	60
<i>2.4.2</i>	<i>Boletim do Museu Nacional (1923-1941)</i> .....	75
<i>2.4.3</i>	<i>Revista Nacional de Educação (1932-1934)</i> .....	84
<i>2.4.4</i>	<i>Manuais do Museu Nacional (1943-1957)</i> .....	93
<i>2.4.5</i>	<i>Revista do Museu Nacional (1944-1945)</i> .....	96
<i>2.4.6</i>	<i>Publicações Avulsas (1945-2006)</i> .....	101
<b>3</b>	<b>O CATÁLOGO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA</b> .....	104
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
	<b>APÊNDICE A – Catálogo dos periódicos do Museu Nacional até a década de 1940</b> .....	119

## INTRODUÇÃO

O acervo de uma biblioteca é tido como patrimônio bibliográfico, científico e cultural da instituição que a abriga, visto que é onde está localizada parte da produção do conhecimento da comunidade e onde ocorre a organização e representação da informação e do conhecimento em um Sistema de Recuperação da Informação (SRI) que permite o desenvolvimento, ampliação da cultura e conhecimento dos usuários.

Para o antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência, Bruno Latour (2000), as bibliotecas são designadas como um receptáculo provisório, agindo como um ponto central na construção do conhecimento, estando conectada a diversos signos. A biblioteca atua metaforicamente como uma estação de triagem, sendo um lugar de memória da evolução intelectual da humanidade e um espaço que proporciona a circulação do conhecimento. O autor em seu texto ainda correlaciona as bibliotecas aos laboratórios e coleções por serem lugares que se complementam ao gerarem conhecimento e fazerem a informação circular, no qual a biblioteca é considerada o nó dessa vasta rede de circulação.

Com mais de um século de existência, a Biblioteca do Museu Nacional (BMN), durante sua trajetória acumulou obras valiosíssimas que refletem parte de nossa história, sendo de suma importância para o Museu Nacional, para a comunidade científica e até mesmo para a sociedade brasileira.

A formação de sua coleção se iniciou pela doação de coleções especiais e doações espontâneas de pesquisadores e diretores do Museu Nacional, obras que se destacam como raras ou especiais por serem únicas. Dentre elas, destacamos a doação dos livros e periódicos pertencentes à “Comissão Científica de Exploração” iniciada em 1859, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e algumas obras pertencentes à biblioteca particular do Imperador D. Pedro II e de sua esposa Teresa Cristina.

Por estar localizada em um prédio próprio no Horto Botânico, na Quinta da Boa Vista/RJ, o seu acervo felizmente não foi atingido pelo incêndio que destruiu cerca de 80% das coleções do Museu Nacional.

Sendo classificada como uma biblioteca universitária e especializada em Ciências Naturais e Antropológicas, a BMN é parte integrante do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBi) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Com um precioso acervo científico e histórico de indiscutível importância, é essencial no apoio às atividades do Museu e à pesquisa científica. Cunha (1966) ao manifestar essa notoriedade e parceria afirma que

se o Museu representou e representa durante 145 anos um organismo de influência estabelecida em todos os movimentos científicos, industriais e culturais do país, promovendo sempre seus trabalhos no sentido de criar, a

Biblioteca, também acompanhou e participou desses movimentos, pois foi de suas coleções que se formaram os primeiros núcleos estabelecidos de norte a sul do país. Não há estado do Brasil, nem província do Império do Brasil que não tenha usufruído do trabalho e da mão amiga do Museu Nacional, pelas suas coleções, pelos seus pareceres, pelo seu saber. (CUNHA, 1966, p. 59).

Neste vasto acervo que a biblioteca acumula há os materiais produzidos e editados pelo Museu Nacional que são de suma relevância para a comunidade científica e para a memória da instituição.

As publicações editadas pelo Museu Nacional são compostas por: periódicos que abarcam os títulos Arquivos (anteriormente *Archivos*) do Museu Nacional, Boletim do Museu Nacional (que posteriormente foi dividido em séries de acordo com as seguintes áreas do conhecimento: Antropologia, Botânica, Geologia e Zoologia), Revista Nacional de Educação, Manuais do Museu Nacional, Revista do Museu Nacional, Publicações Avulsas; Guias, Quadros Didáticos; Quadros Murais; Relatório Anual do Museu Nacional; Série Livros e Série Livros Digital.

À vista disso a presente pesquisa parte da seguinte pergunta: quais publicações do Museu Nacional, particularmente as periódicas que, enquanto acervo da biblioteca, exerceram papel fundamental na constituição do patrimônio identitário institucional?

A motivação pelo tema de pesquisa decorre da minha atuação profissional como bibliotecária na Biblioteca do Museu Nacional (BMN) e a partir do evento que a equipe da biblioteca organizou em comemoração aos 200 anos do Museu Nacional intitulado “II Seminário Especial: Lugar de Memória: O Acervo da Biblioteca do Museu Nacional como Patrimônio Cultural”. O evento compreendia a BMN como lugar de memória, no qual os palestrantes debateram os conceitos de memória e identidade. O evento também trouxe relatos de professores da Casa a respeito da importância do acervo na memória e construção identitária da instituição.

O objetivo deste trabalho é valorizar o acervo da Biblioteca do Museu Nacional como patrimônio científico e cultural, a partir de um detalhamento dos periódicos e dos trabalhos que foram realizados no MN que trazem uma contribuição importante para a História das Ciências.

Estabelecemos como objetivos específicos:

- a) contextualizar a trajetória da BMN, na história do Museu Nacional, mostrando a relevância do acervo de periódicos para a formação e o desenvolvimento do seu acervo em geral e afirmação da identidade institucional;
- b) mapear cada um dos periódicos produzidos pelo Museu Nacional até a

década de 1940, analisando as diferentes trajetórias, seus editores e temáticas priorizadas, vendo-as como patrimônio científico cultural brasileiro e parte da formação identitária da instituição;

- c) discriminar os periódicos publicados pelo Museu Nacional enquanto instrumentos de comunicação científica;
- d) contribuir com um catálogo dos periódicos do Museu Nacional incluindo a classificação dos autores, artigos, área do conhecimento, temporalidades; ressaltando a efetividade desse instrumento da biblioteca que se constitui, ao mesmo tempo, numa base historiográfica das Ciências Naturais e Antropológicas.

Tratando-se da primeira instituição de Ciências Naturais do país, o mapeamento de suas publicações, permite fazer um levantamento da produção científica da instituição, proporcionando um novo olhar para esse material, ampliando o alcance a essas fontes de informação e contribuindo para a sua preservação, garantindo, assim, o acesso às publicações às gerações futuras.

Por ter um vasto acervo em diferentes suportes, esta pesquisa delimitou-se ao estudo de periódicos editados pelo Museu devido ao fato de terem sido importantes fontes de consagração para a instituição.

Considera-se neste texto o conceito de Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia pautado no

conjunto tangível e intangível relacionado à C&T, a que se atribuem valores que justificam a sua preservação para as futuras gerações. Inclui o conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além dos saberes, das práticas de ensino e pesquisa, e de **todos aqueles artefatos e espécimes que são testemunhos dos processos científicos, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, considerando documentos em suporte papel** (arquivísticos e bibliográficos), instrumentos científicos, máquinas, montagens, coleções científicas de natureza diversa como arqueológicas, etnográficas, biológicas, além de construções arquitetônicas produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos (laboratórios, observatórios, paisagens e jardins) (GRANATO; SANTOS, 2015, p. 79-80, grifo nosso).

Diante disso, os periódicos editados pelo Museu Nacional são considerados como parte importante do patrimônio cultural da instituição e das Ciências Naturais, e que vem preencher uma necessidade cada vez mais significativa socialmente, que é a valorização da produção científica brasileira.

Fundamentado na teoria de Garvey e Griffith (1972), Meadows (1999), Targino (2000), Le Coadic (2004) e Mueller (2000a) a comunicação científica é vista como o cerne da ciência.

Formada por um conjunto de atividades, um pesquisador e sua produção científica só consegue adquirir notoriedade após a disseminação de seus resultados à comunidade científica, esse processo sistematizado e integrado também garante a circulação do fluxo informacional que resulta na geração de novas descobertas e inovações.

Conforme sintetiza Targino (2000, p. 10):

A comunicação científica é indispensável à atividade científica, pois permite somar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas. Eles trocam continuamente informações com seus pares, emitindo-as para seus sucessores e/ou adquirindo-as de seus predecessores. É a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que produto e produtores se inserem.

Devido a relevância da comunicação científica para a ciência e o periódico como um importante instrumento nesse processo, em 1876, o Museu começou a publicar os Arquivos do Museu Nacional, com o intuito de registrar e disseminar as pesquisas científicas ali realizadas. Esta publicação foi um marco para a instituição, pois a partir de sua criação passou a ter bastante prestígio da comunidade científica nacional e internacional. Além do mais, o periódico foi extremamente significativo para o crescimento e enriquecimento do acervo da BMN, pois por meio desta publicação a Biblioteca iniciou o sistema de permuta<sup>1</sup> de publicações mantido até hoje com diversas instituições nacionais e internacionais.

A permuta de impressos resultou na ampliação da sua rede de sociabilidade e difusão da produção científica. Ao circular por diferentes lugares as ideias contidas nas publicações do MN ultrapassaram fronteiras geográficas e sociais sendo vistas como um elemento preponderante nesse processo dinâmico da circulação do conhecimento tanto no Brasil quanto no estrangeiro. Além de ser uma evidência de que no país já eram realizadas atividades científicas contrariando o eurocentrismo. Kapil Raj (2007, p. 177), pesquisador e historiador da ciência que defende o conceito da circulação do conhecimento como contribuição para o processo do desenvolvimento das ciências e das técnicas afirma que:

assim, mais do que por caminhos lineares de difusão ou de transferência, é por processos de circulação dos homens e das práticas, das informações e dos saberes, dos instrumentos e dos objetos, que as ciências e as técnicas se desenvolvem. Estes mesmos processos permitem a sua apropriação e naturalização em diferentes localidades, originando práticas ancoradas nestes diferentes lugares conectados pelos seus trajetos.

---

<sup>1</sup> A permuta é um processo bastante comum para a aquisição de materiais de informação entre entidades. É uma opção economicamente vantajosa, pois devido aos constantes cortes orçamentários sofridos pelas bibliotecas esta era a única forma de conseguir manter o acervo atualizado. Além disso, a permuta pode resultar na aquisição de uma publicação que não está disponível para compra (ANDRADE; VERGUEIRO, 1996).

Em relação ao recorte cronológico da pesquisa adotamos o período de 1876, ano de criação dos Arquivos do Museu Nacional, o primeiro periódico brasileiro especializado em Ciências Naturais, bem como, por também ser considerado o início de um período de ênfase na produção e comunicação científica na instituição, conforme é afirmado na publicação que apresenta a historiografia do Museu Nacional.

Quando o Doutor Ladislau de Souza Mello e Netto assumiu a direção do Museu Nacional, encontrou as condições próprias para trabalhar e produzir aquele que ficou conhecido, nas palavras de Baptista Lacerda, como o “período mais fecundo, de maior atividade e de mais intenso brilho na história do Museu Nacional”, uma verdadeira época de ouro para a instituição”. Nesse período, as exposições, a educação, o ensino e as publicações científicas foram entendidas como fator fundamental para a disseminação do conhecimento (BIENE; SANTOS, 2007, p. 18).

Finalizaremos a análise na década de 1940 que é quando inicia a gestão da diretora Heloisa Alberto Torres no Museu Nacional que valoriza a divulgação científica e dá continuidade à função educativa do Museu. Além disso, nesta época também começa a ocorrer um movimento de fragmentação das áreas do conhecimento. Como exemplo disto, é o periódico Boletim do Museu Nacional que a partir de 1942 inicia uma nova série dividindo-se nas áreas do conhecimento: Antropologia, Botânica, Geologia e Zoologia.

Os periódicos manifestam e registram a trajetória da instituição no qual iremos observar as diferentes fases percorridas pelo Museu Nacional neste recorte cronológico que serão desveladas no decorrer deste trabalho.

Dando continuidade ao desenvolvimento da pesquisa foi realizado um levantamento das obras editadas pelo Museu Nacional. Esse levantamento da produção científica teve o intuito de buscar a sua originalidade ou importância para o desenvolvimento das áreas de Ciências Naturais e Antropológicas. Essa etapa foi essencial para mapear a trajetória das áreas de pesquisa, o impacto dessas publicações para a produção científica, as características da instituição proporcionando um panorama histórico do acervo.

Como resultado deste estudo foi desenvolvido o catálogo dos periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940, que, além de um instrumento para usuários da biblioteca, torna-se fonte importante para a história das Ciências Naturais. Ademais, partindo do pressuposto de que o mestrado profissional deve contribuir para a produção e aplicação do conhecimento embasado, o catálogo também consiste no produto técnico científico desta pesquisa.

A construção do catálogo consistiu na elaboração de uma planilha onde foram mapeados e reunidos os metadados<sup>2</sup> de acordo com características bibliográficas dos artigos

---

<sup>2</sup> “Metadados são dados estruturados que descrevem, identificam, explicam, localizam e, portanto, facilitam a recuperação, uso e gestão de recursos de informação. No contexto bibliotecário, os

contidos em cada periódico selecionado, tais como: data, autor, título e área do conhecimento, o que constitui o catálogo. Foram mapeados ao todo seis publicações, a saber: Arquivos do Museu Nacional, Boletim do Museu Nacional, Revista Nacional de Educação, Manuais do Museu Nacional, Revista do Museu Nacional, Publicações Avulsas.

É importante ressaltar que esta inquietação a respeito das publicações do Museu Nacional começou há décadas pela bibliotecária, Dulce F. Fernandes da Cunha, que exerceu sua função na biblioteca durante quarenta e dois anos. Ao escrever o livro “A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro 1863-1963”, terceira obra publicada pela Série Livros Museu Nacional, relatou primorosamente a história da BMN baseando-se em documentos existentes nos arquivos do Museu e no qual dedicou uma seção da publicação para apontar uma relação sumária dos materiais editados pela instituição e frisou a necessidade de existir um trabalho mais específico que listasse a produção científica do MN.

Décadas depois, em 2018, em comemoração ao bicentenário da instituição e com o propósito de atender às contínuas demandas de pesquisadores para acessar os periódicos da instituição, a Comissão de Publicações do Museu Nacional, lançou um catálogo envolvendo apenas o título “Arquivos do Museu Nacional” que faz parte da Série Livros Digital, 14.

Por causa dessa carência de acesso aos que se interessam pela produção científica do Museu Nacional o catálogo deste estudo vem ao encontro das propostas já realizadas e com a finalidade de dar continuidade a estes trabalhos. Além disso, esta pesquisa será de grande relevância para a instituição devido à escassez de estudos realizados acerca dessas publicações e como uma forma de contribuir para a recuperação da produção científica perdida em razão do fatídico incêndio que destruiu grande parte do acervo histórico e científico do Museu Nacional e conseqüentemente parte das ciências no Brasil.

O desenvolvimento deste trabalho encontra-se estruturado em três capítulos definidos pelos objetivos específicos recortados da seguinte maneira: capítulo um tratará de uma breve abordagem sobre a história do Museu Nacional; o desenvolvimento e significado da Biblioteca Central na história do Museu Nacional. Também nesta seção será abordado a relevância da biblioteca como um lugar de memória.

No capítulo dois abordaremos as publicações do Museu Nacional e suas trajetórias. Introduzimos o assunto dissertando sobre a comunicação científica: base para o desenvolvimento da ciência e o papel dos periódicos científicos nesse processo. A seguir será realizado um levantamento geral das publicações, mostrando exemplos significativos da importância desses periódicos para a memória científica; relatando dados sobre o seu surgimento, período de publicação, quais as temáticas que abrangem, quem é o responsável

---

metadados são comumente usados para quaisquer esquemas formais de descrição de recursos, aplicados a qualquer tipo de objeto, seja ele digital ou não” (LEITE, 2009, p. 60).

pela edição por cada periódico; qual a abrangência pública ou social de cada uma dessas publicações; dificuldades e sucessos. O capítulo três será dedicado aos catálogos bibliográficos. Será abordado a relevância do catálogo como um instrumento de pesquisa e recuperação da informação bibliográfica. A apresentação do produto técnico científico da dissertação: O catálogo das publicações periódicas do Museu Nacional até a década de 1940 encontra-se no apêndice.

## 1 O MUSEU NACIONAL E SUA BIBLIOTECA CENTRAL

Apesar de ter sido oficializada 45 anos após a criação do Museu Nacional, a biblioteca, sempre esteve envolvida com a história do Museu se fazendo presente e apoiando todas as atividades da instituição. Na primeira seção deste capítulo será apresentado um breve histórico do Museu Nacional; na seção seguinte veremos o processo de formação da biblioteca, do seu acervo e o seu desenvolvimento até os dias atuais, ressaltando a importância de sua existência para a instituição. Também nesta seção mostrará a faceta das bibliotecas como um lugar de memória.

### 1.1 Breve histórico do Museu Nacional

Com a chegada da Família Real no Brasil, em 1808, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se centro das decisões políticas no Reino português. Nesta época sucederam diversas iniciativas a fim de promover o progresso cultural e econômico no país.

Para conseguir atingir no Brasil o desenvolvimento da arte, ciência e intelectualidade foram criadas diversas instituições no país como o Jardim Botânico (1808), a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica (1808), a Biblioteca Nacional (1810), a Real Academia de Belas Artes (1816) e o próprio Museu Nacional (1818) (BIENE; SANTOS, 2007).

O Museu Nacional foi criado em 06 de junho de 1818 a partir de um decreto assinado por D. João VI com o intuito de fomentar o progresso científico da nação e assim contribuir para o seu desenvolvimento. É o mais antigo museu brasileiro e uma das primeiras instituições científicas do Brasil.

Em seu decreto de criação, D. João VI manifesta:

Querendo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais do Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes que muito desejo favorecer, como grandes mananciais de riqueza: Hei por bem que nesta Corte se estabeleça um Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, máquinas e gabinetes que já existem dispersos lugares; ficando tudo a cargo das pessoas que eu para o futuro nomear (MUSEU NACIONAL, 2020b, p. 4).

Não podemos deixar de mencionar a forte influência da princesa Leopoldina de Habsburgo – futura Imperatriz, para a criação à época do Museu Real. Estudiosa das áreas de Geologia e Mineralogia, a arquiduquesa tinha um grande interesse pelas Ciências Naturais

e inclusive trouxe em sua comitiva nupcial, um grupo de naturalistas que compuseram uma missão científica austro-bávara, em 1817 (DANTAS, 2022; LOPES, 2009).

Desde a sua criação o Museu acompanhou as transições do país em relação às formas de governo e passou por diferentes ministérios, a saber: Ministério dos Negócios do Reino (1818-1822), Ministério dos Negócios do Império (1822-1868), Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (1868-1890), Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos (1890-1892), Ministério da Justiça e Negócios Interiores (1892-1909), Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (1909-1930), Ministério da Educação e Saúde Pública (1930-1937). E por fim, a partir de 1937, o Museu foi anexado à Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), com sua corporação efetivada em 1946 (DANTAS, 2022).

Devido a essas mudanças políticas ocorridas no Brasil, teve a sua denominação alterada algumas vezes: Inicialmente denominado como Museu Real, após o retorno de seu fundador para Portugal e posteriormente com a Independência do Brasil, em 1822, sob o reinado de D. Pedro I a instituição passa a ser chamada de Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro. Com a Proclamação da República é intitulado como Museu Nacional. Atualmente, é reconhecida como Museu Nacional, da UFRJ (BIENE; SANTOS, 2007; DANTAS, 2022).

Localizado a princípio no Campo de Santana, no Rio de Janeiro, teve como formação de seu primeiro acervo o espólio das coleções existentes da Casa de História Natural - popularmente conhecida como Casa dos Pássaros (criada pelo vice-rei D. Luis de Vasconcelos e Souza, em 1784), que abrigava uma coleção significativa de exemplares da fauna e da flora brasileira. A instituição contou também com objetos de arte e da Antiguidade doados pela família real, peças etnográficas, a coleção mineralógica adquirida pela coroa portuguesa no fim do século XVIII, conhecida como Coleção Werner e doações de naturalistas estrangeiros (BIENE; SANTOS, 2007; DANTAS, 2022).

O primeiro diretor do Museu Nacional, no período de 1818 a 1823 foi frei José da Costa Azevedo, que já exercia o cargo de diretor do Gabinete Mineralógico da Academia Militar. Segundo Lacerda (1905, p. 7) o cientista e teólogo “sentia o desejo de levar adiante a útil criação de D. João VI, e não poupava esforços nem trabalho para melhorar, cada vez mais, o estabelecimento confiado à sua guarda e direção.”

Em 1819, o Museu já dispunha de um acervo que envolvia quatro grandes salas revestidas de armários cheios de materiais de história natural, de raridades, antiguidades e curiosidades. Entretanto, apenas em 1821 suas exposições foram abertas ao público. Nesta época o seu quadro de funcionários era constituído apenas pelo diretor, porteiro, um ajudante de preparações zoológicas, um escriturário e um escrivão de receita e despesa (BIENE; SANTOS, 2007; DANTAS, 2022).

Com a independência, em 1822, o Brasil precisa ser estabelecido como nação, sendo necessário fortalecer as suas instituições culturais e científicas. Diante disto, o período regido por D. Pedro I é marcado pelo desenvolvimento e investimento no acervo do Museu Nacional. Com doações importantes do próprio imperador, destaca-se como a mais rica as múmias, sarcófagos e parte da coleção egípcia, adquirido em 1826, num leilão da Alfândega, por sugestão de José Bonifácio de Andrada e Silva (BIENE; SANTOS, 2007). Além disso, quando José Bonifácio ocupou o cargo de Secretário do Estado dos Negócios do Reino e Estrangeiros do Império estabeleceu que naturalistas estrangeiros deveriam conceder ao Museu parte das peças colhidas em suas viagens no Brasil com o objetivo de ampliar o seu acervo (BIENE; SANTOS, 2007; MUSEU REAL, [2002?]).

Neste período, João da Silveira Caldeira assumia a direção do Museu Nacional e em 1824 instalava na instituição um laboratório químico, que seria o primeiro do país destinado “a identificação e classificação dos produtos, que afinal se acumulavam no museu, exatamente para serem analisados, identificados, classificados e rotulados segundo suas propriedades e utilidades” (LOPES, 2009, p. 65).

Com o fim do Primeiro Reinado, o Museu Nacional, se consolidava como um dos mais promissores e relevantes museus do mundo (BIENE; SANTOS, 2007). Em 1838 foi realizado o primeiro inventário de seu acervo no qual a instituição já acumulava: 4.961 produtos zoológicos, 1.600 botânicos, 4.516 mineralógicos, 1.105 moedas e medalhas, 62 quadros, 30 modelos de máquinas industriais, 5.181 instrumentos de física e química e cerca de 500 peças de Arqueologia e Etnografia (LEITÃO, 1937).

Sob a gestão de frei Custódio Alves Serrão (1828-1847), em 1840, o Museu era organizado em quatro seções: 1ª – Anatomia Comparada e Zoologia; 2ª – Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas; 3ª – Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas, e 4ª – Numismática, Artes Liberais, Arqueologia, Usos e Costumes das Nações Antigas e Modernas (DANTAS, 2022).

Em 1840, com o país já vivenciando o Segundo Reinado, o Brasil passou a ser governado por D. Pedro II. Conhecido por seus interesses multidisciplinares e entusiasta das ciências, procurava estar sempre atualizado pelas inovações científicas e artísticas que aconteciam no mundo.

Por conseguinte, D. Pedro II foi um grande incentivador para as atividades do Museu Nacional. Em seu período foi liberada verba para as primeiras coletas de produtos naturais e espécimes de material etnográfico da Amazônia e o incentivo à participação nas “exposições universais” para a divulgação do Brasil e suas instituições (BIENE; SANTOS, 2007). Ademais fomentou a aquisição de acervos bibliográficos, botânicos, arqueológicos, geológicos, incluindo as providências para o traslado do meteorito Bendegó (maior meteorito brasileiro e

um dos maiores do mundo) que passou a fazer parte do acervo do MN, em 1888 (BIENE; SANTOS, 2007; MUSEU NACIONAL, 2020b).

Domingues (2018) ressalta que no século XIX, o MN vivia a era dos viajantes. Desde a criação do Museu foi instituído o cargo de viajante naturalista que eram estudiosos contratados para coletar material botânico, mineral ou zoológico no interior. Nesta época destaca-se a contribuição de Jacques Brunet, que coletou material geológico desde a Província do Pará até Pernambuco, em 1860; Alfredo Soyer de Gand e Carlos Schreiner que coletaram material nas províncias do Pará e Amazonas, em 1876 e Fritz Müller realizando pesquisas zoológicas e botânicas, entre os anos 1876 e 1891, no Sul do país na província de Santa Catarina.

Foi também durante o Reinado de D. Pedro II que o monarca convidou Ladislau de Souza Mello e Netto (1874-1893) a ocupar o cargo de diretor do Museu Nacional e com o incentivo do imperador conseguiu realizar diversas benfeitorias e transformações na instituição. Lacerda (1905, p. 37) caracteriza esse período como

início do período mais fecundo, de maior atividade e de mais intenso brilho na história do Museu Nacional. Ele cresceu muito no valor do cabedal que possuía e na reputação científica que já havia adquirido, até nivelar-se com as melhores instituições congêneres existentes em outros países da Europa e da América.

Durante a gestão de Netto foram estabelecidos três regulamentos sob a sua influência: os de 1876, 1888 e 1890, com a finalidade de organizar o funcionamento e as pesquisas da instituição. No Regulamento do Museu Nacional de 1888 que se manteria nos regulamentos seguintes, o Museu passava a ser estruturado em 4 seções: 1ª seção – Zoologia, Anatomia e Embriologia comparada; 2ª seção – Botânica; 3ª seção – Mineralogia, Geologia e Paleontologia; 4ª seção – Antropologia, Etnologia e Arqueologia (LOPES, 2009).

Com Netto na direção, o Museu passou a dar maior atenção ao ensino, educação e comunicação científica. Foram reformuladas as atividades do Museu, a instituição se inseriu no cenário científico internacional por meio da criação do primeiro periódico científico dedicado às Ciências Naturais – os Arquivos do Museu Nacional, ocorreu a fundação do laboratório de Fisiologia Experimental sob a chefia do cientista Louis Couty e a implementação dos concursos públicos (BIENE; SANTOS, 2007; DANTAS, 2022; MUSEU NACIONAL, 2008).

Destaca-se também em sua gestão a realização de cursos iniciados em 1876 contribuindo para a divulgação científica e instrução popular. Segundo Sá e Domingues (1996) os “Cursos Públicos do Museu Nacional” abordavam as disciplinas de Botânica, Agricultura, Geologia, Mineralogia, Antropologia e Zoologia e eram ministrados pelos responsáveis de cada seção que compunha o corpo técnico do Museu Nacional. Em 1888, os cursos foram suspensos devido às dificuldades de conciliar as atividades didáticas com as tarefas

recorrentes no Museu Nacional. Sendo assim, a partir de então seriam realizadas apenas conferências extraordinárias.

Com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, o imperador D. Pedro II e sua família foram banidos do Brasil. Exilados na França e sem poder levar seus pertences, deixaram em sua residência, Paço de São Cristóvão, um valioso legado. Grande parte de seus bens foram leiloados, outros incorporados no acervo do Museu Nacional e uma parte doados para outras instituições. Em 1891 o palácio da família imperial se tornou sede da primeira Assembleia Constituinte Republicana (BIENE; SANTOS, 2007).

Em 25 de julho de 1892, o palácio que foi residência de D. João VI e dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, o Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, passou a ser a sede do Museu Nacional sendo atendida às solicitações do então diretor Ladislau Netto (BIENE; SANTOS, 2007; CUNHA, 1966).

Segundo Cunha (1966) o objetivo do diretor com a mudança não era apenas ocupar o prédio, mas também todo o parque no qual pretendia montar um grande polo de pesquisa, melhorando os estudos dos naturalistas.

O processo de mudança e transporte de acervo foram realizados durante a gestão de Amaro Ferreira das Neves Armond (interino 1892-1893), seguido da direção de Domingos José Freire (1893-1895). Entretanto foi durante o mandato de João Batista de Lacerda (1895-1915) que foram resolvidas as questões de adaptação e reorganização das coleções, laboratórios e exposições (BIENE; SANTOS, 2007).

O Museu Nacional inicia uma nova fase enfrentando o desafio de se reorganizar em sua nova sede. Em 1900 com a presença do presidente da República Campos Sales, o MN abre suas exposições permanentes ao público em seu novo espaço (BIENE; SANTOS, 2007).

No ano de 1905, o então diretor João Baptista de Lacerda publica o documento “Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro: recordações históricas e científicas fundadas em documentos autênticos e informações verídicas” uma importante obra que apresenta a historiografia do Museu até aquele ano (BIENE; SANTOS, 2007). Com a publicação deste livro Lacerda sinaliza as providências que deveriam ser tomadas na instituição como “o restabelecimento dos lugares de naturalistas viajantes e a facilidade de adquirir pessoal suficientemente habilitado, nacional ou estrangeiro.” (LEITÃO, 1937, p. 185). Posto isso, em sua gestão passam a integrar o quadro do Museu Nacional: Domingos Sergio de Carvalho, Ernesto Hemmendorff, Pedro Dusen, Alípio de Miranda Ribeiro, Alberto José Sampaio, Edgard Roquette-Pinto e Julio Cezar Diogo. Em 1911, os cursos públicos também foram retomados na instituição.

Em 1923, Arthur Neiva assume a direção, permanecendo no cargo até 1926. Neste período, é criado o segundo periódico da instituição, o Boletim do Museu Nacional, mais uma iniciativa importante para fortalecer ainda mais a comunicação científica do Museu Nacional.

Consolidado como uma instituição de pesquisa e ensino, é durante a direção de Arthur Neiva que há os registros da visita de ilustres pesquisadores destacando-se: o físico alemão Albert Einstein, em 1925; a cientista Marie Sklodowska Currie, em 1926; o aeronauta e inventor brasileiro Santos Dumont e o sertanista brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon, em 1928 (BIENE; SANTOS, 2007; MUSEU NACIONAL, 2022).

Também na década de 1920 a preocupação com a função educativa do Museu torna-se uma constante na instituição. O Museu inicia projetos no campo educacional e busca meios para popularizar a ciência entre o grande público. Neste período foram desenvolvidos materiais para dinamizar o ensino das áreas de História Natural, como quadros murais que eram enviados a escolas e o Museu também recebia professores e alunos para tirar dúvidas.

Essa guinada para a educação geral, dirigida aos escolares do 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> graus, surgiu, em parte, do esvaziamento dos museus como polos de produção científica e do aparecimento de novos centros de pesquisa mais dirigidos. Contudo, decorria também do movimento mais geral de busca de “civilização” nacional pela educação que caracterizou quase toda a vida intelectual do país no entreguerras (DANTAS, 2022, p. 105).

Sob a gestão de Edgar Roquette Pinto (interino: 1926-1927; comissão: 1927-1936), o Museu Nacional, vivenciava uma fase voltada a função educacional dos museus realizando trabalhos destinados à divulgação e ao ensino das Ciências Naturais (CUNHA, 1966; MUSEU NACIONAL, 2008). Em 1927 foi criado o primeiro setor educativo de um museu brasileiro - a Quinta Seção de Assistência ao Ensino de História Natural, que mais tarde viria a ser denominada Seção de Assistência ao Ensino (SAE)<sup>3</sup>, e iniciada a Revista Nacional de Educação publicada de 1932 a 1934, além disso Roquette Pinto também promoveu a elaboração de filmes científicos<sup>4</sup> (MUSEU NACIONAL, 2008).

No ano de 1931 o Museu passa por mais uma reforma estrutural sendo composto por cinco seções: 1<sup>a</sup> – Mineralogia e Geologia/ Estratigrafia e Paleontologia; 2<sup>a</sup> – Botânica; 3<sup>a</sup> – Zoologia: Vertebrados/ Invertebrados; 4<sup>a</sup> – Antropologia/ Etnografia; 5<sup>a</sup> – História Natural e Serviço de Assistência ao Ensino (DANTAS, 2022).

---

<sup>3</sup> “A SAE foi criada com a finalidade de cuidar das coleções didáticas de História Natural e, na concepção de seu fundador, ela intermediaria as demais seções e suas produções científicas direcionadas ao atendimento do público” (RANGEL, 2010 *apud* SILVA, 2019, não paginado).

<sup>4</sup> As primeiras iniciativas de utilização do cinema como auxiliar na pesquisa científica e no ensino no Brasil surgiram com a filмотeca do Museu Nacional e Roquette-Pinto, cujo objetivo era fazer sessões abertas ao público sobre História Natural e expedições antropológicas. Esses filmes também eram registros de pesquisas do museu ou registros das explorações da “marcha para o oeste” brasileira. Alguns títulos de filmes produzidos: Sucuri, Crustáceo d’água doce, Crocodilos, Echinodermas, Polvo, Abelhas, Plantas que capturam insectos. Além de produções próprias, a filмотeca reunia documentários produzidos pela Comissão Rondon, considerados como os primeiros filmes científicos nacionais, ao lado de Formas nervosas e Tripanossomíase, de Carlos Chagas (1878-1934), filmado em 1912 pelo cientista. (AMORIM; RAMALHO; FONTANETTO, 2009a; DELFINO, 2020).

Em 1937, assume a diretoria Heloisa Alberto Torres (1937-1955), a primeira mulher a ser nomeada à direção do MN. Dentre suas inúmeras iniciativas destaca-se a parceria com instituições estrangeiras: formando uma cooperação científica foram recebidos um grupo de antropólogos da Universidade de Columbia, dos Estados Unidos, para estagiar na Seção de Antropologia do Museu durante dois anos. Além disso, trabalharam no museu ilustres antropólogos como Claude Levi-Strauss, Ruth Landes, Charles Walter Wagley, Luiz de Castro Faria, Raimundo Lopes da Cunha e Edison Carneiro (BIENE; SANTOS, 2007).

Neste período, foi criada pelo Regimento Interno, aprovado no Decreto-lei nº 2.974, de 23 de janeiro de 1941, a Seção de Extensão Cultural (SEC)<sup>5</sup>. De acordo com Sabrina Oliveira (2013), esta seção era uma reformulação da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural, no qual abarcava mais atividades e de maior complexidade. Com o objetivo de progredir com a sua função educativa uma das maiores mudanças foi a contratação de técnicos educacionais para atuarem nos serviços voltados ao grande público que até então eram executados pelos naturalistas. Em 1944, com a colaboração da SEC era lançada a Revista do Museu Nacional.

Foi também na direção da antropóloga que o corpo técnico da instituição foi renovado com o ingresso de novos pesquisadores por meio de concurso público para as divisões de Antropologia, Botânica, Geologia e Ecologia (MUSEU NACIONAL, 2008).

Ainda durante o mandato de Torres, em 1946, o mais antigo museu do país, passa a incorporar a recém-formada Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). De acordo com o decreto nº 21.321, de 18 de julho de 1946, o Museu passava a ser classificado como instituição nacional, com prerrogativas idênticas às das escolas e faculdades. A partir de então, sua estrutura administrativa e acadêmica passou a sofrer transformações para melhor adequar-se à estrutura da universidade (DANTAS, 2022).

Essa reestruturação administrativa não foi bem aceita por Heloisa Alberto Torres e por grande parte dos colaboradores do MN na época. Vale ressaltar que o Museu sempre exerceu um significativo papel político e social no Brasil e este vínculo representava o fim da ligação da instituição com os setores econômicos do país, reduzindo a sua missão apenas ao ensino e/ ou divulgação das ciências. Além disso, segundo a diretora, esta fusão conseqüentemente ocasionaria a redução da autonomia institucional do Museu. Com um forte engajamento político, Torres, na época, manifestou veementemente contra esta decisão justificando que um museu de dimensão nacional não caberia ser incorporado à estrutura de uma universidade (DOMINGUES, 2010).

---

<sup>5</sup> A Seção de Extensão Cultural foi criada com o intuito de divulgar conhecimentos de ciências naturais e antropológicas e assistir professores no ensino dessas ciências. Com a contribuição do educador Paschoal Lemme, a seção era dividida em três setores específicos e interdependentes: os serviços de publicação, exposição e assistência ao ensino (OLIVEIRA, S., 2013).

Ao ser incorporada à Universidade, o Museu intensificou suas atividades de pesquisa e acadêmica.

O Museu Nacional foi anexado à Universidade do Brasil com as seguintes finalidades: coligir, classificar e conservar materiais, organizando coleções em séries e exposições pública; realizar estudos e pesquisas; divulgar conhecimentos e cooperar com as escolas e faculdades da Universidade do Brasil com fins de ensino e pesquisa (MUSEU NACIONAL, 2008).

Durante a gestão do entomólogo José Candido de Mello Carvalho (1955-1961), o Museu ganhou um novo fôlego: as exposições foram remodeladas no intuito de atrair mais visitantes e conquistar um público não especializado em conteúdo científico. A partir de 1956 foram reabertas as salas de paleontologia brasileira, evolução humana e protozoários e em 1962 reinauguraram as salas de zoologia. Contudo, na década de 1960, o país enfrentava profundas mudanças políticas e neste período conturbado economicamente a gestão do Museu Nacional foi duramente afetada ocasionando em falta de investimento e um precário estado de conservação (BIENE; SANTOS, 2007).

Em 1971, as divisões do Museu Nacional passaram a constituir departamentos. Foi nesse período que a Divisão de Zoologia se subdividiu em três departamentos: Entomologia, Invertebrados e Vertebrados. A Divisão de Geologia também se fragmentou, em Geologia e Paleontologia, mas logo depois foi reunida, formando o atual Departamento de Geologia e Paleontologia. Neste ano, a Divisão de Ensino voltou à denominação de Seção de Assistência ao Ensino, que é mantida até hoje (DANTAS, 2022).

Nas décadas de 1980 e 1990, os cortes orçamentários perduravam e a instituição enfrentava sérias dificuldades financeiras. Agravaram-se os problemas relacionados à falta de espaço, a conservação de suas exposições e do Palácio. Apesar de ter havido projetos de revitalização no final da década de 1990, foi nos anos 2000 que iniciou uma audaciosa iniciativa para revigorar a instituição. Em 2003 é realizada uma reunião interministerial com o intuito de reunir verbas do governo federal para revitalizar o Museu Nacional. Assinado pelo Ministério da Educação (MEC) e Ministério da Cultura (MinC), este programa dá início em 2006 visando a restauração e a modernização da estrutura e das instalações da instituição. O projeto contemplava ações de: preservação das coleções científicas, ampliação do Museu Nacional, conservação e restauração do Paço de São Cristóvão e a expansão e reformulação das exposições (BIENE; SANTOS, 2007).

A instituição apresenta atualmente uma estrutura composta por seis departamentos: Antropologia, Botânica, Entomologia, Geologia e Paleontologia, Invertebrados e Vertebrados. Além dos departamentos, o Museu conta com seções tais como a Seção de Museologia, a Seção de Assistência ao Ensino, o Núcleo de Atendimento ao Público, a Biblioteca e a Seção de Memória e Arquivo, entre outras (GUIA..., 2021).

Com o status de um dos maiores e mais importantes acervos científicos da América Latina com o acúmulo de mais de 20 milhões de itens de uma extensa variedade de coleção nas áreas de Antropologia, Biologia, Botânica, Arqueologia, Zoologia, Etnologia, Geologia, Paleontologia e documentos da época do Império, o Museu Nacional completou 200 anos de existência em junho de 2018 (ALMEIDA, 2018; MUSEU NACIONAL, 2020). Porém, ainda enfrentando profundos cortes orçamentários que prejudicavam o desenvolvimento, a salvaguarda de coleções e a estrutura física do prédio, conforme afirma Almeida (2018, p. 63-64) em seu artigo em homenagem ao MN:

O local [sala que abriga o fóssil do *Maxakalisaurus topai*], um dos mais populares entre os visitantes, está fechado devido a um ataque de cupins que ruiu sua estrutura. [...] A instituição tem problemas que vão além de sua estrutura física, como as ameaças de quebra de contrato com empresas que prestam serviços terceirizados. Contratos de serviços básicos como limpeza, vigilância, o que já motivou alertas e até fechamentos de exposições nos últimos anos. [...] A bela fachada do palácio imperial não esconde infiltrações, há fios elétricos expostos e paredes com mofo no prédio histórico.

Em virtude do bicentenário, foram elaboradas uma série de atividades gratuitas para celebrar junto ao público esta data esplêndida. Além das exposições no Palácio foi também montada uma tenda na Alameda das Sapucaias, na Quinta da Boa Vista, com oficinas e atividades lúdicas. Neste mesmo ano, a instituição também foi tema da escola de samba Imperatriz Leopoldinense com o samba enredo “Uma Noite Real no Museu Nacional”.

Tendo o paleontólogo Alexander Kellner (2018- ) como diretor, havia o planejamento de reestruturação no prédio como a retirada da parte administrativa do Palácio e a busca por parcerias para revitalizar e ampliar a sua missão educativa, científica e cultural. O período era de esperança para reerguer a instituição. Durante a cerimônia comemorativa de 200 anos a chefe do Departamento de Economia da Cultura do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) anunciou recursos financeiros destinados à recuperação física do prédio histórico e dos acervos e a revitalização do entorno do museu (BNDES..., 2018).

Infelizmente, esses bons ventos que a instituição ansiava viver não se concretizaram. Poucos meses depois, no dia 02 de setembro de 2018, um fatídico incêndio destruiu o edifício e grande parte do acervo histórico e científico do Museu Nacional e conseqüentemente parte da história das ciências no Brasil.

Devido a esse sinistro, cerca de 80% das coleções do MN foram afetadas ou destruídas. Entretanto algumas coleções inteiras nas áreas de Botânica, de Vertebrados, de alguns setores de Invertebrados e de Arqueologia por estarem armazenadas em outros prédios ainda estão preservadas. Em relação ao resgate das peças que estavam no Palácio, foi montada uma equipe de resgate, no qual cerca de 5.000 lotes e/ou peças foram retirados e catalogados. Acervos pertencentes a área de Geologia-Paleontologia, Arqueologia e

conchas do *Filo Mollusca* foram os que mais resistiram ao fogo. As pesquisas na instituição continuam progredindo e uma parte dos dados e acervo estavam em processo de digitalização desde a década de 1980 garantindo o acesso à informação às gerações futuras (MUSEU NACIONAL, 2020).

Após o incêndio, os colaboradores do Museu Nacional voltaram-se para atividades que estivesse de acordo e pudesse dar continuidade a sua finalidade, a saber: o Resgate de Acervos; a Campanha “Museu Nacional Vive”<sup>6</sup>; a realização de eventos como o “Festival Museu Nacional Vive”; projetos educativos como “Museu Nacional ocupa a Quinta: encontros com a comunidade” e “Museu Nacional Vive nas Escolas”; projetos de extensão como “Renascer das Cinzas: Memórias, Histórias e Trajetórias do Museu Nacional/UFRJ”; e as exposições de curta duração realizadas em instituições parceiras (GUIA..., 2021).

Uma das primeiras instituições científicas do Brasil vive atualmente um momento de reconstrução e reestruturação. O Museu que teve em sua origem a formação de seu acervo oriundo da coleta de viajantes naturalistas e de compras efetuadas pelo governo imperial no século XIX agora tem como objetivo conseguir formar novas coleções para o desenvolvimento de suas pesquisas e exposições. Por meio do estabelecimento de campanhas de comoção nacional e internacional como “Museu Nacional Vive” para arrecadar ajuda financeira para a reconstrução e restauração do Palácio e o movimento “Recompõe” para a mobilização de doação de materiais para compor o acervo, o Museu Nacional, mostra que apesar do trágico episódio tem muito a oferecer para a sociedade: a Casa continua produzindo ciência e esse é seu maior legado para todos nós juntamente com a perpetuação dos conhecimentos gerados pela instituição.

## 1.2 A formação e o desenvolvimento da Biblioteca Central do Museu Nacional

Exercendo uma importante função na instituição e apoiando todas as atividades científicas que o Museu se propõe, a Biblioteca do Museu Nacional, é detentora do mais rico

---

<sup>6</sup> O Projeto Museu Nacional Vive, formalmente aprovado em dezembro de 2019, tem como premissa o estabelecimento de um modelo de governança para as atividades de reconstrução do Museu Nacional/UFRJ, com a ampla participação da UFRJ e dos demais parceiros comprometidos com a iniciativa; a transparência na comunicação entre os parceiros e a sociedade brasileira, bem como com a comunidade internacional pertinente; e a efetividade das ações empreendidas, com o alcance de resultados concretos para devolver o Museu à sociedade. Os objetivos do projeto são: restaurar o Palácio de São Cristóvão, os jardins históricos e o prédio anexo Alípio de Miranda Ribeiro; reformar a Biblioteca do MN/UFRJ e construir as novas edificações do Campus de Pesquisa e Ensino do MN/UFRJ (GUIA..., 2021).

acervo da América Latina especializado em Ciências Naturais e Antropológicas. Nesta mesma perspectiva, a Biblioteca do Museu Nacional tem como missão

assegurar o acesso à informação para produção de conhecimento nas áreas de Ciências Naturais e Antropológicas, apoiando as atividades de ensino, pesquisa e extensão do Museu Nacional e assumindo a responsabilidade de salvaguardar o patrimônio científico e cultural sob sua custódia (MUSEU NACIONAL, 2020).

Fundada oficialmente em 1863, a história e existência da biblioteca inicia muito antes do ato que a formaliza como um departamento da instituição.

Apesar das falhas de documentação e a não referência de compra de livros ou periódicos do período de criação do Museu Nacional há um forte indício de que livros já tenham sido adquiridos informalmente devido aos trabalhos e aulas especializadas que ocorriam na Casa.

Em suas pesquisas sobre a história da Biblioteca na documentação do Museu Nacional, Cunha (1966), encontrou um documento que seria o primeiro registro oficial sobre a existência de livros na instituição. O documento remete ao ano de 1827 e se trata de um ofício do Visconde de São Leopoldo, ministro do Império, a João da Silveira Caldeira, diretor do Museu na época, solicitando a transferência da obra “Museu de Napoleão” para a Biblioteca Pública. Cunha (1966, p. 24) complementa afirmando que esta obra “seria de dádiva de algum particular, do próprio rei, em cumprimento ao decreto de 1818, ou da benemerência dos primeiros estudiosos dessa Casa”.

Se antes os vestígios da existência de livros no Museu eram feitos de suposições, a partir de 1827, a pesquisa sobre a formação da biblioteca se torna cada vez mais rica em informações.

Com Frei Custodio Alves Serrão (1828-1847), considerado um dos maiores entusiastas da criação da Biblioteca, assumindo a direção do Museu Nacional, em 1828, começamos a perceber movimentos mais palpáveis para a concretização de sua fundação.

Visto como o real fundador da Biblioteca do Museu Nacional, o terceiro diretor do Museu não mediu esforços para que a instituição organizasse um acervo que atendesse às necessidades dos cientistas. Em 8 de março de 1831, Frei Serrão aponta a necessidade da criação de uma biblioteca de Ciências Naturais “para a devida classificação dos objetos, sem a qual não teriam a verdadeira utilidade”. (CUNHA, 1966, p. 25).

Abaixo, a transcrição de um dos seus relatórios no qual o diretor enfatiza a relevância do Museu ter uma biblioteca própria, com um acervo especializado e que incluísse também a aquisição de periódicos para manter os cientistas da Casa atualizados.

Uma biblioteca própria em que se reúnam as obras clássicas de História Natural, e a que se ajuntem os anais ou periódicos mais acreditados na mesma matéria, que todos os dias, com novas descobertas e interessantes observações engrandecem a Ciência, há coisa sobre que se não pode passar, quando se trata das necessidades do Museu, há coisa sem que o Museu não pode deixar de ser um amontoado de objetos curiosos, porém sem a verdadeira utilidade... (MUSEU NACIONAL, 1831 *apud* CUNHA, 1966, p. 25).

Devido a sua insistência e esforço Frei Serrão conquistou um grande feito na sua gestão, na Lei do Orçamento para o ano de 1839 foi aprovada a verba para adquirir livros no exterior. Segundo Cunha (1966), essa foi a primeira compra registrada oficialmente destinando uma verba exclusiva para a aquisição de livros e um grande passo para a criação oficial da biblioteca. Uma curiosidade deste período é que as atribuições de bibliotecário eram desempenhadas pelo porteiro e guarda do Museu que também desempenhavam trabalhos de campo e integravam o corpo técnico científico da instituição.

No relatório dos trabalhos e aquisições do Museu Nacional referente ao ano de 1843 temos um parecer de Frei Custodio Alves Serrão sobre o volume de livros já acumulados pela instituição.

Aos muito limitados recursos de que já dispunha não pode todavia o Conselho ajuntar mais de **69 volumes de obras** clássicas sobre o objeto das diferentes seções e **105 fascículos** de publicações periódicas, que vão saindo à luz, tudo por compra porque outras que lhes poderiam oferecer os Diretores, são ainda os principais luzeiros com que se dirigem por esses caminhos tão obtusos quanto restritamente traçados pela necessidade da Ciência... (MUSEU NACIONAL, 1843 *apud* CUNHA, 1966, p. 26-27, grifo nosso).

No ano seguinte, o então diretor continuava reivindicando a criação da biblioteca. Em sua justificativa, Frei Serrão, defende a ideia das bibliotecas como um lugar de memória, sendo a guardiã da caminhada intelectual da humanidade e colaboradora na formação de novos saberes. Sendo assim, no relatório dos trabalhos e aquisições para o Ministro e Secretario do Estado dos Negócios do Império o diretor manifesta que

se as Bibliotecas são o deposito do mundo intelectual e dos documentos que encerram a vida da humanidade em todos seus períodos, os Museus, como as Bibliotecas, resumem o mundo material, e seus exemplares atestando-lhes as modificações, servem como medalhas da Natureza para revelar a história e revoluções do globo. Estes preciosos depósitos, registrando todas as fontes de riqueza material de uma Nação, fornecem de mais ao legislador ideias exatas, e elementos necessários são só para as grandes concepções, na criação de recursos, como também na especulação de outros estudos que tendam a engrandecer a sua glória e dignidade... (MUSEU NACIONAL, 1844 *apud* CUNHA, 1966, p. 27).

Frei Serrão deixa o seu mandato em 1847 com o êxito de ter conseguido aumentar o acervo da biblioteca para 446 volumes (CUNHA, 1966). Em seguida, Frederico Leopoldo

Cesar Burlamaqui (1847-1866) assume a direção do Museu Nacional dando continuidade aos trabalhos de seu antecessor.

De acordo com Cunha (1966), dentre seus inúmeros feitos Burlamaqui trouxe para o Museu duplicatas de livros sobre Ciências Naturais que estavam na Biblioteca Nacional, deu início as trocas de coleções zoológicas e mineralógicas (duplicatas) com instituições estrangeiras e ainda sob a influência de Frei Serrão angariou novas doações muito importantes para o acervo.

Outro fato importante que culminou para a criação oficial da BMN foi a admissão de Manoel Ferreira Lagos na Seção de Zoologia do Museu Nacional, em 1854 (CUNHA, 1966). Também membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Ferreira Lagos, era um grande entusiasta por aspectos históricos e científicos do país e integrou uma expedição científica em províncias menos conhecidas ao Norte do Brasil, especialmente o Ceará (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 2022).

Planejada pelo Imperador D. Pedro II e realizada em 1859, a Comissão Científica de Exploração proporcionou grandes contribuições ao Museu Nacional devido aos novos materiais coletados que passaram a compor o seu acervo. Sendo composta por cinco seções de estudos lideradas por membros sócio do IHGB, Manoel Ferreira Lagos era o responsável pela seção de zoologia; Francisco Freire Alemão, presidente da Comissão e responsável pela área de Botânica; Geologia e Mineralogia, chefiada por Guilherme Schüch de Capanema; astronomia e geografia sob o comando de Raja Gabaglia; etnografia e narrativa de viagem sob a responsabilidade de Gonçalves Dias. Além dos ajudantes de cada seção, também participou da missão o pintor Reis Carvalho (SANTOS, P., 2020; TEIXEIRA, 2013). De acordo com Cunha (1966) os trabalhos organizados pela Comissão foram publicados e providenciadas a distribuição de duplicatas às entidades interessadas.

Conforme afirma Lopes (2009, p. 141, grifo nosso),

o museu lucrou enormemente com a comissão. Recebeu não só coleções, instrumentos e materiais para se usar na preparação de produtos, mas os livros e mesmo os seus diretores, que em alguns casos continuaram lá seus trabalhos iniciados na comissão. **Seus mais de mil livros iriam constituir a parte mais preciosa da Biblioteca do Museu, onde também foi depositada uma série de estampas de zoologia, etnologia e mineralogia.**

Com a intermediação de Manoel Ferreira Lagos, o acervo bibliográfico do Museu Nacional incorporava em seu acervo bibliográfico cerca de dois mil livros da Comissão Científica de Exploração (CUNHA, 1966; SANTOS, M. J., 2022).

Com a junção da Biblioteca da Comissão Científica e os itens já pertencentes da Biblioteca do Museu Nacional o acervo já acumulava aproximadamente três mil volumes, não sendo possível mais ignorar a existência, necessidade e importância da biblioteca para a

instituição. Sendo assim, em 11 de julho de 1863, com a anuência do ministro do Império, Manoel de Araújo Lima, marquês de Olinda, foi finalmente oficializada a Biblioteca do Museu Nacional. Este feito ocorreu 45 anos após a fundação do Museu (CUNHA, 1966; BIENE; SANTOS, 2007).

Manoel Ferreira Lagos tornou-se o primeiro bibliotecário nomeado pela instituição pelo então diretor Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui o qual também determinou que a biblioteca não restringisse o seu acervo apenas às Ciências Naturais e Físicas, mas abarcasse também obras essenciais nas áreas do conhecimento de Arqueologia e Numismática, Agricultura e Etnografia (CUNHA, 1966).

Nessa época o Museu Nacional ainda estava localizado no Campo de Santana e foi destinada duas salas para abrigar a nova seção do MN. A biblioteca contaria com uma sala designada para secretaria e outra para guardar livros, papéis e outros objetos pertencentes ao Museu.

No período de 1863 a 1867, segundo Cunha (1966), a biblioteca enfrenta uma fase de muitas dificuldades. Com o conselheiro Francisco Freire Allemão (1866-1874) substituindo o Frederico Burlamaqui devido ao seu falecimento, ainda era grande o esforço da direção para que a biblioteca continuasse se desenvolvendo e que fosse aberta ao público.

Freire Allemão emvidou um esforço continuado no crescente engrandecimento e renome do Museu Nacional e prestigiando a sua Biblioteca pelas repetidas exposições aos poderes competentes no sentido de que fosse a mesma atendida no que se tornava um imperativo decorrente de sua função educativa e de incentivo ao estudo das ciências naturais, mediante abertura das suas coleções à consulta pública. (CUNHA, 1966, p. 33).

No relatório, que abrange o período de 7 de fevereiro de 1868 a 30 de abril de 1869, o bibliotecário Manoel Ferreira Lagos discorre sobre a situação da biblioteca e as atualizações de seu acervo que já é considerado rico na área de Ciências Naturais. Destaca-se também a importância das doações para o desenvolvimento das coleções. Além disso, neste período a biblioteca ainda não estava aberta ao público em geral sendo o acesso ainda restrito aos servidores do Museu. Eram frequentes as solicitações ao Governo Imperial para que fosse liberada um espaço para que a biblioteca pudesse receber público externo.

Longe ainda de ser completa e de possuir o necessário, podemos, todavia, considerá-la uma já muito rica na sua especialidade, graças a resolução tomada pelo Governo Imperial de mandar anexar-lhe a bela coleção de livros comprada em Leipzig para uso da comissão científica encarregada de explorar algumas províncias do Norte do Brasil (MUSEU NACIONAL, 1869 *apud* CUNHA, 1966, p.36).

A respeito das obras que a biblioteca salvaguardava,

além de muitas obras de sabido valor científico, versando sobre todos os ramos da História Natural, encontram-se nessa biblioteca coleções raríssimas completas de jornais das mais célebres Academias e Sociedades, difíceis hoje de achar mesmo na Europa e que à custa obtivemos pelas diligências do afamado livreiro Brockhaus de Leipzig. Seria enfadosa e nem cabe a enumerar aqui as publicações esplêndidas dos seus desenhos finamente coloridos sobre Botânica e Zoologia, que ornaram as nossas estantes. E não tem havido interrupção na remessa da Europa da continuação de periódicos e monografias que vão saindo à luz. Diversos indivíduos particulares, residentes nesta Corte tem igualmente contribuindo com ofertas de livros e aumento da biblioteca do Museu e durante minha estada em Paris recebi preciosos donativos de muitas obras (MUSEU NACIONAL, 1869 *apud* CUNHA, 1966, p. 36).

Em 1870, com a publicação de Ladislau Netto “Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro” a instituição dava os primeiros passos para divulgar as suas pesquisas e se inserir na rede de sociabilidade científica procurando conquistar o seu reconhecimento internacional. O livro narra os acontecimentos do Museu Nacional desde o período de sua criação 1818 até o ano de 1870 e relatava as suas coleções. Segundo Cunha,

[...] esse trabalho, pela sua larga difusão nos meios científicos mundiais tornou conhecido o Museu pelas academias e sociedades do mundo e veio a ser juntamente com os Arquivos da Palestra Científica, o precursor da publicação Arquivos do Museu Nacional a partir de 1876. (CUNHA, 1966, p. 37).

Assumindo o cargo de diretor, em 1874, o botânico Ladislau de Souza Netto (interino: 1874-1884; efetivo: 1884-1893), proporcionou ao Museu Nacional uma fase de profundas transformações. A sua gestão foi um exemplo de eficiência administrativa tendo a sua atuação considerada uma das mais esplêndidas. (CUNHA, 1966; MUSEU NACIONAL, 2008).

Foram inúmeras as feitorias realizadas na Casa devido ao olhar visionário de Ladislau Netto. Dentre suas ações as que mais impactaram positivamente envolvendo a biblioteca foi a de exaltar a produção e a difusão científica do país. Sendo assim, em 1876, criou o primeiro periódico científico do Brasil dedicado às Ciências Naturais, a revista Arquivos do Museu Nacional.

Tratando-se do primeiro periódico brasileiro especializado em Ciências Naturais, de acordo com Agostinho (2014), os Arquivos tinham como objetivo divulgar o conhecimento produzido pela instituição, legitimar as suas práticas científicas ocasionando na validação da ciência produzida no Museu Nacional, trazer reconhecimento e manter uma ligação dos cientistas com a comunidade científica.

Os editores da revista queriam ir além na circulação dos estudos desenvolvidos pela instituição, também almejavam interagir com instituições estrangeiras que pudessem retribuir

os impressos da ciência para que assim conseguissem manter atualizado o acervo da biblioteca ocasionando em seu crescimento.

[...] distribuídos cerca de 800 exemplares dos volumes até hoje publicados dos Archivos do Museu Nacional de como verá V. Ex<sup>a</sup> pela relação anexa, 559 foram remetidos à sociedades e repartições científicas de que já tem recebido ou deverá receber este Museu em permuta de sua acreditada revista, valiosíssimas publicações para cuja aquisição teria o Museu Nacional que dispensar oito ou dez contos de réis, tornando-se a sua biblioteca a mais importante do país, visto como, sobre serem numerosas tais publicações, acresce que muitas delas não só se encontram em nenhuma outra biblioteca do Império (MUSEU NACIONAL, [187-] *apud* CUNHA, 1966, p. 38-39).

Os objetivos propostos foram alcançados e a demanda das publicações foi tão elevada que o diretor Ladislau Netto percebeu a necessidade de buscar auxílio de terceiros para o envio das publicações ao exterior conforme afirma em sua correspondência destinada ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Para economia e facilidade da distribuição desta publicação, tomei como correspondente, o livreiro Belhatte de Paris, ao qual são dirigidos englobadamente os fascículos publicados, tendo cada um deles o endereço respectivo [...]. Quanto aos exemplares destinados ao país, 240 foram já distribuídos, mas espero elevar este algarismo a perto de 400 logo que eu possa pôr em ordem a lista das bibliotecas e instituições contempladas nessa distribuição. (MUSEU NACIONAL, [187-] *apud* CUNHA, 1966, p. 38-39)

Ainda alocado no Campo de Santana, sempre foi um desejo de Ladislau Netto transferir o Museu Nacional para o palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista. Com o exílio do imperador D. Pedro II e sua família na França, o Paço de São Cristóvão, passou a sediar a Assembleia Constituinte (BIENE; SANTOS, 2007). Ao saber do descontentamento da Assembleia Constituinte no Palácio o diretor percebeu uma grande oportunidade de finalmente conseguir com que o Museu Nacional ocupasse o tão almejado espaço (CUNHA, 1966).

Iniciava-se assim uma nova fase para a instituição, em 1892, o Museu Nacional começou a ocupar o Palácio de São Cristóvão com a aprovação do governo.

Entretanto, conforme relata Cunha (1966), a mudança foi feita às pressas por causa do receio de Ladislau Netto de uma nova reviravolta governamental que poderia ocasionar no cancelamento da transferência. Com reclamações por parte dos chefes de todas as seções em razão da falta de planejamento, a consequência dessa desordem foi a inexistência de relatórios especificando os livros e objetos procedentes da biblioteca e do museu particular do Imperador Pedro II que foram integrados à coleção do Museu Nacional.

Apesar do enorme trabalho para reorganizar as coleções, a transferência para o palácio da Quinta da Boa Vista proporcionou para a biblioteca a conquista de um espaço maior

para a organização de seu acervo. Conforme afirma o diretor Ladislau Netto no relatório anual de 06 de fevereiro de 1893.

Muito ganhou com a mudança a biblioteca do Museu que se instalou em uma série de salas bem claras e arejadas, que se comunicam e nas quais se acham condicionados os livros, correspondendo cada uma delas a um material, com os competentes dísticos... (MUSEU NACIONAL, 1893 *apud* CUNHA, 1966, p. 50).

Segundo Cunha (1966) o período de 1892 a 1923 a biblioteca continuou enriquecendo o seu acervo por meio de doações das coleções particulares de notáveis intelectuais e ex-diretores tais como: Nicolau Moreira, João Baptista de Lacerda, Alípio Miranda Ribeiro.

No ano de 1915 ocorreu o primeiro concurso público brasileiro para o cargo de bibliotecário no qual o multifacetado Manuel de Bastos Tigre<sup>7</sup> é aprovado em primeiro lugar, exercendo sua função na Biblioteca do Museu Nacional até o ano de 1945. Uma curiosidade é que em sua homenagem foi escolhida a sua data de nascimento, 12 de março, para comemorar o dia do bibliotecário instituído pelo decreto nº 84.631, de 09 de abril de 1980, válido em todo o território nacional (MODESTO, 2021).

Em 1922, em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil a biblioteca se preparava para que finalmente fosse aberta ao público, porém nesta época ainda enfrentava atrasos nas técnicas e práticas biblioteconômicas por falta de recursos. Nem mesmo com a insistência do então diretor da época, o médico Bruno Álvares da Silva Lobo (1915-1923) não foi possível adotar uma ordem sistemática de livros para que facilitasse a consulta e organização do acervo (CUNHA, 1966).

Durante a gestão de Arthur Neiva (1923-1926) foi publicado o primeiro número do periódico Boletim do Museu Nacional considerada outra relevante iniciativa de comunicação científica, colaborando para o sistema de permuta da biblioteca. Também nesta época, foi criado o *ex-libris* da biblioteca. Desenhado pelo arqueólogo Alberto Childe, foi adotado o desenho inspirado na *Harpia* - ave símbolo do Museu Nacional, também conhecido como gavião-real ou uiraçu-verdadeiro. Childe explicou o conceito de sua arte num artigo publicado em 1926, na revista "Boletim do Museu Nacional" (BIENE; SANTOS, 2007; MUSEU NACIONAL, 2020a).

---

<sup>7</sup> Nascido no dia 12 de março de 1882, no Recife. Portador de múltiplos talentos, durante os seus 75 anos de vida foi engenheiro civil, eletricitista, autor teatral, poeta, jornalista, publicitário, humorista e bibliotecário. Exerceu a profissão de bibliotecário por 40 anos, trabalhando na Biblioteca Nacional, Museu Nacional, Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa e Biblioteca Central da Universidade do Brasil. Além disso, também dedicou sua carreira à formação de leitores e à difusão do livro (FERNANDES, 2022).

De 1926 a 1935 Roquette-Pinto assume a direção do Museu Nacional. Com a educação como prioridade, é neste período que ocorre o lançamento da Revista Nacional de Educação.

A década de 1920 é marcada por um período de dificuldades para a manutenção da biblioteca. Apesar da grande quantidade de permuta recebida pela biblioteca, os cortes orçamentários prejudicavam bastante o seu progresso. Como consequência disto, existiu uma enorme dificuldade em conseguir dar o suporte necessário para o desenvolvimento das pesquisas que o Museu produzia na época.

A necessidade de um orçamento maior para a BMN é expressa por Roquette Pinto no relatório orçamentário para o ano de 1937.

A atual situação da Biblioteca do Museu em matéria de recursos para a aquisição de obras e revistas científicas é muito precária. Com serviços que abrangem nove divisões técnicas, cada uma das quais compreende várias especialidades de bibliografia complexa e esparsa em publicações inúmeras, o Museu há alguns anos assinava 68 revistas. Essas assinaturas foram suspensas em 1931. Essas revistas muitas das quais de alto valor como órgão de sociedades científicas de grandes tradições são todas necessárias à boa marcha dos trabalhos relativos às diversas especialidades de que se ocupa o estabelecimento. (MUSEU NACIONAL, 1937 *apud* CUNHA, 1966, p. 53).

Ainda no mesmo relatório para a proposta orçamentária de 1937 o então diretor enfatiza a importância da permuta para a atualização do acervo. Porém somente esse processo para a aquisição de periódicos não seria suficiente, sendo necessária a assinatura de outros títulos para contribuir para a formação cultural dos pesquisadores e investimento nas próprias publicações do Museu para que o intercâmbio de publicações não cessasse.

Quanto às revistas obtidas em permuta, e graças às quais o estabelecimento vem mantendo o contato com o movimento científico e granjeando elementos sem os quais nem poderia prosseguir a classificação das suas valiosíssimas coleções, convém notar que essa maneira mais fácil de aquisição depende de incremento das publicações do Museu, visto que presentemente recebemos, em troca destas, publicações estrangeiras de grande valor material científico; em todo o caso só podem ser obtidas por esse meio as revistas mantidas por institutos governamentais ou instituições de grandes recursos. As revistas obtidas por compra não podem ser dispensadas precisando mesmo ser em maior número certas especialidades. (MUSEU NACIONAL, 1937 *apud* CUNHA, 1966, p. 53).

Apesar dos esforços dos diretores para manter a biblioteca em boas condições, a bibliotecária Dulce Cunha complementa que não era apenas a atualização do acervo que estava prejudicada com o corte orçamentário e sim, toda a estrutura e serviço da biblioteca.

Nesta época à Biblioteca faltava-lhe tudo. Não contando com instalações apropriadas, nem móveis, nem utensílios próprios. E o que era importante: o seu quadro de pessoal reduziu-se a um ajudante de bibliotecário, por força das circunstâncias e dado o afastamento do chefe, ocupava estas funções o antigo porteiro do Museu, Adolfo Ribeiro Catalão. Caso difícil era encontrar o próprio consultante o livro que desejasse, não fora a extraordinária memória do amanuense Catalão, que sabia onde localizar entre os 60.000 volumes já existentes, aquele requisitado. (CUNHA, 1966, p. 54).

A situação começa a mudar apenas em 1938 quando Heloisa Alberto Torres (1937-1955) é nomeada diretora do Museu Nacional pelo então presidente da república, Getúlio Vargas.

Segundo Cunha (1966), a biblioteca começa a vivenciar a sua melhor fase com Torres dando uma atenção maior aos problemas que a biblioteca enfrentava. A partir de 1941 a diretora dá início aos trabalhos de reorganização da Biblioteca do Museu Nacional e convida a bibliotecária Helena Maria da Costa Azevedo para ocupar o cargo de chefia da biblioteca no qual exerceu sua função até o ano de 1948.

Foram inúmeras as melhorias conquistadas tornando a BMN apta para dar o apoio à altura das pesquisas realizadas em uma instituição científica já reconhecida internacionalmente.

Heloisa Alberto Torres providenciou a formação de uma equipe de onze bibliotecários no qual tiveram treinamentos para conseguir alcançar um serviço de qualidade; houve a mudança de pavimento e ampliação do espaço da biblioteca; tratamento adequado e especializado visando a preservação do acervo que nesta época já acumulava 67.849 volumes; foi providenciado equipamentos e mobiliários novos proporcionando um ambiente de trabalho adequado e salubre aos funcionários; os bibliotecários recatalogaram o acervo adotando a classificação decimal de Melwin Dewey<sup>8</sup>; autorização para a aquisição de livros e revistas técnicas na área de Biblioteconomia para auxiliar a execução dos serviços e manter os bibliotecários atualizados; aumento na aquisição de livros e assinaturas de periódicos nacionais e estrangeiros para atender as necessidades dos pesquisadores da casa. Além disso, houve também o investimento no crescimento dos exemplares das publicações do Museu que ocasionou numa divulgação nos meios científicos mundiais e conseqüentemente uma guinada na ampliação dos números de permutas recebidas (CUNHA, 1966).

Infelizmente essa fase dourada da Biblioteca do Museu Nacional não foi mantida por muito tempo. Anos depois a Biblioteca viu reduzir drasticamente o número de bibliotecários; a partir do ano 1955/56 devido à crise econômica e desvalorização da moeda nacional as

---

<sup>8</sup> Desenvolvido pelo bibliotecário Melwin Dewey, a classificação Decimal de Dewey (CDD) é um sistema de classificação de assuntos. Organiza todo o conhecimento em dez classes principais. Por ser um sistema decimal, os livros são arquivados dígito por dígito. Bibliotecas no mundo todo utilizam a mesma classificação, inclusive a *Library of Congress*.

compras de livros e assinaturas de periódicos foram reduzidas prejudicando a atualização do acervo. As permutas e doações continuavam chegando, porém as suas instalações não acompanhavam esse crescimento e começaram a surgir problemas de espaço e organização. Ademais, a biblioteca estava localizada no 3º pavimento e o peso de seu acervo causava preocupação devido a estrutura do Palácio sendo necessária sua transferência para um edifício próprio ou pavimento térreo (CUNHA, 1966).

Abaixo a manifestação do descontentamento da bibliotecária Dulce da Fonseca Fernandes da Cunha, que foi chefe da biblioteca no período de 1962 a 1988, em relação à descontinuidade dos investimentos na BMN.

Pena é que não se pudesse ter dado prosseguimento e concretizado o movimento renovador de 1941; não há que duvidar, isso conseguido, teria a Biblioteca se credenciado perante os meios científicos e biblioteconômicos, projetando-se com destaque entre as primeiras organizações do país. Fato que afirmava o crescente prestígio do Museu Nacional é o fato do oferecimento, por parte da Smithsonian Institution de Washington, de tornar o Museu Nacional depositário de suas publicações para redistribuição de suas obras no país, e que não foi aceito em virtude da absoluta falta de meios para manutenção de um tal serviço (CUNHA, 1966, p. 57).

Na década 1970, Dulce Cunha, entusiasta de novas técnicas biblioteconômicas, foi a responsável por iniciar a automação do acervo da Biblioteca do Museu. Com o projeto “Reorganização da Biblioteca do Museu Nacional/UFRJ” aprovado e iniciado em junho de 1975 a BMN ganharia um novo impulso. Segundo Santos (2022), neste período a biblioteca integrou-se aos principais programas cooperativos de informação científica e tecnológica em nível nacional e internacional, houve a contratação de novos bibliotecários e começou a utilizar recursos tecnológicos para o tratamento da informação: sistema de Catalogação Legível por Computador (Calco), formato brasileiro compatível com o *Machine Readable Cataloging* (Marc II) da Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos e a inserção das coleções de periódicos no Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos (CCN).

Ainda enfrentando problemas de espaço, mau condicionamento dos livros e o perigo acarretado pelo peso das estantes do acervo na estrutura do Palácio, Dulce continuava insistindo junto a Direção pela mudança urgente da biblioteca. Sendo assim, nos anos 1980 com o financiamento do Ministério de Educação e Cultura (MEC) inicia-se a construção de um prédio para a BMN. O novo edifício anexo ao Museu Nacional com 4.000 m<sup>2</sup> é inaugurado em 29 de agosto de 1989, no Horto Botânico, na Quinta da Boa Vista (SANTOS; TAKCHE, 2000). Esta nova sede da biblioteca passa a comportar um auditório, um espaço para a organização de eventos com duas salas de aula e secretaria, uma sala de exposições e ainda a Encadernação e o Serviço Fotográfico (DANTAS; 2022, SANTOS, 2022).

A partir de 1990 com a criação do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI)<sup>9</sup>, a Biblioteca do Museu Nacional passou a fazer parte da rede de bibliotecas da UFRJ, sendo inserida nos principais programas cooperativos de informação. Com o intuito de garantir à sociedade um serviço de excelência, oferecendo ao público diversos serviços e produtos de informação. O seu acervo pode ser consultado em bases de dados disponíveis pelo sistema da UFRJ, como o catálogo on-line Base Minerva<sup>10</sup> ou pelo sistema de Busca Integrada<sup>11</sup>, que recupera informação em diversos acervos mantidos, adquiridos ou assinados pela UFRJ.

Com o intuito de prolongar a vida útil do acervo de obras raras, em 1999 foi aprovado o projeto “Conservação e Preservação do Acervo de Obras Raras da Biblioteca do Museu Nacional/UFRJ”. Foram adquiridas para a Biblioteca a compra de embalagens especiais, mesas de higienização e uma equipe para realizar as tarefas. As obras tiveram o tratamento de higienização, armazenamento e acondicionamento adequados para evitar a proliferação de insetos e outros possíveis danos à coleção. O projeto teve uma continuação em 2001 (SANTOS; TAKCHE, 2000 *apud* SANTOS, 2022).

Ainda visando a preservação do acervo, em 2005, a Biblioteca teve o projeto "Implantação do laboratório de digitalização, edição e disponibilização em meio eletrônico de In-Fólios e Obras Raras do Museu Nacional/UFRJ" aprovado. Com Sergio Alex Kugland de Azevedo como diretor do Museu Nacional, a instituição recebeu a ajuda financeira da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e o apoio da Fundação José Bonifácio, o programa proporcionou instalações climatizadas e equipamentos de última geração na Biblioteca. Em 2009, a meta das atividades do projeto foi alcançada e neste mesmo ano ocorreu a inauguração do *site* “Biblioteca Digital do Museu Nacional”<sup>12</sup> possibilitando o acesso ao acervo de obras raras e grande parte das publicações editadas pelo Museu Nacional a toda a comunidade científica e ao público em geral (MUSEU NACIONAL, 2005, 2009).

Conforme já foi mencionado desde a sua origem, a Biblioteca do Museu Nacional acumulou obras que expressam a sua diversidade, valor cultural e riqueza histórica. Foram incorporados ao seu acervo coleções doadas por personalidades de destacada atuação na vida pública e para a história brasileira. Formam o acervo livros e periódicos da Comissão Científica de Exploração que possuem um alto valor científico e artístico, algumas dessas obras datam dos séculos XVI, XVII e do início do XVIII. Um destaque é o “*Philosophical Transactions of the Royal Society of London*”, considerado um dos primeiros periódicos

---

<sup>9</sup> “O Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) [...] é gerenciador das 43 bibliotecas da UFRJ e tem por objetivo principal a interação de suas bibliotecas com a política educacional e administrativa da Universidade, servindo de apoio aos programas de ensino, pesquisa e extensão” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, [20--]).

<sup>10</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://minerva.ufrj.br>.

<sup>11</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://buscaintegrada.ufrj.br>.

<sup>12</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br>.

científicos a surgir; coleção de livros de Frederick Hartt; três volumes de estampas da obra “Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: 1783-1792”; narrativas da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, publicadas em Lisboa nas primeiras décadas de 1800; livros de História Natural originários da Biblioteca Imperial que tem como integrante na coleção o incunábulo de “*Historia naturale*” de 1481, escrito por Plínio (O Velho). Alguns títulos estão disponíveis para consulta on-line na Biblioteca Digital de Obras Raras do Museu Nacional/UFRJ (BDOR)<sup>13</sup>. (OLIVEIRA; MENEZES; ALVES, 2022; SANTOS, 2022).

O desenvolvimento do acervo da Biblioteca do Museu Nacional ainda é formado principalmente por doações particulares destacamos o recebimento das coleções bibliográficas de: Johann Becker, Wanderbild Duarte Barros, Lina Kneip, Ibsen Gusmão Câmara, Margarete Emmerich, entre outros. E por meio da compra de obras de espólio como os de Curt Nimuendajú, adquirida na década de 1960. Em 2010, a biblioteca recebeu a coleção do antropólogo e ex-diretor Luiz de Castro Faria. (MUSEU NACIONAL, 2010; MUSEU NACIONAL, 2020b). Apesar das coleções de periódicos serem mantidas e acessadas pelo Portal Capes<sup>14</sup>, o programa de permuta ainda é mantido pela Biblioteca, que atualmente conta com aproximadamente 143 instituições de 41 países, incluindo o Brasil (OLIVEIRA; MENEZES; ALVES, 2022).

Atualmente, o acervo da biblioteca é composto por livros, folhetos, in-fólios, publicações seriadas, obras raras, *e-books*, materiais cartográficos e iconográficos, CDs e DVDs e teses e dissertações defendidas pelos programas de pós-graduação da instituição.

Até o ano de 2022, a BMN contabilizou em seu acervo o total de 507.613 volumes que estão distribuídos em: 58.201 títulos de monografias (livros, dissertações e teses), dos quais 1.572 são obras raras, 11.523 coleções especiais; 126 CDs e DVDs; 2.252 materiais cartográficos; 16.716 títulos de periódicos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2022).

Sob a direção do paleontólogo Alexander Wilhelm Armin Kellner (2018- ) no Museu Nacional, após 34 anos da inauguração de sua sede, atualmente a Biblioteca vive mais uma fase de mudanças. Desde 2020 a biblioteca encontra-se totalmente fechada ao público, com o seu acervo acondicionado e guardado em depósitos devido à reforma total do prédio para ampliação e melhorias na sua infraestrutura, como o reparo de infiltrações e vazamentos que causavam risco no armazenamento e conservação do acervo.

---

<sup>13</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://bdor.sibi.ufrj.br>.

<sup>14</sup> A partir de uma iniciativa do governo brasileiro, no ano 2000, foi oficialmente criado o Portal de Periódicos Capes com o intuito de “reunir material científico de alta qualidade e disponibilizá-lo à comunidade acadêmica brasileira”. Tem o objetivo de reduzir as desigualdades regionais no acesso à informação científica, cobrindo todo o território nacional. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2020, não paginado).

A reforma<sup>15</sup> do edifício tem o intuito de torná-lo em um grande Centro de Informação dentro do Museu Nacional sendo formado pela Biblioteca Central, Biblioteca Francisca Keller<sup>16</sup>, CELIN (Centro de Documentação de Línguas Indígenas) e a Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR). Além disso, também irá acomodar grande parte do Departamento de Antropologia, laboratórios, secretaria, gabinetes, salas de reunião, entre outros. A obra também resultou em duas grandes salas de conferência para reuniões paralelas a grandes eventos e a renovação do auditório e melhorias nos banheiros (GUIA..., 2021).

Apesar de estar fechada, a BMN continua executando, na medida do possível, diversas atividades internas. Em abril de 2023, com o incentivo da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ) foi realizado o lançamento do “Catálogo de Obras Raras do Museu Nacional”<sup>17</sup> que faz parte da Série Livros Digital, 26. Com a organização de Leandra Pereira de Oliveira, Mariângela Menezes, Vânia M. R. de Jesus Alves e com um texto escrito pela especialista em Biblioteconomia de Livros Raros, Ana Virgínia Pinheiro, o Museu Nacional publicou o seu primeiro catálogo impresso de obras raras que reúne os registros bibliográficos de inestimável valor histórico-cultural.

A partir desse breve histórico, percebemos que grande parte dos diretores que passaram pela instituição não mediram esforços para que a Biblioteca do Museu Nacional se tornasse uma referência para o apoio às pesquisas nas áreas de Ciências Naturais e Antropológicas e que conseguisse proporcionar o auxílio adequado para as atividades científicas da instituição e conquistar a sua devida valorização. Sempre enfrentando verbas reduzidas e constantes cortes orçamentários que dificultava a aquisição de livros e periódicos, o seu enriquecimento ocorreu devido às inúmeras doações que recebia e, principalmente às permutas, e isso se deve pelo prestígio conquistado pela instituição e pela excelente rede de sociabilidade de seus cientistas.

### **1.3 Biblioteca, também um lugar de memória**

A biblioteca universitária além de ser um espaço para apoiar o ensino, as atividades de pesquisa e extensão e divulgar o conhecimento científico também é vista como um lugar de memória e de preservação do patrimônio técnico, científico e cultural, pois são nesses

---

<sup>15</sup> A reforma da Biblioteca é um dos objetivos do Projeto Museu Nacional Vive.

<sup>16</sup> Fundada em 1975, a Biblioteca Francisca Keller pertence ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estava localizada no Paço de São Cristóvão e teve o seu acervo destruído pelo incêndio.

<sup>17</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://pantheon.ufrj.br>.

lugares onde estão armazenadas grande parte da produção científica desenvolvida na instituição e da sociedade em geral.

Além das funções triviais da biblioteca universitária que consistem em selecionar, registrar, organizar, armazenar e disseminar informações, também é de sua competência trabalhar com a história, a memória e a cultura. Para Pinheiro *et al.* (2014), o acervo da biblioteca universitária documenta a sua origem e identidade, expressa o seu desenvolvimento, a sua história na construção de mérito do ensino, da pesquisa e da extensão, manifesta a missão da universidade, identifica e contextualiza os aspectos positivos e negativos da formação da sua memória.

No que diz respeito à memória, segundo Pollak (1992), ela é um fenômeno de construção social, em parte herdada, sendo considerada um elemento constituinte do sentimento de identidade. É um trabalho de organização que articula a lembrança e o esquecimento, sofrendo transformações constantes. A memória é seletiva, depende dos valores do indivíduo, do momento histórico e dos interesses do grupo social, que sempre remetem aos conflitos de definição das identidades.

Para o autor supracitado, a memória individual ou coletiva é formada por acontecimentos vividos pessoalmente, vividos a partir da experiência de um grupo à qual a pessoa se sente incluída, através da projeção ou identificação com um passado, mesmo por pessoas que não o viveram; é constituída por pessoas e personagens; e pelos lugares de memória, locais de realização dos atos de rememoração/comemoração.

Segundo Nora (1993, p. 9),

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.

A historiadora Myrian Sepúlveda dos Santos (2012) enfatiza que a memória faz parte de nossa essência, presente em tudo e todos:

A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela é também o resultado de si mesma; ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações (SANTOS, 2012, p. 30).

Sobre a função memorialista das bibliotecas, Chartier (2002, p. 30), afirma que “uma das tarefas fundamentais das grandes bibliotecas é colecionar, proteger, inventariar e, finalmente, tornar acessível a herança da cultura escrita”.

Packer (2005) complementa sobre essa importante função desempenhada pelas bibliotecas, a de guardiã do conhecimento, que ao disponibilizar o acesso ao seu acervo contribui para o desenvolvimento de uma nação.

A biblioteca é, portanto, parte integral da evolução da vida em sociedade, da reprodução de informação e de conhecimento que sustenta a evolução cultural, incluindo particularmente o domínio científico e técnico que se desenvolve com a linguagem e a comunicação científica (PACKER, 2005, p. 253).

Ainda a respeito da relação das bibliotecas, construção da memória da sociedade e a importância de salvaguardar os documentos em segurança para que gerações futuras tenham acesso a esses materiais, a Unesco reconhece que

**grande parte da memória do mundo se encontra nas bibliotecas**, nos arquivos, nos museus e nos locais de custódia espalhados por todo o planeta e, atualmente, uma grande porcentagem dela corre perigo. Às vezes, obstáculos práticos ou políticos dificultam o acesso a esse patrimônio, enquanto que, em outros casos, as ameaças são a deterioração ou a destruição [...]. Coleções de grande importância ao redor do mundo têm tido vários destinos, tais como: saques, tráfico ilegal e dispersivo, destruição, arquivamento e investimento inadequados. Muitas coleções já se perderam para sempre, e muitas outras estão ameaçadas de extinção (UNESCO, 2020, não paginado, grifo nosso).

Portanto, as bibliotecas são consideradas lugares de memória principalmente por serem um espaço que tem como função social salvaguardar e tornar acessível documentos com valor histórico e informativo, disseminando os saberes acumulados no decorrer do tempo para a sociedade. A biblioteca é um espaço central na construção do conhecimento no qual o fazer do bibliotecário de selecionar um documento para perdurar em seu acervo é um ato de grande responsabilidade que determinará a memória coletiva de um país.

Segundo Nora (1993, p. 21) os lugares de memória podem ser entendidos como

Lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica.

De acordo com Murguia e Yassuda (2007), as bibliotecas começaram a ter a função de lugar de memória nos séculos XIX e XX com o início da sociedade industrial. Entretanto, em seu estudo a respeito do tombamento de algumas bibliotecas brasileiras os autores

problematizam os critérios de seleção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Foram priorizadas apenas a preservação do bem arquitetônico, sendo as bibliotecas escolhidas apenas como consequência do tombamento de monumentos condenando ao esquecimento as valiosas coleções que abrigam. Báez (2004) reitera que os livros não devem ser vistos apenas como objetos físicos, mas também como um vínculo de memória e “esse vínculo poderoso entre livro e memória faz com que um texto deva ser visto como peça chave do patrimônio cultural de uma sociedade e, certamente de toda a humanidade” (BÁEZ, 2004, p. 24).

Jacob (2000) delinea

Lugar da memória nacional, espaço da conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor do conhecimento, a serviço da coletividade inteira (JACOB, 2000, p. 9).

Oliveira e Santos (2009), também ressaltam a relevância das bibliotecas como espaço de memória e para o desenvolvimento da sociedade afirmando que os livros contidos nos acervos expressam os resultados da caminhada intelectual da humanidade e o amadurecimento científico e humano por meio da aprendizagem. Nesta mesma perspectiva, Jacob (2000, p. 68) afirma que “todo saber se funda no saber precedente. O conhecimento é cumulativo e se desdobra em tradição. A biblioteca capitaliza essa herança e permite aumentá-la graças à atividade coletiva dos que a exploram”.

Para Queiroz (2010) os processos de organização, preservação e divulgação dos acervos são importantes atividades que contribuem para a produção do conhecimento científico gerado nas universidades sendo este um aspecto relevante para a construção do pensamento científico, cultural e tecnológico em nosso país. Com o apoio das bibliotecas, a universidade cumpre o seu papel de formadora de conhecimento, na perspectiva da construção de saberes, da cidadania e na transformação social.

É importante ressaltar que a memória também deve fazer parte da cultura organizacional de uma instituição, pois o acervo manifesta parte da identidade de um grupo profissional. Segundo Costa (1997, p. 145), a memória “é um elemento primordial no funcionamento das instituições. É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento [...]”. Ainda, segundo a autora, a memória institucional está em constante formação.

Para a construção desta memória institucional, Queiroz (2018), conclui que todo conjunto patrimonial (lugares, acervos, sujeitos e produção e disseminação do conhecimento)

são considerados depositários da história da instituição, que imprimem uma identidade, passando a compor o seu patrimônio e tornando-se assim, indispensáveis para a formação de sua memória.

Segundo Carmen Oliveira (2015), a memória e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, no qual constituem-se mutuamente. A memória apresenta o que fomos para melhor consolidar as nossas construções acerca do que somos. Além disso é fundamental para manter a unidade, coesão e garantir elementos necessários à afirmação de grupos.

Para Nora (1993, p. 9), esse sentimento de pertencimento a um determinado grupo social contribui para a formação da memória e identidade.

[...] a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A memória se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto.

Portanto, os documentos manifestam a origem e a identidade de um povo, de uma área do conhecimento sendo essenciais para o fortalecimento de uma identidade. É primordial a preservação e valorização dos espaços de memória, pois uma sociedade que não preserva a sua trajetória intelectual está fadada ao retrocesso científico e ao esquecimento.

Conforme já mencionado, a Biblioteca do Museu Nacional desde a sua criação tem a sua coleção de acervo formada por coleções de caráter histórico e com obras que já poderiam ser consideradas raras. Além disso, é a responsável em salvaguardar a produção científica realizada no Museu Nacional. Sendo assim, além de suas funções habituais, também se torna um lugar de memória para a instituição, pelo fato de seu acervo manifestar a trajetória intelectual de seu corpo técnico e, para a sociedade em geral, ao ter como missão preservar e dar acesso aos registros bibliográficos de grande valor histórico-cultural que representam o amadurecimento científico de nosso país.

## 2 A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA DO MUSEU NACIONAL

A comunicação científica é essencial para o sistema da pesquisa científica. Na primeira seção deste capítulo será apresentada a importância da comunicação científica para o desenvolvimento das ciências; na seção seguinte dissertaremos sobre o surgimento e a contribuição dos periódicos científicos nesse processo. Também nesta seção mostraremos o surgimento dos primeiros periódicos brasileiros. Na última seção, por meio do levantamento das publicações editadas pelo Museu Nacional até a década de 1940, mostraremos exemplos significativos a respeito de sua importância para a memória e o desenvolvimento científico no Brasil.

### 2.1 Comunicação científica

Para que seja legitimada a pesquisa científica precisa ser analisada e aceita pelos pares. Após esse reconhecimento é de praxe a divulgação de seus resultados sendo integrado a uma literatura especializada de uma determinada área do conhecimento. A comunicação é um dos pilares básicos desse processo, considerada por Meadows (1999, p. vii) como o “coração da ciência”.

A bibliotecária e cientista da informação Maria das Graças Targino (2000, p. 5) ainda acrescenta que “não há ciência sem comunicação. Não há comunicação sem informação”. Visto essa interdependência entre informação e comunicação, conseqüentemente é o ato de comunicar que contribui para o desenvolvimento científico e garante o reconhecimento no meio acadêmico dos cientistas

Corroborando com essa afirmação, Le Coadic (2004) estabelece que

As atividades científicas e técnicas são o manancial de onde fluem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas. Mas, de modo inverso, essas atividades só existem, só se concretizam, mediante essas informações. **A informação é a seiva da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver.** Sem informação a pesquisa seria inútil e não haveria conhecimento. **Fluido, precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula**, e, sobretudo, se circula livremente (LE COADIC, 2004, p. 26, grifo nosso).

Mueller (2000a) complementa que o sistema de comunicação científica é formado por um conjunto de atividades que envolvem a pesquisa desde o momento que surge as ideias e

indagações, passando pela fase de aprovação pela comunidade científica, até etapa final que compreende a ampliação da exposição dos resultados para o alcance maior de pessoas a fim de aperfeiçoar o estudo e contribuir para o conhecimento de uma determinada área. A autora ressalta que a etapa de avaliação pelos pares é primordial para gerar a confiabilidade da pesquisa que é uma das características mais importantes da ciência.

Para Garvey (1979 *apud* BIOJONE, 2003, p. 21) a comunicação científica é definida como “conjunto de atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar, até que a informação acerca dos resultados seja aceita como constituinte do conhecimento científico”.

A comunicação científica pode ocorrer de várias formas, sendo que as duas mais importantes são a fala e a escrita. Meadows (1999) explica que não se pode afirmar ao certo quando surgiram as pesquisas científicas e a comunicação científica, e, apesar de inicialmente prevalecer a modalidade oral, desde o século V a.C. já ocorriam os primeiros vestígios da comunicação escrita. Advindos dos gregos antigos, tendo à frente Aristóteles, a atividade de registrar em manuscritos copiados repetidas vezes os debates filosóficos realizados nas Academias causaram um grande impacto na comunicação científica influenciando a cultura árabe e posteriormente a Europa Ocidental. Com o passar do tempo, o advento da imprensa desenvolvida por Gutenberg no século XV causou uma grande revolução no processo de difusão de documentos.

As autoras Mueller e Caribé (2010) salientam que com a imprensa estabelecida, o livro científico começa a fazer parte do cenário editorial europeu ocasionando um aumento de pessoas tendo acesso a essas obras. Devido a esse êxito editorial, nos séculos XVI e XVII, ocorre um estímulo na produção científica e divulgação de conhecimentos resultando no fomento da ciência. Nesta época inicia o período denominado Revolução Científica: com métodos de construção do conhecimento baseados em evidências, experimentação e racionalidade.

Em virtude da necessidade dos cientistas em compartilharem os resultados de seus estudos para comprovação, validação e conseqüentemente aperfeiçoar e impulsionar novas descobertas, são variados os meios que essa disseminação de informações pode ocorrer. Esse processo dinâmico e complexo pode ser dividido em canais de comunicação formal e informal.

Tratando-se da comunicação científica formal, a sua principal característica é a longevidade, que significa o acesso a esses documentos a um amplo público por um período maior. Outro aspecto positivo seria a armazenagem e recuperação mais seguras e maior rigidez e controle via avaliação prévia. Como desvantagem esse tipo de comunicação traz pouco retorno para o autor e possibilidade de desatualização. São exemplos de comunicação formal os livros, periódicos, revisões de literatura, relatórios técnicos etc. Já a comunicação

informal é em geral efêmera, ocorrendo através de contatos interpessoais, sendo a maior parte da informação manifestada na forma oral. É uma comunicação direta via pessoa a pessoa. Tem como principal vantagem a possibilidade de maior atualização, rapidez e um menor custo. Entretanto sua disponibilidade se restringe a um público limitado, com dificuldades na armazenagem e recuperação da informação, além de poder sofrer distorções ao serem repassadas. A comunicação informal podem ser as conferências, colóquios, seminários, conversas, e-mail, cartas (MEADOWS, 1999; TARGINO, 2000).

Uma vez que a informação em cada fase da pesquisa pode produzir diferentes tipos de documentos e perpassar por distintos canais de comunicação, Meadows (1999, p. 1) conclui que “a maneira como o cientista compartilha as informações depende dos veículos empregados, da natureza das informações e do público-alvo”. Esta afirmação também traz à tona a necessidade de esclarecer a diferenciação entre comunicação e divulgação científica: enquanto o fluxo informacional na comunicação científica é voltado especificamente para cientistas e pesquisadores do campo do conhecimento, a divulgação científica é direcionada ao grande público, numa linguagem acessível com o intuito de popularizar a ciência (TARGINO; TORRES, 2014).

A respeito do percurso da comunicação na atividade científica, Garvey e Griffith (1972) desenvolveram um modelo que exemplifica o processo do fluxo informacional para o meio impresso, conforme fluxograma 1.

Fluxograma 1 – Processo de comunicação científica.



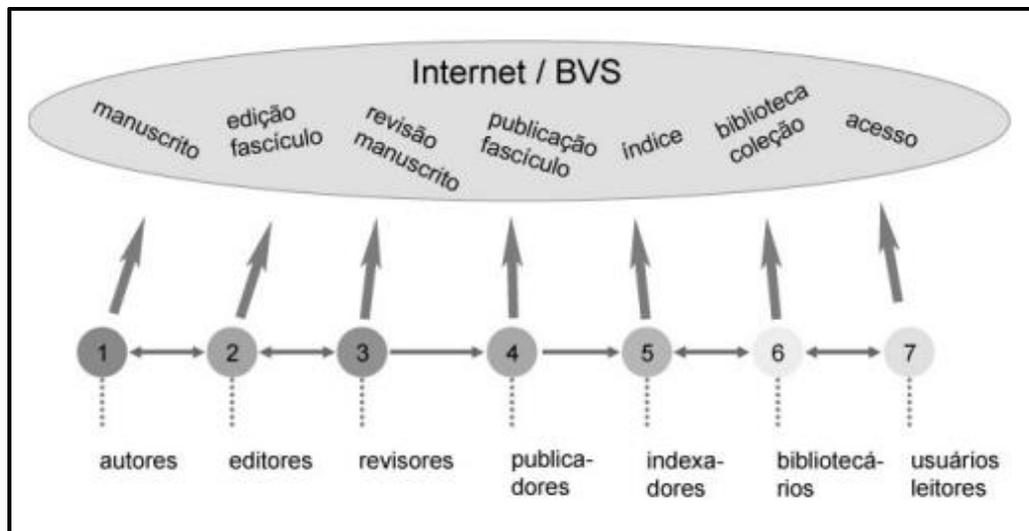
Fonte: Leite, 2008, n.p.

A atividade inicia com os resultados parciais de um estudo proveniente de uma metodologia científica sendo comunicados primeiramente entre pesquisadores. Com um relatório preliminar em andamento o autor participa de seminários, colóquios e conferências

no qual irão gerar trabalhos escritos completos ou resumos (que serão publicados em anais). Com a pesquisa finalizada, o autor submete seu manuscrito para a avaliação por pares. Validado o estudo pela comunidade científica ocorre a sua publicação visando uma divulgação mais ampla: podendo ser no formato de livros ou periódicos. Por conseguinte, esta publicação será indexada de acordo com a área do conhecimento para que possa ser recuperada mais facilmente, disseminada e impulsionar outras pesquisas.

Devido aos progressos que a tecnologia da informação trouxe para os fluxos informacionais, Packer (2005) propõe uma reestruturação do sistema tradicional da comunicação científica. Para o autor supracitado, os atores (autor, editor, revisor, indexador, bibliotecário, usuário-leitor) que antes trabalhavam isoladamente durante todo o processo, atualmente tem as suas atividades científicas realizadas em espaços virtuais de forma síncrona e com a possibilidade de que todos os documentos gerados sejam universalmente acessíveis. Essa nova estrutura da comunicação científica tem a Internet como único meio de publicação e possui como características: submissão e disponibilidade de acesso com tempo minimizado; todos os trabalhos publicados podem ser acessados a qualquer momento; possibilidade de maximizar a visibilidade e acessibilidade das publicações.

Fluxograma 2 – Nova estrutura da comunicação científica.



Fonte: Packer, 2005.

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação que ocorreu no final do século XX tendo um crescimento significativo na metade do século XXI, surgiram novos canais e formatos tornando o processo de comunicar muito mais ágil, eficiente e rompendo as barreiras geográficas. Segundo Le Coadic (2004, p. 84) a tecnologia da informação “tem por objeto a concepção de produtos, sistemas e serviços que permitem a construção, comunicação, armazenamento e uso da informação”.

Segundo Meadows (1999, p. 35),

na década de 1980, o desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação alcançara a etapa em que podia começar a competir com a impressão em papel como meio universal para difundir informações científicas. Nos últimos anos, portanto, passou a ser razoável examinar a possibilidade de se transferir informações científicas do meio impresso para o meio eletrônico.

E também foi na década de 1980 que as bibliotecas brasileiras começaram a utilizar as tecnologias da informação para aprimorar suas metodologias de trabalho e melhorar a qualidade de seus serviços. Ohira e Oliveira (1997, p. 79) citam os principais fatores que impulsionaram essa transição nas bibliotecas:

estabelecimento de redes de informação computadorizadas; introdução e utilização das novas tecnologias de informação; utilização do computador no ensino de Biblioteconomia, através da inclusão de disciplinas específicas nos cursos de graduação e pós-graduação; desenvolvimento e distribuição de softwares específicos para automação dos serviços bibliotecários; equipamentos (microcomputadores) e periféricos disponíveis nas bibliotecas; e adoção de um formato de intercâmbio bibliográfico e catalográfico no desenvolvimento dos projetos de automação das bibliotecas.

A incorporação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) proporcionou o aumento de produtividade dos pesquisadores, novas formas de comunicação entre pares, ferramentas de avaliação *online*, surgimento de livros e periódicos eletrônicos, bases de dados e repositórios digitais que contribuem para o armazenamento e uma rápida recuperação da informação. Barreto (2008, p. 12) ressalta que “as reais modificações que as tecnologias intensas de informação trouxeram foi uma nova forma de lidar com o acesso à informação e as modificações relacionadas ao tempo e ao espaço de sua transferência.

Entretanto, esses novos recursos das TICs trouxeram também desafios para o pesquisador e para o profissional que trabalha com a informação: como a necessidade de atualização cada vez mais rápida nos estudos científicos o que pode ocasionar aos cientistas uma certa dificuldade para conseguir se manter atualizado; domínio no uso das novas ferramentas de pesquisa; os centros de informação são afetados devido à rápida obsolescência das publicações, evolução no formato das publicações que faz com que seja custoso manter o seu acervo atualizado e ademais surge a necessidade constante de treinamento dos profissionais da informação para conseguir atender ao seu público (MUELLER, 2000a).

Visto a importância do papel das bibliotecas para a democratização ao acesso e disseminação das informações, Packer (2005) evidencia as limitações de alcance aos resultados das pesquisas científicas, principalmente para os países da América Latina e

Caribe. Os principais motivos desta limitação seriam causados pela demora da disponibilidade do artigo científico para usuários das bibliotecas; inviabilidade de acesso universal aos periódicos ocasionados pelo crescente número de publicações; alto custo na manutenção das assinaturas e na possível barreira geográfica entre biblioteca e usuário.

Com o surgimento do movimento acesso aberto (*open access*)<sup>18</sup> e as iniciativas de agências de fomento e de avaliação da produção científica brasileira, tais como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT), entre outras permitiu com que essas disparidades ao acesso informacional fossem reduzidas proporcionando as bibliotecas o alcance a um acervo amplo e atualizado.

É importante ressaltar que apesar das TICs proporcionarem grandes inovações na comunicação científica isso não significa a eliminação do uso de impressos no processo de comunicação, disseminação e uso de informações. As novas ferramentas surgem para trazer mais recursos e facilidades para a comunidade científica sendo vistas como o aprimoramento desses meios de comunicação. À vista disso, o catálogo elaborado neste estudo envolvendo os periódicos editados pelo Museu Nacional é mais um desses recursos que visa facilitar o trabalho dos usuários da biblioteca.

## 2.2 Periódicos científicos

As publicações científicas surgiram na Europa na segunda metade do século XVII devido à “necessidade de comunicação, do modo mais eficiente possível, com uma clientela crescente interessada em novas realizações” (MEADOWS, 1999, p. 7). Meadows (1999) ainda complementa que o periódico é visto como a formalização do processo de comunicação com a vantagem de poder ser consultado pela comunidade por um longo período de tempo.

Sobre a importância do surgimento dos periódicos para o desenvolvimento científico, Freitas (2006, p. 54) afirma que

os periódicos foram, desde seus primórdios, importantes canais de publicação de notícias científicas. No século XIX, expandiram-se e

---

<sup>18</sup> “Movimento mundial que se refere à disponibilidade e acesso gratuito por qualquer pessoa aos resultados de pesquisas científicas e demais recursos informacionais, acadêmicos e educacionais. Baseia-se na premissa de que o conhecimento é um bem público e, portanto, deve estar disponível a todos” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2023, não paginado). Para um maior entendimento sobre essa discussão, ver Mueller (2006).

especializaram-se, vindo a realizar importantes funções no mundo da ciência. Ao publicarem textos, os estudiosos registram o conhecimento (oficial e público), legitimam disciplinas e campos de estudos, veiculam a comunicação entre os cientistas e propiciam ao cientista o reconhecimento público pela prioridade da teoria ou da descoberta.

Para compreender a origem dos periódicos é preciso remeter-se à forma de comunicação científica no século XVI de quando a ciência ainda era feita por filósofos e cientistas. A troca de cartas era a forma padrão de comunicação entre pequenos grupos. Por meio de correspondências, os cientistas poderiam informar e receber parecer sobre novas ideias e pesquisas. Além disso, as cartas eram o meio mais seguro na época para evitar repreensões e censura por parte da Igreja e do governo. Apesar das repreensões, por volta de 1660, se estabilizavam as sociedades e academias científicas na Europa que tinham como metodologia a experiência empírica e observação. Com um grande interesse no intercâmbio de informações e de conhecimentos dentro e fora de seu país de origem intensificaram-se o volume das correspondências sobrecarregando os seus responsáveis. A fim de otimizar e ampliar sua distribuição surgiu a ideia de fazer uma publicação impressa com as cartas mais importantes e distribuí-la: criava-se assim os primeiros periódicos científicos (MEADOWS, 1999; MUELLER; CARIBÉ, 2010).

Os autores Gonçalves, Ramos e Castro (2006, p. 167) mencionam que as revistas científicas “foram inicialmente constituídas por poucos artigos, mais breves e específicos que as cartas e as atas, onde eram resumidos os processos e resultados de pesquisas, publicadas mensalmente ou a cada dois meses”.

Segundo Meadows (1999) a ideia foi muito bem recebida pela comunidade sendo replicada por outras sociedades científicas do continente europeu visto a enorme vontade dos cientistas em ampliarem os resultados de seus estudos e de conseguirem mais uma forma de preservar o conhecimento.

Muitas sociedades estabeleceram paralelamente um programa editorial. Assim, satisfaziam aos anseios dos sócios que almejavam tornar público seu trabalho, permitiam a não-sócios terem acesso aos trabalhos desenvolvidos pela sociedade e proporcionavam um registro que podia ser transmitido às gerações futuras (MEADOWS, 1999, p. 9).

De acordo com o autor supracitado, o *Journal des Sçavans* (grafia atualizada para *Journal de Savants* no começo do século XIX) é considerado o primeiro periódico a ser publicado. Lançado em Paris na data 5 de janeiro de 1665, a revista sugeria uma ampla cobertura de assuntos abrangendo desde a resumos de livros importantes, descrição de progressos científicos e técnicos e atualizações sobre o que acontecia na Europa. Visto que não seria possível cobrir assuntos tão diversos passou a se concentrar apenas a temas não-científicos. Esta publicação serviu de inspiração para os ingleses que logo em seguida, em

março de 1665, publicaram a *Philosophical Transactions* organizada pelo conselho da *Royal Society*, em Londres. Diferentemente da publicação francesa, a revista tinha interesse por estudos “experimentais” sendo vista como a pioneira em periódico científico. Este título é publicado até hoje no suporte impresso e digital pela *Royal Society*.

Embora tenha surgido no século XVII, Lopes (2009) explica que o século XIX foi marcante para a potencialização das publicações científicas visto que

foi o século em que as sociedades científicas, os museus, as academias e escolas dedicadas aos diversos ramos das ciências naturais, que começavam suas especializações, se multiplicaram na Europa e nos Estados Unidos trazendo consigo a potencialização de suas publicações. E essas, cada vez mais, em virtude das facilidades de transporte e comunicação, passaram a se tornar o instrumento privilegiado do diálogo do mundo científico (LOPES, 2009, p. 182).

Os periódicos trouxeram inovação na difusão da ciência passando a ser o principal meio de comunicação por toda a comunidade científica. Essa adesão ocorreu pelo motivo de serem impressos com maior facilidade, menor custo e serem mais eficientes em relação a produção e divulgação em comparação aos livros que por muito tempo foi o principal meio formal de comunicação (CÔRTEZ, 2006, MIRANDA; CARVALHO; COSTA, 2018).

Com o advento da ciência moderna, o importante passou a ser a comunicação rápida e precisa sobre uma experiência ou observação específica, que permitisse a troca também rápida de ideais e a crítica entre todos os cientistas interessados no assunto em questão. Isso provocou a necessidade de um novo meio de comunicação, de alcance mais amplo que a comunicação oral e a correspondência, bem mais rápido que os livros e tratados: o periódico científico (MUELLER, 2000b, p. 73-74).

Gonçalves, Ramos e Castro (2006) complementam que desde a origem dos periódicos foi determinado características para a publicação que permanecem até hoje, tais como periodicidade, papéis do editor e do conselho editorial e o processo de seleção de trabalhos.

O Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia define periódico como “fascículo numa série contínua sob o mesmo título, publicado a intervalos regulares, por tempo ilimitado, sendo cada fascículo numerado consecutivamente e com indicação de data” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 279). No que se refere a diferenciação de tipos que surgiram:

**Periódico acadêmico:** geralmente das áreas científicas e tecnológicas, que, por publicar artigos de pesquisa original, é considerado indispensável aos pesquisadores, professores e estudantes de uma área temática. **Periódico científico:** geralmente editado por uma instituição acadêmica, no qual a maioria dos artigos relata resultados de pesquisas (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 279, grifo nosso).

Segundo a autora Biojone (2003, p. 23-24),

o periódico científico pode ser visto, portanto, como o canal formal utilizado no processo de comunicação científica e os artigos científicos nele inseridos, como a forma definitiva de publicação dos resultados de pesquisa, que serão lidos e citados pela comunidade científica. Para que o processo de citação ocorra, os pesquisadores procuram divulgar seus trabalhos em periódicos específicos de sua área e também naqueles que gozam de prestígio internacional.

Em relação à estrutura, Meadows (1999) aponta as principais mudanças que ocorreram na apresentação dos periódicos durante os três últimos séculos. Visando otimizar as atividades de comunicação, as mudanças na estrutura foram ocasionadas devido ao crescente aumento e complexidade da comunidade científica. Conseqüentemente, essas normas proporcionam uma recuperação mais rápida de informações dentro do artigo:

- a) título do artigo: atualmente são mais extensos devido ao fato de conter informações mais detalhadas; antigamente eram mais sucintos transmitindo menor conteúdo informativo;
- b) autores: mudanças no registro do nome; há um século, a maioria dos artigos das ciências possuía um único autor, atualmente muitos artigos possuem dois ou mais autores;
- c) data: ao incluir a data em que o artigo foi recebido para publicação, esclarece a questão de quem foi o primeiro a publicar sobre determinado tópico;
- d) resumos: Inicialmente não apareciam como parte do artigo, mas como condensações publicadas em outras revistas. No século XIX, começaram a surgir periódicos dedicados exclusivamente à reprodução de resumos. Aos poucos, os resumos começaram a aparecer junto com os próprios artigos;
- e) referências: originalmente, as referências eram feitas no texto principal, em geral de uma forma bibliograficamente desestruturada. Posteriormente, migraram para notas de rodapé e depois para o final dos artigos. Simultaneamente a essa transformação, a forma como as referências eram citadas tornou-se cada vez mais estruturada: hoje em dia, em geral aplicam-se normas bibliográficas bastantes estritas.

Atualmente, as revistas são orientadas a seguirem um padrão básico de publicação no qual os artigos devem constar: título, autor, endereço, data de quando artigo foi recebido pela revista e porventura a data que foi apresentada uma versão corrigida do texto; em seguida o resumo que descreve sucintamente o conteúdo do artigo. O corpo do texto deve

abordar introdução, metodologia, instrumentação, resultados, conclusões e listas de referências (MEADOWS, 1999).

Fundada em 1947, a *International Organization for Standardization* (ISO) é uma entidade responsável pelo desenvolvimento de normas internacionais de padronização para produtos, processos, procedimentos e serviços. Membro fundador da ISO, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o órgão normalizador no Brasil que atua em várias áreas do conhecimento. A ABNT NBR 6021, de 2015 – Informação e documentação – publicação periódica técnica ou científica estabelece os elementos considerados indispensáveis para a estrutura de um periódico científico.

Os autores Gonçalves, Ramos e Castro (2006) sintetizam como acontece o fluxo da atividade editorial das publicações. Inicia-se com a etapa de recebimento de trabalhos para publicação, pré-seleção dos trabalhos, seleção de revisores, encaminhamento e acompanhamento do processo da revisão por pares, contato com o(s) autor(es) sobre possíveis comentários dos revisores, aprovação ou rejeição para publicação, revisão de texto, revisão gráfica e publicação. Os autores complementam que o periódico deve contar com uma equipe que execute as funções de editor científico, responsável pela manutenção da qualidade científica e editorial da revista, corpo editorial, formado por pesquisadores da área e consultores, e secretaria.

Os periódicos científicos são uma fonte fidedigna da informação com o objetivo de manter o alto padrão de qualidade na ciência. Além dos artigos passarem pelo processo de avaliação e revisão por pares, posteriormente foram criados critérios de qualidade para a revista como um todo que envolvem a periodicidade e pontualidade da publicação, formato e apresentação, endogenia (concentração de autores da própria instituição publicadora), tempo de existência do título, entre outros. Por meio do periódico também é possível medir a produção científica de pesquisadores e instituições por meio de indicadores de citação, autoria, co-autoria e acesso (GONÇALVES; RAMOS; CASTRO, 2006).

Os programas de avaliação de periódicos começaram a serem desenvolvidos a partir da década de 1960 por instituições como a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação e Ciências da Saúde (Bireme), o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entre outros (STUMPF, 2003).

Independente do formato de publicação, as revistas científicas têm a função de difundir e registrar o conhecimento científico. Destacam-se algumas outras funções como:

Preservação da memória científica do conhecimento;  
Formalização do conhecimento, através do registro público da autoria e estabelecimento de prioridade da descoberta científica;  
Estabelecimento da ciência “certificada”;  
Função social, com base no fato de que a revista científica é uma instituição social que confere prestígio e reconhecimento da propriedade intelectual, e também atua como intermediária entre a comunidade científica e sociedade;  
Função educacional;  
Canal de disseminação da informação, através dos serviços de indexação e bibliotecas (GONÇALVES; RAMOS; CASTRO, 2006, p. 171-172).

A respeito da recuperação de títulos e artigos, a atividade de indexação é uma prática indispensável para auxiliar a identificação desses documentos de acordo com seu assunto e com isso aumentar a visibilidade e disseminação. Já a localização do periódico, a entidade responsável por este serviço no Brasil é o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) que mantém o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadadas (CCN) que tem como finalidade disponibilizar informações sobre as coleções de periódicos disponíveis nas bibliotecas brasileiras que compõem a rede CCN. Além disso, é possível ter acesso a artigos identificados neste catálogo por meio do Programa de Comutação Bibliográfica (Comut), também mantido pelo Ibict. O acesso a estes serviços é realizado por uma base de dados disponível on-line com acesso liberado a qualquer pessoa. Entretanto, o serviço do Comut é pago e as bibliotecas agem como intermediárias nesse processo (MUELLER, 2000b).

Em 1971, foi criada a Rede ISSN, com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Implantada em 1974 para apoiar o controle bibliográfico mundial de publicações seriadas, por meio de um código único, o *International Standard Serial Number* (ISSN). O ISSN é o identificador internacionalmente aceito para individualizar o título de uma determinada publicação, tornando-o único e definitivo. O seu uso é definido pela ISO 3297 e pela Norma Brasileira da ABNT, a NBR 10525 – Numeração Internacional para Publicações Seriadadas. No Brasil, desde 1975, o Ibict vem desenvolvendo as funções de Centro Nacional da Rede ISSN, sendo o único membro no país responsável pela atribuição do código ISSN (FACHIN; HILLESHEIN, 2006).

Embora tenha sido uma grande revolução na forma de comunicar e registrar conhecimentos, a comunidade científica, com o tempo foi percebendo algumas deficiências em relação ao formato impresso dos periódicos como a demora na publicação do artigo, dificuldade de distribuição, altos custos de aquisição e manutenção de coleções. Estes fatores trouxeram a necessidade de buscar alternativas para otimizar o fluxo informacional nesse meio de comunicação.

Com o desenvolvimento das TICs surgiram novos recursos e conseqüentemente uma atualização na difusão, acesso e uso do conhecimento reparando assim alguns problemas

em relação ao suporte impresso. Com a sua capacidade ampliada, os periódicos eletrônicos surgem tornando os procedimentos mais dinâmicos, velozes e globalizados.

Miranda, Carvalho e Costa (2018) destacam algumas vantagens do formato eletrônico: maior flexibilidade e rapidez nos recursos de recuperar a informação; aumento da visibilidade do periódico; melhoria no armazenamento, por não precisar de espaço físico para depositar os documentos; agilidade e transparência nos processos editoriais; custo reduzido em relação a publicação e distribuição, minimização das barreiras geográficas e financeiras; difusão crescente da informação científica.

As novas tecnologias também proporcionaram inovação nas formas de preservação e acesso às publicações, além de novas possibilidades de armazenamento no ambiente digital como base de dados, repositórios digitais e portais eletrônicos de periódicos.

Mueller (2000b) explica que os periódicos eletrônicos estão em constante atualização. Alguns mantêm o mesmo formato do periódico impresso, enquanto outros utilizam novos recursos da Internet com *links* a outros documentos, hipertextos e até mesmo ferramentas de som, imagens e movimento. Entretanto, a autora afirma que a maioria dos periódicos eletrônicos ainda é muito parecida com a versão impressa, inclusive mantendo as mesmas características de edição como periodicidade, identificação de volumes e fascículos.

Embora seja crescente o número de periódicos produzidos ou que deram continuidade de suas coleções apenas no formato digital, ainda é grande o número de títulos impressos ou que preferem manter a versão híbrida de suas publicações. É importante ressaltar que as características essenciais do formato tradicional das revistas científicas não foram perdidas com essas atualizações de formato.

Sobre essa resistência a migração completa ao formato eletrônico nos dias atuais Mueller (2000b) disserta que isso ocorre devido a problemas de confiança e acesso. Parte da comunidade científica ainda sente mais segurança às informações veiculadas no formato tradicional, também há os problemas econômicos enfrentados por algumas bibliotecas que não possuem recursos necessários para o acesso on-line e os interesses comerciais das editoras. Além do mais, ao cancelar uma assinatura eletrônica a biblioteca perderá todo o acesso a coleção retrospectiva que havia sido adquirida.

### **2.3 Primeiros periódicos científicos brasileiros**

O surgimento dos periódicos no Brasil começou a ter indícios com a chegada da Família Real em 1808. A transição de colônia à sede da Corte desencadeou profundas

transformações culturais e científicas ocasionando na criação de diversas instituições e a liberação da tipografia que até então era proibida no país.

A criação da Imprensa Régia<sup>19</sup> foi um dos primeiros atos de D. João VI no Brasil devido à necessidade de imprimir as publicações oficiais do Governo. Além dos documentos oficiais, diversos outros tipos de publicações também foram impressos passando a ser a maior tipografia brasileira. Segundo Freitas (2006) é a Imprensa Régia a responsável pela primeira publicação oficial impressa no país, a “Gazeta do Rio de Janeiro”. O primeiro número foi publicado em 10 de setembro de 1808 e era voltado a assuntos destinados à Corte portuguesa. Após este título surgiu a “Idade D’Ouro do Brasil” (1811-1823) e “As Variedades ou Ensaio de Literatura” (1812), ambos publicados na Bahia. A autora complementa que ainda no século XIX são iniciadas a divulgação e a comunicação da ciência no Brasil feitas em jornais diários não especializados e voltados para o grande público.

Assumindo uma importante função na comunicação da ciência, a Imprensa Régia também edita o primeiro periódico científico brasileiro “*O Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil &c. do Rio de Janeiro*” (1813-1814), dedicado às ciências e às artes. A respeito sobre a sua importância para o país, a historiadora Maria Helena Freitas afirma que, “embora efêmero (18 números), este jornal aborda um largo leque de temas diversificados. As técnicas de navegação, a mineralogia, a botânica [...]. Os artigos são tanto traduções quanto textos originais que propõem novos métodos e técnicas” (FREITAS, 2006, p. 58).

Com as instituições científicas ainda em desenvolvimento, durante o reinado de D. Pedro I não surgiram muitos periódicos científicos brasileiros. Os poucos que foram publicados tiveram uma breve duração: “*Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes e Literatura*” (1822), “*Jornal Scientifico, Economico e Literario*” (1826), “*O Propagador das Sciencias Medicas*” (1827) e “*O Beija-Flor: Annaes Brasileiros de Sciencia, Politica, Literatura*” (1830-1831). Nesta época, destacava-se a produção de pasquins que foram impulsionadas devido ao momento político. (FREITAS, 2006).

No período regencial continua a intensa produção de pasquins e também ocorre a fundação das primeiras sociedades técnico-científicas. Freitas (2006) ressalta que com esta iniciativa a comunicação científica no Brasil começa a se estabelecer pelo fato de estar vinculada a instituições da mesma finalidade e não realizada como uma atividade isolada conforme acontecia até então. Surge a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional responsável pelo periódico “*O Auxiliador da Indústria Nacional*” (1833-1892) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que publicou a “*Revista Trimensal de Historia e Geographia*” ou “*Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*” iniciado em 1839 e que é publicado até hoje. (AMORIM; RAMALHO; FONTANETTO, 2009b; FREITAS, 2006).

---

<sup>19</sup> Estabelecida pelo decreto de 13 de maio de 1808, cancelado pelo príncipe regente.

Sobre o periódico “O Auxiliador da Indústria Nacional”, a historiadora Heloisa Bertol Domingues destaca que

tinha grande raio de alcance, pois era distribuído em diversas províncias do Império. Publicavam-se diferentes gêneros, como cartas, memórias, relatórios e traduções de reconhecidos periódicos internacionais [...]. Inicialmente os artigos privilegiavam conhecimentos mais diretamente ligados aos produtos da agricultura, como a botânica e a química. Já na conjuntura do fim dos séculos XIX, a agricultura deixava de ser considerada a “primeira indústria” e os conhecimentos difundidos diziam respeito a experiências com minerais, produção de energia ou ao fabrico de grandes máquinas (DOMINGUES, 2001, p. 96-97).

No Segundo Reinado a imprensa expandia-se no Brasil ocorrendo um aumento significativo do número de publicações e o interesse em fazer e divulgar ciência. Inclusive é neste período que o Museu Nacional publica o primeiro periódico científico no país dedicado às Ciências Naturais, em 1876, que veremos com mais detalhes na próxima seção.

A partir de 1850, as atividades de divulgação se intensificaram em todo o mundo, acompanhando as esperanças sociais crescentes acerca do papel da ciência e da tecnologia, que se intensificaram com a segunda revolução industrial na Europa. O Brasil, ainda que em menor escala, também foi atingido por essa onda de interesse pela divulgação científica (AMORIM; RAMALHO; FONTANETTO, 2009b, não paginado).

De acordo com Amorim, Ramalho e Fontanetto (2009b) as publicações do século XIX tinham como temas os assuntos científicos estudados na época, com artigos destinados a conhecimentos que pudessem trazer benefícios ao país, estimulando a produção nacional e assim reduzir a dependência das importações. As áreas estudadas neste período eram: Agronomia, Astronomia, Botânica, Demografia, Educação, Física, Geografia, História Natural, Medicina, Meteorologia, Química, Sismologia, Urbanismo e Zoologia.

Em relação à estrutura, os periódicos brasileiros normalmente possuíam entre quatro a doze folhas, com páginas divididas em duas ou três colunas, numeração contínua, poucas ilustrações devido ao custo de impressão e também era comum o uso de pseudônimos nos textos publicados.

#### **2.4 A trajetória dos periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940**

O Museu Nacional, segundo Sá e Domingues (1996, p. 79), “desempenhou, desde os primórdios de seu funcionamento, papel preponderante como gerador e divulgador do conhecimento científico”. Durante a gestão de Ladislau Netto intensificou-se a necessidade

de registrar e disseminar o resultado dessa produção científica produzida pela instituição e consequentemente se inserir no meio científico, surgindo assim o primeiro periódico do Museu Nacional.

As publicações do Museu Nacional representam um valor imensurável para a trajetória do desenvolvimento científico brasileiro. Conforme exalta o entomólogo José Oiticica Filho (1961, p. 5) “é, principalmente, através de suas publicações que a vida do Museu Nacional vibra toda a sua plenitude, distribuindo a mãos cheias os frutos de seu labor e recebendo, em troca, com humildade, a gratidão pela tarefa bem cumprida”.

As publicações editadas pelo Museu Nacional são obras de grande valor técnico-científico que expressam a caminhada intelectual dos cientistas e da instituição, e consequentemente consideradas num importante elemento para a construção da memória científica da sociedade brasileira.

O Museu vive e é, portanto, conhecido na sua parte de pesquisa e de estudo, porque suas publicações existem e se propagam cheia de vida pelos anos afora desde 1876. Para que o Museu viva integralmente é preciso reviver a sua revista, a Revista do Museu Nacional. É um dever e um dever imperativo” (OITICICA FILHO, 1961, p. 21).

Abaixo o quadro com panorama dos periódicos editados pelo Museu Nacional e os diretores que perpassaram pelos respectivos títulos até a década de 1940.

Quadro 1 – Panorama dos periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940 (continua).

<b>Periódico</b>	<b>Ano do início da publicação</b>	<b>Direção Museu Nacional</b>
Arquivos do Museu Nacional	1876	Ladislau de Souza Mello e Netto Amaro Ferreira das Neves Armond Domingos José Freire Junior João Batista de Lacerda Bruno Álvares da Silva Lobo Arthur Neiva Edgard Roquette Pinto Alberto Betim Paes Leme Heloísa Alberto Torres
Boletim do Museu Nacional	1923	Arthur Neiva Edgard Roquette Pinto Alberto Betim Paes Leme Heloísa Alberto Torres
Revista Nacional de Educação	1932	Edgard Roquette Pinto Heloísa Alberto Torres
Manuais do Museu Nacional	1943	Heloísa Alberto Torres

Quadro 1 – Panorama dos periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940 (conclusão).

Periódico	Ano do início da publicação	Direção Museu Nacional
Revista do Museu Nacional	1944	Heloísa Alberto Torres
Publicações Avulsas	1945	Heloísa Alberto Torres

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

#### 2.4.1 Arquivos do Museu Nacional (1876-2010)

A revista Arquivos do Museu Nacional foi um grande marco para a instituição. Além de ser o primeiro periódico científico do Museu, também foi o pioneiro dedicado às Ciências Naturais no Brasil. A ideia da revista surgiu a partir da iniciativa de Ladislau Netto, visionário e grande incentivador de novas práticas científicas, que ao assumir a direção do Museu revolucionou a instituição ao conseguir reestruturá-la administrativamente. Além do periódico foi estabelecida uma nova divisão de seções<sup>20</sup>, criação de concursos e cursos públicos e o incentivo para a realização de expedições científicas pelo Brasil para contribuir no desenvolvimento do acervo. No relatório anual da direção, Ladislau Netto manifestou a importância de criar um periódico especializado.

Neste país, onde nenhum jornal existe que se consagre especialmente às ciências especulativas e onde os impressos particulares que tratam de tais assuntos vendem-se a peso de balcão do taverneiro, uma tal publicação não seria unicamente incentivo de alto poder para quanto entre nós se dão ao culto das ciências; ela viria também erguer no conceito público as letras e as ciências nacionais mal curadas ou desprestigiadas, e finalmente seria os olhos da civilização estrangeira traslado seguro do progresso intelectual deste país (MUSEU NACIONAL, 1874, p. 9).

O primeiro periódico científico dedicado às Ciências Naturais no Brasil foi oficializado no decreto 6.116, de 9 de fevereiro de 1876. O art. 19 deste documento revela a sua finalidade:

constar todas as investigações e trabalhos realizados no estabelecimento, das notícias nacionais ou estrangeiras que interessarem às ciências de que se ocupa o Museu, do catálogo das coleções mais importantes, dos donativos feitos ao estabelecimento, e dos nomes das pessoas a quem seja conferido o título de Membro correspondente do Museu (IMPÉRIO DO BRASIL, 1876, p. xi).

<sup>20</sup> De acordo com o decreto 6.116 a nova divisão contemplaria 3 seções: 1 – Antropologia, zoologia geral e aplicada, anatomia comparada e paleontologia animal; 2 – Botânica geral e aplicada e paleontologia vegetal; 3 – Ciências físicas: mineralogia, geologia e paleontologia geral. Seção anexa: Arqueologia, Etnografia e numismática.

Com o intuito de legitimar as pesquisas científicas produzidas na instituição e de ampliar a sua rede de sociabilidade científica, o periódico foi uma importante ferramenta de consagração de seus cientistas. Além disso, a ampliação do alcance do resultado dos estudos realizados também trouxe visibilidade para o desenvolvimento científico brasileiro em países estrangeiros.

Os Arquivos também proporcionaram iniciar o intercâmbio de impressos na instituição. Ao ser inserido na comunidade científica internacional, além do reconhecimento, o Museu, também pretendia ampliar a circulação do periódico e fortalecer a prática de permuta. Isto proporcionou o enriquecimento do acervo da biblioteca tornando-o vasto e diversificado.

Ladislau Netto exercia a função central na produção do periódico. De acordo com o decreto, a comissão responsável pela redação e publicação seria formada pelo diretor geral, um diretor de seção do Museu juntamente com o subdiretor.

O principal critério para a aprovação do manuscrito para integrar o corpo textual do periódico era ser preferencialmente um trabalho original do corpo docente.

De acordo com os artigos 41 e 42 do Regimento Interno do Museu Nacional de 1879, a comissão de redação era responsável pela avaliação dos artigos submetidos, devendo analisá-los e revisá-los. Os critérios de seleção eram: os trabalhos deveriam ser de interesse coletivo, originais e com temas relacionados às seções do Museu (AGOSTINHO, 2014).

Já no primeiro volume a revista foi muito bem recebida pela comunidade científica. Recebeu menção especial na “*Revue d’ Anthropologie*”, órgão da Sociedade Antropológica da França. O artigo de Lacerda e Peixoto “Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil”, foi traduzido para o francês e recebeu elogios de Quatrefages (LOPES, 2009).

Segundo Lopes (2009), a repercussão internacional era uma preocupação para Ladislau Netto pois era o que lhe rendia prestígio científico e apoio político, por isso fazia questão de contar com artigos de autores com renome internacional, como Fritz Müller, professores do *Jardin des Plantes* ou funcionários que procuravam publicar suas investigações em periódicos estrangeiros, como Derby.

Apesar de ter sido planejada para ser publicada trimestralmente, o periódico sofreu com recorrentes atrasos na publicação e não conseguiu cumprir essa periodicidade. Normalmente publicado uma vez ao ano, o maior intervalo percebido entre os anos 1876 a 1948 foi de nove anos entre as publicações. Inicialmente esse atraso era ocasionado pela dificuldade da época na impressão ou por dificuldades financeiras. Em alguns volumes esse atraso foi justificado no prefácio da revista pela diretoria.

No volume 8, publicado em 1892, com Neves Armond na direção, afirma-se que um dos primeiros feitos da diretoria seria retornar com a publicação que estava interrompida há cinco anos.

Após mais uma pausa, em 1895, no volume 9, com João Baptista de Lacerda na direção ocorreu outra justificativa pela interrupção do periódico, desta vez de três anos. Segundo Lacerda (1895), os acontecimentos políticos enfrentados pelo Brasil na época interferiram bastante nas atividades científicas da instituição. Além dos acontecimentos políticos, o diretor também acrescenta a mudança do edifício para a Quinta da Boa Vista que ocupou todo o corpo técnico da instituição para a organização no novo espaço.

O trabalho de remoção absorveu, durante muitos meses, a atividade de todo o pessoal do Museu e obstou que se cuidasse com a merecida atenção da publicação da Revista. Ajunte-se agora a tudo isto a morosidade da impressão, motivada por excesso de trabalho da Typografia Nacional durante o período em que funcionou o Congresso (LACERDA, 1895, xiv).

O diretor ainda salienta a importância da revista manter o alto nível dos artigos publicados com o trabalho científico desenvolvido na instituição: “para não desmentir a justa reputação que conquistou que é nosso dever sustentar a todo transe, não pode inserir em suas páginas se não trabalhos originais de pesquisa ou de observação científica” (LACERDA, 1895, não paginado).

A partir do volume 29 (1927), a revista começou a veicular a seguinte nota em todas as publicações: “Os *Archivos* são publicados sem data fixa; o Boletim do Museu Nacional é regularmente publicado em março, junho, setembro e dezembro”.

Os Arquivos do Museu Nacional eram direcionados a um público especializado e isso refletia na sua distribuição voltada a estabelecimentos científicos.

Será remetida gratuitamente a revista as bibliotecas e estabelecimentos científicos e literários do Império, fundada pelos poderes públicos ou por iniciativa particular, e bem assim as bibliotecas e estabelecimentos estrangeiros com os quais mantenha o Museu relações ou venha estabelecê-las. Igual remessa poderá ser feita as redações dos periódicos e revistas nacionais e estrangeiros. (IMPÉRIO DO BRASIL, 1876, p. xi).

Inicialmente, “na busca de maior respaldo internacional, todas as revistas listavam não só os nomes dos membros correspondentes, como também as instituições ‘congêneres’ com quem realizava a permuta dos Arquivos” (LOPES, 2009, p. 183-184). Sendo assim, a forma com que o periódico se apresentava perdurou durante muitos volumes: capa, folha de rosto, seguida de uma página destacando os nomes da comissão de redação, nas páginas seguintes o quadro de pessoal da instituição e os seus membros correspondentes.

Em alguns volumes também há uma página destinada a “Necrologia”, que era uma homenagem aos naturalistas da instituição que faleceram. Até o volume 7 (1887), as últimas páginas são reservadas para apresentar a relação anual das obras recebidas por meio da permuta. A relação das publicações está organizada em ordem alfabética pelo nome das cidades (nacional e estrangeira) das instituições e o título da publicação. A partir do volume 28 (1926), a última página é dedicada a listar as publicações do Museu Nacional que já haviam sido publicadas.

Em relação às ilustrações técnicas, os primeiros a executarem esta função segundo Lopes (2009) foram Teodoro Fernandes Sampaio, o “desenhador” do museu de 1876 até 1879 quando foi substituído por seu ajudante Antônio Avé Lallemand.

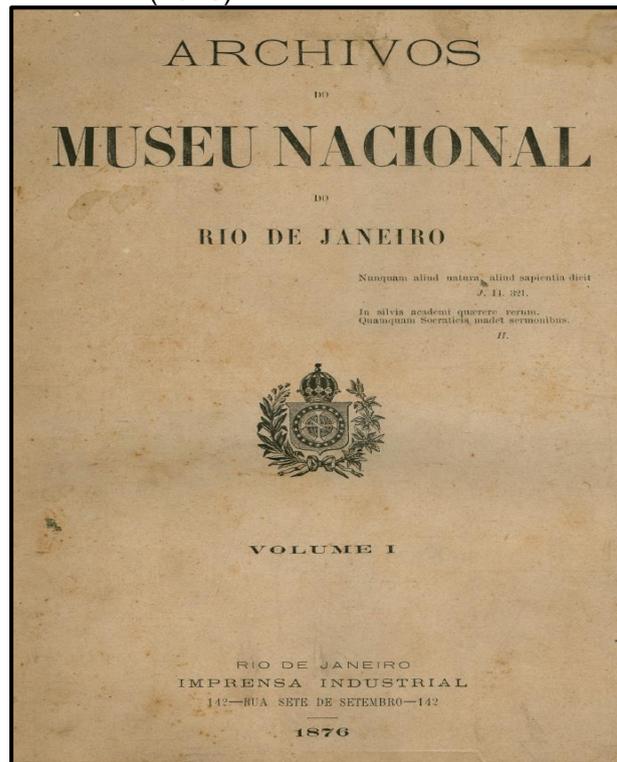
A capa do periódico era sóbria, sem muitos detalhes. Trazendo o brasão do Império, a informação da tipografia, ano de publicação e duas epígrafes escritas em latim abaixo do título: “*Nunquam aliud natura, aliud sapientia dicit J. 14.321*” e “*In silvis academi querere rerum. Quamquam Socraticis madet sermonibus H*”. De acordo com Agostinho (2014), a primeira epígrafe pode ter as seguintes traduções: “Nunca a natureza tem uma linguagem e a sabedoria outra” e “Jamais a ciência fala em contrário à natureza”. A autoria é de Juvenal, escritor romano que a compôs para *Sátiras XIV*, 321. A segunda epígrafe tem como tradução “Na selva *academi* procura as coisas, ainda que se encharque de raciocínios socráticos” e é a junção de duas expressões no qual a primeira parte foi escrita por Ladislau Netto, a segunda autoria de Horácio que foi escrita em *Ode III*, 21, 10.

Sobre o significado das epígrafes a autora supracitada disserta que

o uso do latim na publicação serviu para delimitar e integrar determinado grupo social que compreendia aquela linguagem, que era o grupo de cientistas. Quanto ao teor da mensagem, o editor reforçou o valor das ciências naturais na medida em que destacou a natureza como fonte reveladora da verdade. A presença das epígrafes não só buscou a valorização do periódico, como também procurou legitimar a produção científica do Museu Nacional perante a comunidade científica leitora, uma vez que a instituição, ao investigar o mundo natural, divulgava a verdade sobre ele (AGOSTINHO, 2014, p. 46-47).

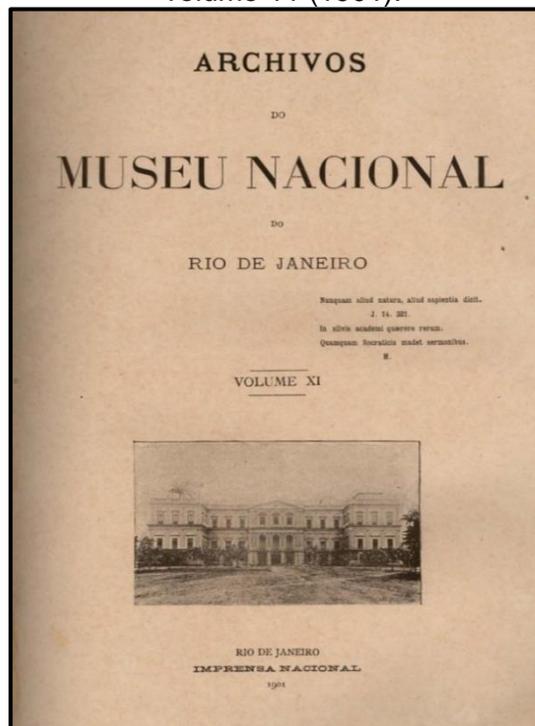
Com o passar do tempo, a capa sofreu algumas atualizações, entretanto as duas epígrafes em latim permaneceram em todos os volumes da publicação. O brasão do Império foi substituído pela imagem da fachada do Museu Nacional, outra mudança sucedeu em 1929 e um desenho simples da flor da vitória régia passou a caracterizar a capa. A partir de 1945, o brasão da República começou a estampar a publicação.

Figura 1 – Arquivos do Museu Nacional, v. 1 (1876).



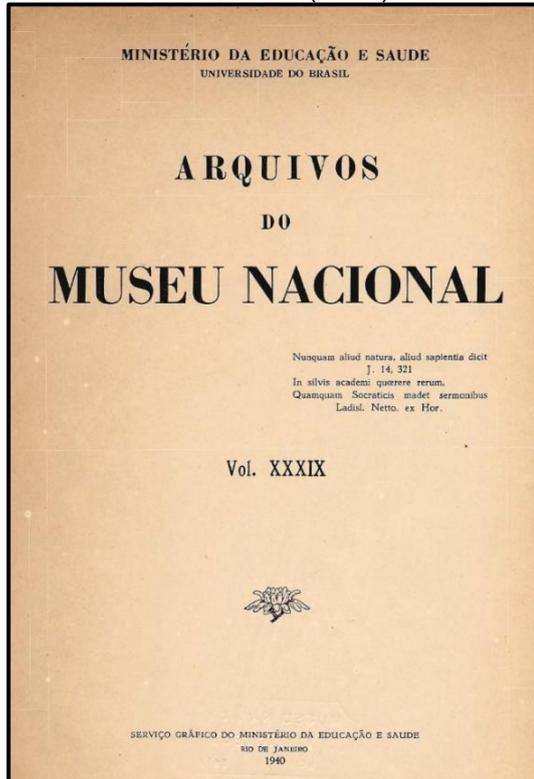
Fonte: Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional, 20--.

Figura 2 – Arquivos do Museu Nacional, volume 11 (1901).



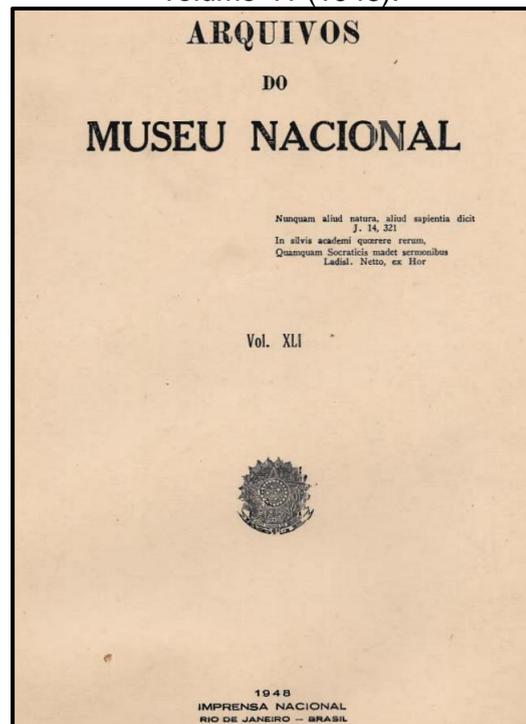
Fonte: Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional, 20--.

Figura 3 – Arquivos do Museu Nacional, volume 39 (1940).



Fonte: Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional, 20--.

Figura 4 – Arquivos do Museu Nacional, volume 41 (1948).



Fonte: Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional, 20--.

A revista publicou o total de 68 volumes, com o primeiro volume lançado em 1876 e o último em julho de 2010 e nesta notável trajetória sofreu algumas modificações no decorrer de sua publicação.

A partir do v. 17 (1915), não é mais apresentado o quadro de pessoal do Museu Nacional. A página dedicada aos nomes da comissão de redação não aparece mais a partir do v. 29 (1927).

Em 1943, no volume 37 ocorreu a atualização do título “*Archivos do Museu Nacional*” para “Arquivos do Museu Nacional”. No volume 39 (1940), há uma nota do editor escrita em português e inglês informando sobre as mudanças tipográficas na revista. Sendo assim, no volume 40 (1945) observa-se algumas atualizações: o texto do artigo é apresentado em duas colunas e a referência bibliográfica que até então aparecia na nota de rodapé, é inserida no final do artigo. A partir do volume 43 (1953), Haroldo Pereira Travassos assume a edição do periódico, o naturalista ocupa essa função até o volume 52 (1962).

No volume 43, veicula-se uma nota na publicação informando sobre o novo aspecto tipográfico aprovado na egrégia Congregação do Museu Nacional no qual foi decidido publicar um formato mais reduzido da revista.

O texto foi impresso em diversas tipografias. Um dado curioso é que do volume 29 ao 36 não consta na publicação a indicação da tipografia, entretanto, segundo José Oiticica Filho (1961, p. 12-15), o responsável pela impressão era o próprio Museu Nacional que mantinha a sua própria tipografia na instituição:

O Museu Nacional já teve as suas oficinas tipográficas próprias. E daí? Daí é que elas daqui foram arrancadas e carregadas por ordens superiores! [...] Pela brincadeira política de arrancarem daqui a nossa oficina gráfica, num menosprezo revoltante pela nossa ciência e pela nossa cultura.

Abaixo a relação até a década de 1940 com as diferentes gráficas que imprimiram o manuscrito e os responsáveis pela comissão de redação no decorrer desse período.

Quadro 2 – Relação da comissão de redação, tipografia e direção dos Arquivos até a década de 1940 (continua).

	<b>Comissão de redação</b>	<b>Tipografia</b>	<b>Diretor</b>
1876 v. 1	Ladislau Netto, Carlos F. Hartt, Charles F., C. L. de Saules Junior	Imprensa Industrial Rua Sete de Setembro, 142	Ladislau Netto
1877 v. 2	Ladislau Netto, C. F. Hartt, J. B de Lacerda Filho	Imprensa Industrial Rua da Ajuda, 75	Ladislau Netto

Quadro 2 – Relação da comissão de redação, tipografia e direção dos Arquivos até a década de 1940 (continuação).

	<b>Comissão de redação</b>	<b>Tipografia</b>	<b>Diretor</b>
1878 v. 3	Ladislau Netto, J. J. Pizarro, J. B. de Lacerda Filho	Typografia do Imperial Instituto Artístico Rua D’Ajuda, Floresta, 61	Ladislau Netto
1879 v. 4 1880 v. 5	Ladislau Netto, Orville R. Derby, Nicolau J. Moreira	Typ. Economica de Machado & C. Rua de Gonçalves Dias, 28	Ladislau Netto
1885 v. 6	Ladislau Netto, Orville R. Derby, João Baptista de Lacerda	Typ. Economica de Machado & C. Rua de Gonçalves Dias, 28	Ladislau Netto
1887 v. 7	Ladislau Netto, Orville R. Derby, Francisco José de Freitas	Typ. Economica de Machado & C. Rua de Gonçalves Dias, 28	Ladislau Netto
1892 v. 8	–	Imprensa Nacional	Amaro Ferreira das Neves Armond
1895 v. 9	João Baptista de Lacerda, Hermillo Bourgy Macedo de Mendonça, Ernesto Ule	Imprensa Nacional	João Baptista de Lacerda
1899 v. 10 1901 v. 11 1903 v. 12 1905 v. 13	João Baptista de Lacerda, Hermillo Bourgy Macedo de Mendonça, Domingos Sergio de Carvalho	Imprensa Nacional	João Baptista de Lacerda
1907 v. 14 1909 v. 15	–	Imprensa Nacional	João Baptista de Lacerda
1911 v. 16	–	Officinas Typograficas da Papelaria Macedo	João Baptista de Lacerda
1915 v. 17	Bruno Lobo, Miranda Ribeiro, Roquette-Pinto	–	João Baptista de Lacerda
1916 v. 18 1916 v. 19 1917 v. 20 1918 v. 21 1919 v. 22 1921 v. 23	Bruno Lobo, Miranda Ribeiro, Roquette-Pinto	Imprensa Nacional	Bruno Lobo
1923 v. 24 1925 v. 25	Arthur Neiva, Miranda-Ribeiro, Roquette-Pinto	Imprensa Nacional	Arthur Neiva
1926 v. 26 1926 v. 27	Arthur Neiva, Miranda-Ribeiro, Roquette-Pinto	Livraria, Papelaria e Litho-Tipografia Pimenta de Mello & C.	Arthur Neiva
1926 v. 28	Arthur Neiva, Miranda-Ribeiro, Roquette-Pinto	Graphica Ypiranga Cysneiros e Cia. Rua do Senado, 8	Arthur Neiva

Quadro 2 – Relação da comissão de redação, tipografia e direção dos Arquivos até a década de 1940 (conclusão).

	<b>Comissão de redação</b>	<b>Tipografia</b>	<b>Diretor</b>
1927 v. 29 1928 v. 30 1929 v. 31 1930 v. 32 1931 v. 33 1932 v. 34 1933 v. 35 1934 v. 36	–	[Tipografia do Museu Nacional]	Edgard Roquette-Pinto
1943 v. 37 1945 v. 38	–	Imprensa Nacional	Heloisa Alberto Torres
1940 v. 39	–	Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde	Heloisa Alberto Torres
1945 v. 40 1948 v. 41	–	Imprensa Nacional	Heloisa Alberto Torres

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Em relação ao conteúdo, por ser um periódico destinado a um público especializado utiliza-se uma linguagem científica e o uso de terminologias específicas da área do conhecimento.

A língua portuguesa prevalece nos artigos. Tratando-se de outros idiomas, até o volume 41 foram publicados nove textos em francês, cinco na língua inglesa, um em latim, um texto em alemão e seis textos bilíngues português e inglês.

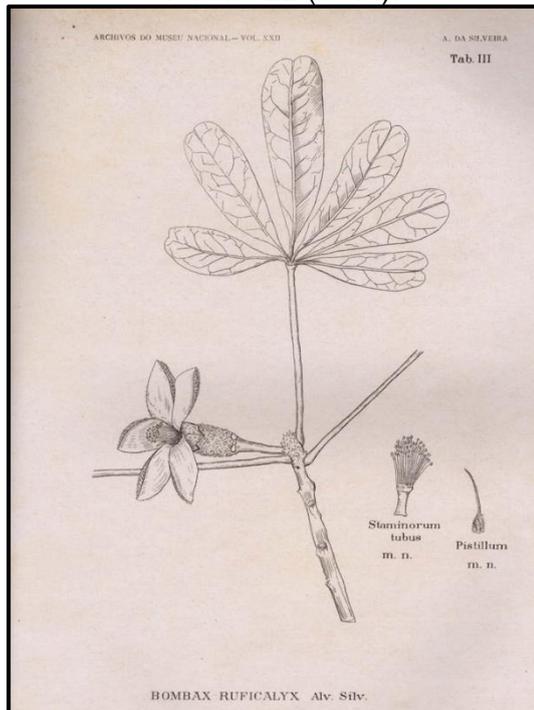
O periódico também traz riqueza nas ilustrações e estampas que são acompanhadas de legenda e quando necessário de notas explicativas.

Figura 5 – Estampa Arquivos do Museu Nacional, v. 1 (1876).



Fonte: Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional, 20--.

Figura 6 – Arquivos do Museu Nacional, volume 22 (1919).



Fonte: Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional, 20--.

Figura 7 – Arquivos do Museu Nacional, volume 27 (1926).



Fonte: Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional, 20--.

Figura 8 – Estampa Arquivos do Museu Nacional volume 13 (1905).



Fonte: Arquivo da Biblioteca do Museu Nacional, 20--.

Tratando-se da formatação do texto, em alguns volumes o manuscrito é apresentado em duas colunas.

A publicação possui sumário do texto e das ilustrações e/ ou estampas (aliás alguns volumes eram chamados de índice) e a sua localização alternava de posição, ora aparecia na última ou na primeira página da revista.

O periódico é bem volumoso, o volume 17 por exemplo continha 762 páginas. Em sua maioria acumulava cerca de 150 páginas por publicação e contava com páginas numeradas.

Com a exceção de um texto, todos os outros artigos possuem a autoria identificada, porém a maioria não aparece com a informação do vínculo profissional. Em 41 volumes foram contabilizados 204 artigos publicados, com a autoria de 74 autores diferentes, dentro os quais 16 são autores estrangeiros. Alguns nomes estrangeiros aparecem aporuguesados. Como o intuito do periódico era apresentar o que estava sendo produzido pelo Museu Nacional, prevalece na publicação a autoria dos naturalistas da instituição. Sete artigos tem a autoria compartilhada.

Os colaboradores mais assíduos durante o período analisado foram: o naturalista Alípio de Miranda Ribeiro, o arqueólogo Alberto Childe, o médico João Baptista de Lacerda, botânico A. J. de Sampaio, naturalista Fritz Müller e os zoólogos Mello-Leitão e Carlos Moreira. Abaixo o quadro com a distribuição dos autores e sua respectiva quantidade de artigos publicados.

Quadro 3 – Assiduidade dos autores com maior destaque até a década de 1940 – Revista Arquivos do Museu Nacional.

<b>Autor</b>	<b>Quantidade de artigos publicados</b>
Alípio de Miranda Ribeiro	26
Alberto Childe	17
João Baptista de Lacerda	16
Fritz Müller	16
A. J. de Sampaio	15
Mello-Leitão	11
Carlos Moreira	8
Orville A. Derby	7

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Um ponto interessante que deve ser mencionado é a presença da primeira mulher a publicar um artigo no periódico. Maria do Carmo de Mello Rego<sup>21</sup> aparece no volume 10, em 1899 com o artigo intitulado “Artefactos indigenas de Matto Grosso”. Vinte anos depois, em 1919 (v. 22), há outra contribuição feminina: Bertha Lutz<sup>22</sup> aparece como a responsável pela organização do índice do periódico. Em 1926 (v. 26) ela reaparece com o artigo “Estudos sobre a biologia floral da Mangifera indica L.”.

Dos 204 artigos publicados as áreas do conhecimento que mais se destacaram foram: Zoologia com 88 artigos, dentro os quais 26 eram sobre Entomologia; 37 na área de Botânica e 23 na área de Arqueologia, sendo 11 referentes à Egiptologia.

Abaixo, o quadro com a quantificação dos temas tratados pelos artigos que mais se sobressaíram até a década de 1940.

Quadro 4 – Temas tratados com maior assiduidade – Arquivos do Museu Nacional.

Área do conhecimento	Número total de artigos
Zoologia	88
Zoologia/ Entomologia	26
Botânica	37
Arqueologia	23
Arqueologia/ Egiptologia	11
Geologia	20
Antropologia	13
Fisiologia Experimental	8
Etnologia	5

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Embora não esteja dentro do nosso recorte cronológico, não podemos deixar de mencionar as notáveis mudanças que ocorreram na publicação após a década de 1940 quando ocorreu mais uma notificação editorial de mudança tipográfica na revista.

<sup>21</sup> Maria do Carmo de Mello Rego (1840-?) foi uma mulher viajante do século XIX. Nascida no Uruguai na Estância de Lencho. Casou-se com Francisco Rafael do Mello Rego, presidente da província de Mato Grosso. Seu grande interesse pela região levou-a aos estudos etnográficos e sociais de Mato Grosso no século XIX. Participou da expedição em companhia do naturalista alemão Dr. Karl Von den Steinen. Escreveu Lembranças de Mato Grosso (1897) que narra suas impressões sobre a viagem através do Rio da Prata até Cuiabá, além de retratar cenas do cotidiano da província no final do século XIX. Sempre atenta aos costumes e fatos indígenas, escreveu sobre a índia Rosa Bororo (1895), capturada por uma bandeira punitiva no século XIX. Também estudou os Artefatos Indígenas de Mato Grosso (1889). (MELLO..., 2020).

<sup>22</sup> Bertha Lutz (1894-1976) ativista feminista, zoóloga, pesquisadora do Museu Nacional, educadora, diplomata e política brasileira. Era filha de Adolfo Lutz, cientista e pioneiro da medicina tropical. Foi uma das figuras mais significativas do feminismo e da educação no Brasil do século XX.

Em 1946, o Museu Nacional foi incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a partir do volume 43 (1957) passou a ser impresso na Oficina Gráfica da Universidade do Brasil. A capa da publicação também tem uma nova mudança, passando a ter estampada a figura mitológica Deusa Minerva, símbolo da universidade.

Os volumes 44, 45, 47, 48 e 49 foram totalmente dedicados às cinco partes do “Catálogo dos mirídeos do mundo”, produzido por José Candido de Melo Carvalho. Segundo José Oiticica Filho (1961, p. 17), o catálogo

é fruto de dez longos anos de pesquisas sistemáticas, ordenadas, feitas pelo próprio especialista nas bibliotecas e nas coleções dos maiores museus e instituições científicas nacionais e estrangeiras. [...] É um trabalho de pesquisa, da mais pura pesquisa científica adaptada à matéria e ao objetivo em mira.

Os Arquivos, que até então tinham como prioridade os trabalhos dos cientistas do Museu, a partir de 1958, v. 46 começa a receber manuscritos de instituições congêneres nacionais e estrangeiras. Percebemos um formato mais atualizado da revista. O texto é apresentado em duas colunas, a autoria é acompanhada da informação do vínculo profissional e neste volume há as primeiras colaborações externas: Betty J. Meggers e Clifford Evans - *Smithsonian Institute*; P. Narayan Rao - *University College of Science, Osmania University, Hyderabad*; Luiz Gouvêa Labouriau - Jardim Botânico do Rio de Janeiro; Otto Schubart - Estação Experimental de Biologia e Piscicultura Pirassununga, São Paulo.

Ampliando ainda mais o formato da revista, em 1962, v. 52 tem um volume dedicado aos trabalhos apresentados e aprovados no I Congresso Brasileiro de Zoologia, realizado de 10 a 15 de outubro de 1960 sob o patrocínio do Museu Nacional. A publicação dedicada aos trabalhos apresentados em congressos se repetiu nos v. 54 (1971), v. 65 (2007) e v. 66 (2008).

Os anos se passaram e os problemas em relação aos altos custos de impressão continuaram afetando a publicação do periódico. Com o intervalo de seis anos entre o volume 52 (1962) e 53 (1968), o diretor José Lacerda de Araújo Feio (1967-1971) mencionou a dificuldade da instituição em conseguir manter os Arquivos do Museu Nacional e as demais publicações.

Nestes seis anos, porém, o Museu Nacional, não parou suas pesquisas, e os diretores que me antecederam esforçaram-se para que as dificuldades impressoras fossem vencidas e divulgadas no mundo científico, os resultados dos estudos de seus cientistas. Os míngua-díssimos recursos orçamentários, para esse fim, impediram que fosse mantida a média de 2.000 páginas impressas anuais (FEIO, 1968, não paginado).

O então diretor ainda acrescenta que embora tivesse conseguido enfim publicar mais um número dos *Arquivos*, outras publicações ainda aguardavam o orçamento para finalmente

serem impressas e publicadas: “Apesar disto, continua o Museu Nacional ainda com grande atraso em suas publicações, pois nada menos de 11 trabalhos aguardam, quase sempre desde a mesma época, ordem para serem entregues às Oficinas Gráficas” (FEIO, 1968, não paginado).

No ano 1976, quando os Arquivos do Museu Nacional completavam o seu centenário, devido a dificuldades financeiras, não foi possível publicar a sua edição comemorativa. A tiragem especial só conseguiu ser impressa em 1981. Neste volume a publicação começa a ser financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A revista é composta por uma nova comissão editorial que estava sob responsabilidade dos professores Arnaldo Campos dos Santos Coelho e Leda Dau. Também começa a apresentar o número do ISSN (*International Standard Serial Number*) na capa.

A partir do v. 57 (1997), há uma página dedicada às informações editoriais do periódico. Sob a responsabilidade da nova seção dedicada às publicações: a Comissão de Publicações<sup>23</sup> do Museu Nacional, há a inclusão de informações padronizadas e completas referentes ao periódico. São incluídos os nomes: editora: Célia Ricci; conselho editorial: U. Caramaschi, C. Fausto, B. Franchetto, V. C. Kelin, entre outros; conselho científico formado por cientistas de diversas instituições como: Unicamp, USP, UFPE, Petrobras, Fiocruz... E as responsáveis pela diagramação, composição e arte final: Lia Ribeiro e Célia Ricci. Neste volume também são acrescentadas a informação da inclusão da data de entrega e aceite do manuscrito.

Com a periodicidade irregular até o v. 59, é anunciado que a partir do v. 60 (2002) os *Arquivos do Museu Nacional* passariam a ser editados com a periodicidade trimestral. Nesta nova fase, a capa da revista acompanha uma ilustração da fachada do Museu Nacional. O nome do reitor da UFRJ e do atual diretor do Museu também estão sinalizados na publicação. A equipe de editores da área é renovada e são vistos os nomes: Alexander Kellner, Cátia Antunes de Mello Patiu, Alexandre Ávila, Débora de Oliveira Pires, entre outros. Há também a indicação dos consultores científicos, bibliotecária responsável pela normalização, diagramação e arte final. A partir do v. 62 (2004), o periódico apresenta em português e inglês as normas de submissão para os autores na última página do volume. No v. 64 (2006), os Arquivos começam a ser financiados também pela Fundação Universitária José Bonifácio. No v. 68 (2010), o último número publicado contava apenas com o financiamento da FAPERJ.

---

<sup>23</sup> A Comissão de Publicações foi formalizada no Regimento do Museu Nacional e tem o objetivo de estabelecer a política e normalização para as publicações, cabendo-lhe a seleção, aceite e autorização de publicação dos artigos científicos, didáticos, técnicos e de divulgação, bem como, a manutenção da tradição editorial do Museu Nacional. Tem como finalidade difundir o resultado de pesquisas realizadas pelo corpo técnico e científico de docentes e discentes da instituição através da edição e produção de periódicos, obras avulsas, livros, catálogos e manuais. Juntamente com a Biblioteca do Museu Nacional, viabiliza a permuta de publicações com instituições congêneres, nacionais e estrangeiras. (BIENE; SANTOS, 2007).

Atualmente, toda a coleção dos Arquivos do Museu Nacional encontra-se digitalizada e está em andamento a sua inclusão no Portal de Periódicos da UFRJ<sup>24</sup>. Como parte das comemorações do Bicentenário do Museu Nacional, em 2018, a Comissão de Publicações, lançou um catálogo abrangendo o referido título no qual foram incluídos índice de assuntos e autores, que faz parte da Série Livros Digital, 14.

#### *2.4.2 Boletim do Museu Nacional (1923-1941)*

O Boletim do Museu Nacional é o segundo periódico científico lançado pela instituição. Uma aspiração antiga dos professores da casa que foi manifestada em atas das reuniões da Congregação desde 1916.

O periódico também era desejado por cientistas externos à instituição, há relatos de que Frei Tomás Borgmeier trocou correspondências com Arthur Neiva sugerindo que o Museu editasse uma publicação com uma periodicidade mais frequente, no qual pudesse veicular resultados de pesquisas de uma forma mais imediata e assim, conseguir garantir a legitimação da teoria e preservar a autoria do cientista (KEMPF, 2022).

Apenas em 1923 a tão almejada publicação tornou-se realidade. Tomando iniciativas de forma efetiva, Arthur Neiva (1923-1927), em sua passagem pela direção, publicou em novembro o primeiro número do Boletim.

O texto de apresentação do periódico é assinado pela “Congregação”, o que indica que seus membros estavam envolvidos na edição do título. Nesta época a Congregação possivelmente era composta além de Arthur Neiva, Júlio César Diogo e Alípio de Miranda Ribeiro. A apresentação do periódico esclarece que a ideia é que o Boletim pudesse conter notas prévias que assegurem prioridade de estudos e classificações. Essa prioridade muitas vezes era perdida devido aos atrasos na publicação ocasionados pelas dificuldades de impressão enfrentadas pelos Arquivos do Museu Nacional.

O Boletim do Museu Nacional era destinado a inserção dos trabalhos do corpo técnico do Museu, pequenas investigações interessando à coletividade, classificação e estudos de coleções; análises, relatórios, consultas, resumos informativos. O periódico também carregaria a importante função de ser um sucinto repositório de tudo que era produzido na instituição científica para que todos tivessem conhecimento do trabalho de seus técnicos e auxiliares.

---

<sup>24</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://revistas.ufrj.br>.

Dando seguimento a sua excelência nas pesquisas, o Boletim do Museu Nacional foi muito bem recebido por intelectuais e reconhecido pela sua contribuição ao desenvolvimento científico brasileiro. No Boletim foi veiculada uma nota enfatizando este reconhecimento.

Não menos louváveis merecem as publicações do Museu Nacional no Rio de Janeiro, as quais graças às inovações e melhoramentos introduzidos pelo ativo diretor Dr. E. Roquette-Pinto, podem hoje ser colocadas ao lado das melhores publicações europeias do mesmo gênero.

**Os últimos números do Boletim do Museu, por exemplo, destacam-se pelo trabalho tipográfico extraordinariamente cuidado, pela ilustração de primeira ordem e pelo substancioso dos trabalhos científicos.**

[...] Assim, pode-se dizer que está em formação uma atividade de publicação científica que merece máxima atenção do país e do estrangeiro (DEUTSCHEZEITUNG, 1932, p. 142, grifo nosso).

Planejada inicialmente para ser bimestral, a partir do terceiro volume, em 1927, passou a ter a periodicidade trimestral sendo publicada em março, junho, setembro e dezembro. Entretanto devido às dificuldades na impressão a periodicidade não conseguiu se manter regular e alguns fascículos foram publicados acumulados. O hiato recorde da publicação foi de três anos, publicando em 1941 os volumes acumulados 14 ao 17.

Com uma coleção de 17 volumes publicados, o Boletim do Museu Nacional, perpassou por diferentes gestões: Arthur Neiva, Edgard Roquette-Pinto, Alberto Betim Paes Leme e Heloísa Alberto Torres.

Em 1942 o periódico foi subdividido em quatro séries<sup>25</sup>: Antropologia, Botânica, Geologia e Zoologia<sup>26</sup>, no qual cada pesquisa desenvolvida daria origem a um número e datado separadamente dos outros, sem formar volume. Os números eram distribuídos pelas Divisões do Museu. Esta atualização ocorreu durante a gestão de Heloísa Alberto Torres que na época enfrentou críticas sobre essas alterações nas publicações do Museu Nacional.

[...] Ainda na sede de aparentar novidade, foram modificadas as publicações do Museu Nacional. Estas – arquivos e boletins – eram conhecidas universalmente, tendo já um formato tradicional. O tamanho do boletim foi diminuindo e interrompida sua numeração e seriação, acarretando, assim, dificuldades para as citações bibliográficas (SANTOS, 194? *apud* OLIVEIRA, S., 2013, p. 53).

Diferentemente dos Arquivos do Museu Nacional, que o editor emitia notas sobre as mudanças tipográficas, no Boletim não houve nenhum aviso prévio ao leitor sobre a

<sup>25</sup> Infelizmente devido ao incêndio no Palácio de São Cristóvão, onde a Seção de Memória e Arquivo estava alocada, muitos documentos foram perdidos e não pudemos consultar as atas deste período para contextualizar o que motivou essa mudança na publicação.

<sup>26</sup> A coleção completa do Boletim do Museu Nacional: nova série foi digitalizada pela Biblioteca Central do Museu Nacional e está em andamento a sua inclusão no Portal de Periódicos da UFRJ. <https://revistas.ufrj.br>.

subdivisão do título. Apenas no primeiro fascículo do Boletim do Museu Nacional. Nova Série Zoologia foi veiculada uma nota informativa em português e inglês sobre esta atualização, no qual foi acrescentado que

a distribuição dos fascículos é feita sem data fixa, logo que terminada a impressão. Anualmente serão distribuídos as capas e os índices dos volumes de cada série. As publicações do Museu Nacional são distribuídas gratuitamente, ou por troca, a bibliotecas e instituições científicas e a cientistas e especialistas nacionais e estrangeiros. A quinta parte da edição é posta à venda (MUSEU NACIONAL, 1942, não paginado).

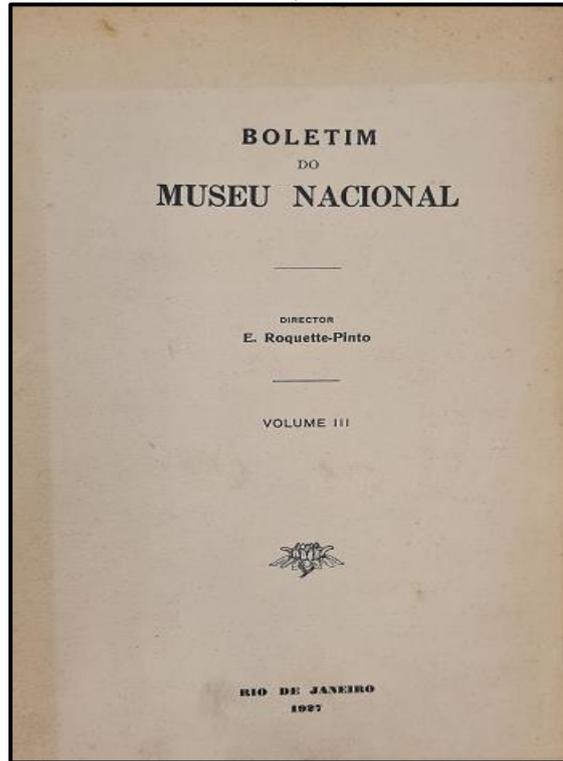
Neste novo formato da revista a Nova Série. Zoologia teve seu primeiro fascículo publicado em janeiro de 1942 encerrando-se em março de 2014, totalizando 531 fascículos publicados. A Nova Série. Antropologia publicou 63 fascículos, iniciando em outubro de 1942 e encerrando em novembro de 2003. A Nova Série. Geologia teve seu primeiro fascículo publicado em dezembro de 1943, sendo encerrada em julho de 2013, totalizando 76 fascículos. Já a Nova Série. Botânica começou a ser publicada em maio de 1944, com uma coleção de 126 fascículos foi encerrada em março de 2005.

O Boletim do Museu Nacional apresenta-se de forma sóbria, sem muitos detalhes na capa, medindo 26x17 cm com a média de 80 páginas por volume, sendo todas numeradas. Alguns números por terem sido publicados acumulados continham mais páginas. No final de cada volume há o sumário das matérias contidas nos quatro fascículos publicados no ano vigente. Não há especificação dos responsáveis pelo corpo editorial na publicação.

Foram poucas as alterações na capa no decorrer do tempo. Mantendo sempre a indicação do nome do diretor do Museu (a única exceção foi volume 14/17), número e local da publicação acompanhados de um simples desenho da flor da vitória-régia. A partir de 1930 o sumário do periódico passou a ser inserido na capa.

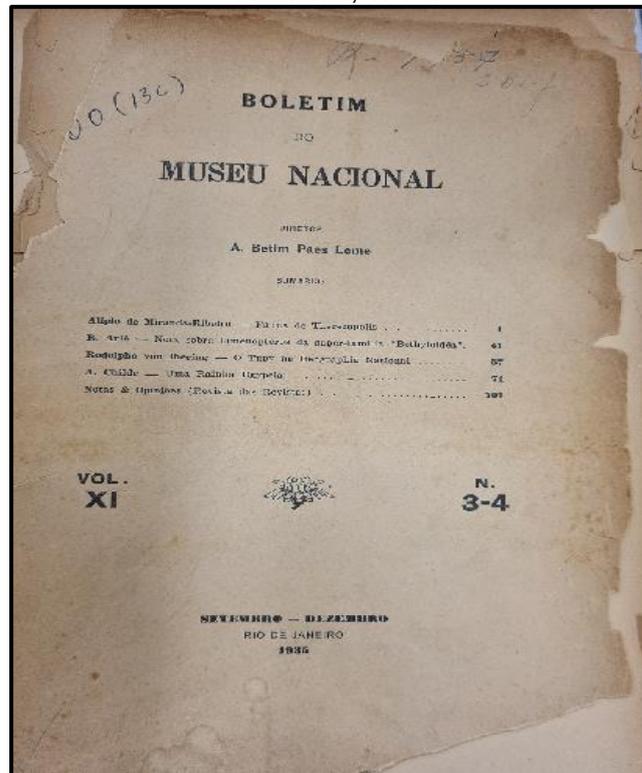
Em relação a tipografia do manuscrito, no primeiro volume há a indicação da Imprensa Nacional (Monotypia). A informação do nome da gráfica responsável só voltou a aparecer na publicação em 1937 no qual o responsável pelo serviço gráfico era o Ministério da Educação e Saúde. O volume 14/17 foi impresso pela Imprensa Nacional.

Figura 9 – Capa do Boletim do Museu Nacional, v. 3.



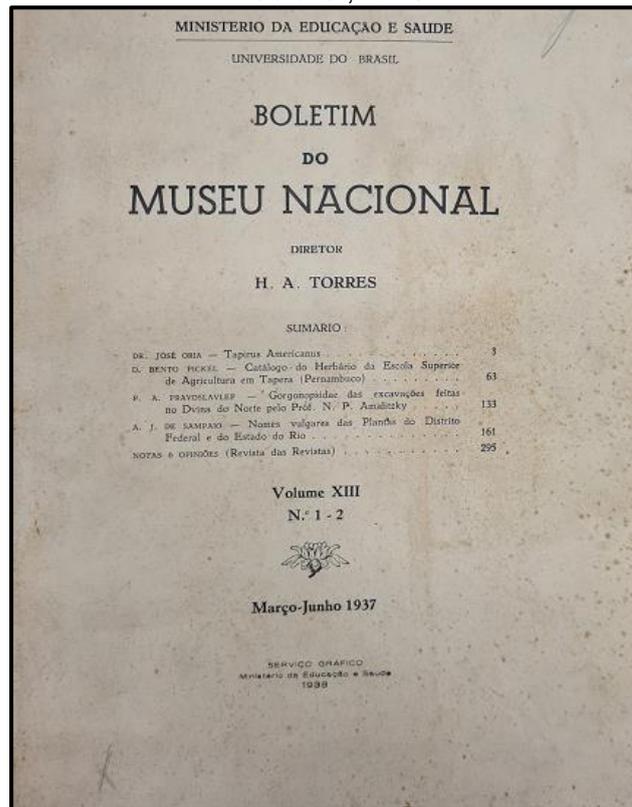
Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 10 – Capa do Boletim do Museu Nacional, v. 11.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 11 – Capa do Boletim do Museu Nacional, v. 13.



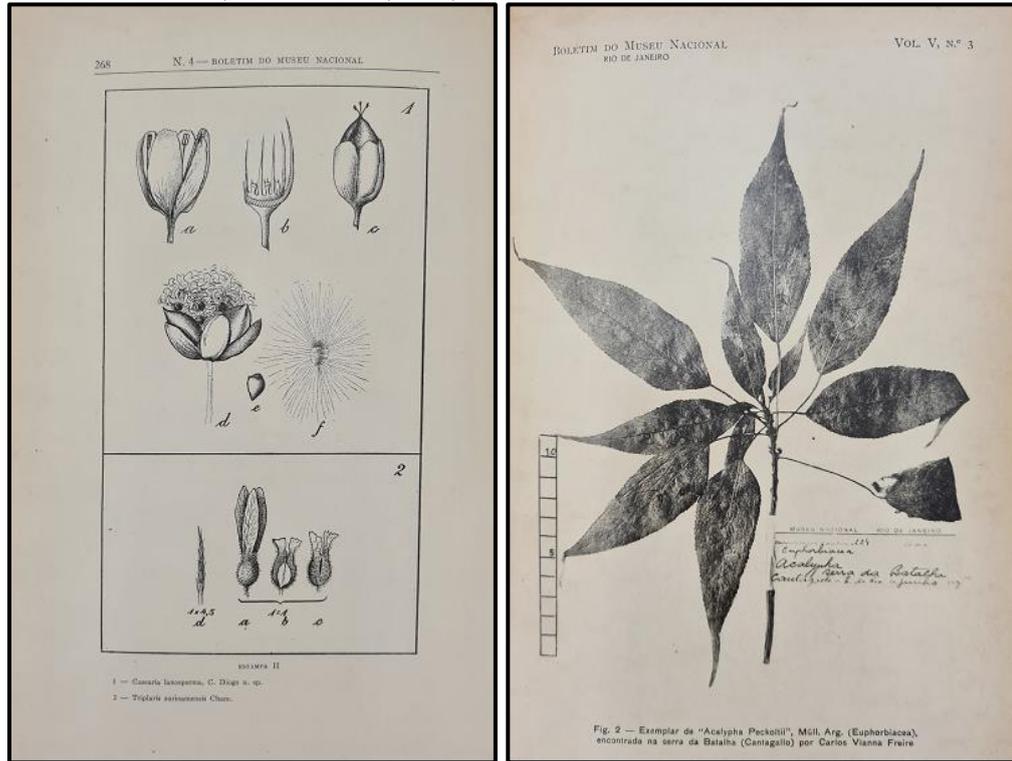
Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Por ser uma publicação especializada, o periódico tinha como público-alvo a comunidade científica. O seu conteúdo é composto por uma linguagem científica e de terminologias específicas da área do conhecimento. A língua portuguesa prevalece nos artigos, mas podemos perceber outros idiomas presentes no periódico. Foram sete artigos em inglês, três textos bilíngues português/ inglês, nove na língua francesa, dois em espanhol e um em latim. Alguns artigos que estavam em português possuíam um pequeno resumo em inglês ou francês no final.

Todos os manuscritos possuem a autoria identificada, porém poucos aparecem com a informação do vínculo profissional. Alguns nomes estrangeiros aparecem aportuguesados e em alguns artigos os autores incluíam a data no final do texto.

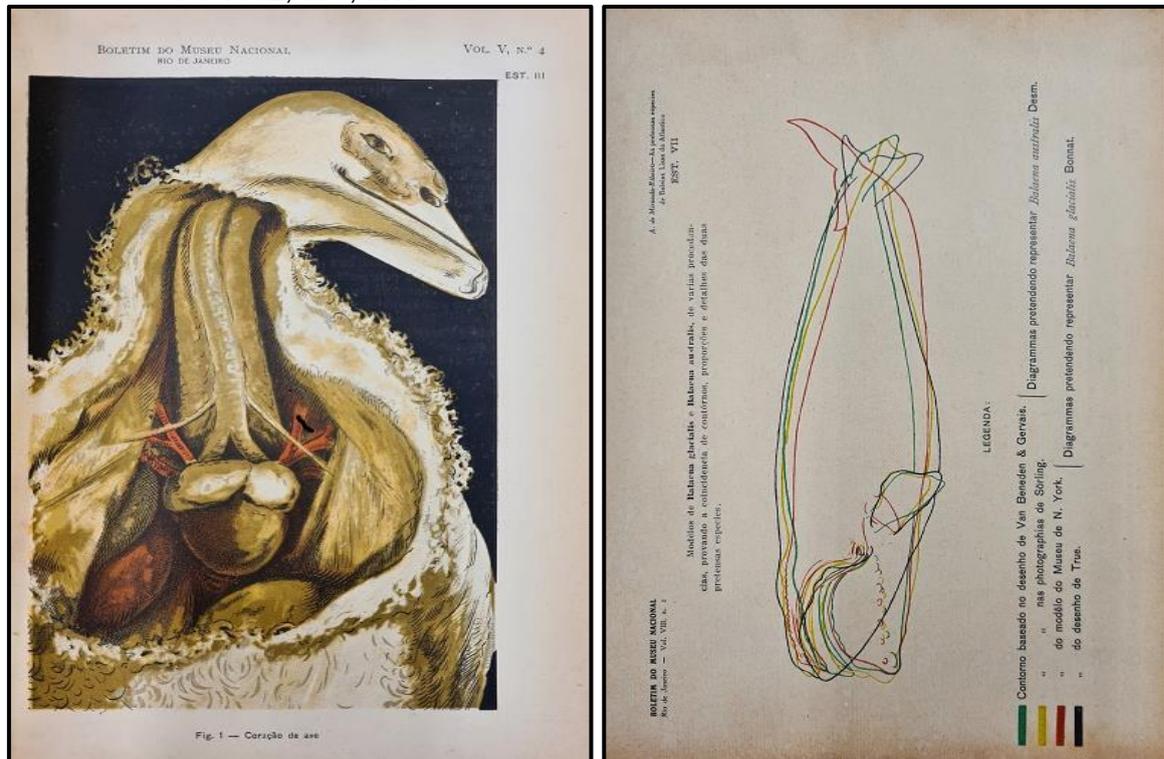
As ilustrações técnicas, fotografias e estampas são em preto e branco e algumas apresentam-se coloridas, inseridas no decorrer do texto, acompanhadas de legenda e quando necessário de notas explicativas. Não há um padrão para a localização das referências bibliográficas, em alguns artigos aparecem na nota de rodapé e em outros no final do artigo.

Figura 12 – Estampas do Boletim do Museu Nacional: respectivamente, 1924, v. 1, n. 4 e 1929, v. 5, n. 3.



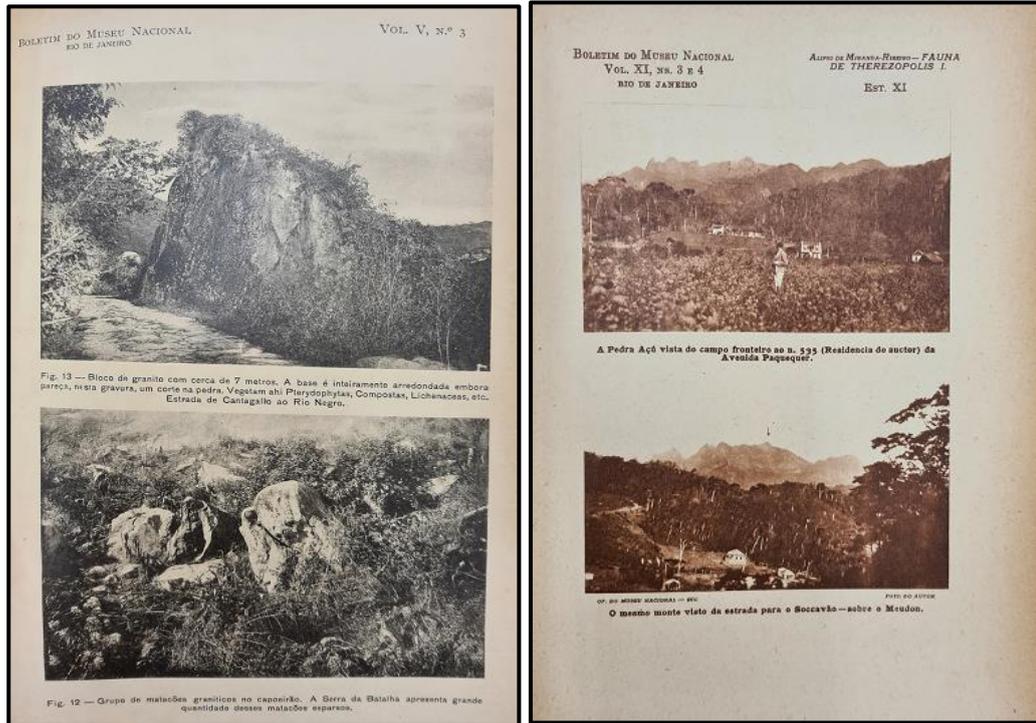
Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 13 – Ilustrações do Boletim do Museu Nacional: respectivamente, 1929, v. 5, n. 4 e 1932, v. 8, n.1.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 14 – Fotografias do Boletim do Museu Nacional: respectivamente, 1929, v. 5, n. 3 e 1935, v. 11, n. 3/4.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A partir do v. 3, fascículo 1 (1927) surge a seção “Notas & Opiniões (Revista das Revistas)”. Segundo Alberto José de Sampaio (1927, p. 37), esta seção foi um pedido do então diretor Roquette-Pinto que “resolveu dotar o Boletim de uma seção especial, destinada a notícias bibliográficas”. Sendo assim, encontramos nesta parte notícias científicas, notas de pesquisas, traduções de textos.... Esta seção conta com a contribuição de diversos autores, alguns textos não estão com a autoria identificada e também era comum assinarem os nomes apenas com as suas iniciais.

A maneira das publicações idênticas de institutos congêneres, o Boletim do Museu Nacional passa a prestar a seus leitores o concurso da indicação dos novos conhecimentos que nos trazem os trabalhos que nos chegam às mãos, trabalhos obtidos, uns por, outros por permuta com às nossas publicações, muitos deles ao Museu Nacional ou a seus técnicos diretamente remetidos pelos seus ilustres autores, no intercâmbio científico que dia a dia temos a honra de ver ampliado, pelo que nos confessamos muitos desvanecidos (SAMPAIO, 1927, não paginado).

Ainda sobre as seções pertencentes ao periódico, do v. 1 ao v. 4 o botânico Alberto José de Sampaio publicou dados bibliográficos com o “intuito de dotar a Seção de Botânica [do Museu Nacional] de um catálogo completo da literatura necessária ao estudo eficiente de cada um dos problemas botânicos e fitotécnicos no Brasil” (SAMPAIO, 1924, p. 225).

Do período de 1923 a 1941, o periódico acumulou 279 artigos<sup>27</sup>, com a colaboração de 90 autores, sendo 12 autores estrangeiros. Prevalece a contribuição dos cientistas do Museu Nacional. Dentre os poucos cientistas externos à instituição aparecem nomes como: L. Harrison Matheus (zoólogo britânico), Hermann Luederwaldt (assistente de zoologia do Museu Paulista), Paul Matschie (Museu de História Natural de Berlim), Carl John Drake (entomologista e zoólogo americano), Afranio do Amaral (Instituto Butantan de São Paulo), José A. de Carlo (Museu Nacional de História Natural de Buenos Aires).

O botânico A. J. de Sampaio foi o mais assíduo na publicação estando presente em quase todos os fascículos, em seguida o naturalista Alípio de Miranda Ribeiro, o zoólogo Mello Leitão, o naturalista Edward May e o arqueólogo Alberto Childe que além dos artigos submetidos ainda contribuiu com a tradução de alguns textos na Seção Notas & Opiniões. Cinco artigos na publicação possuem a autoria compartilhada. Abaixo o quadro indicando os autores com maior assiduidade na revista.

Quadro 5 – Assiduidade dos autores com maior destaque até a década de 1940 – Boletim do Museu Nacional.

<b>Autor</b>	<b>Quantidade de artigos publicados</b>
A. J. de Sampaio	29
Alípio de Miranda Ribeiro	26
Mello Leitão	17
Edward May	12; 1 parceria com Mário Rosa; 1 tradução
Alberto Childe	10 artigos; 1 tradução; 7 traduções na Seção Notas & Opiniões
Paulo F. Schirch	10
Thomaz Borgmeier	10
Jorge A. Padberg Drenkpol	9
Alberto Betim Paes Leme	8
Bastos de Avila	6
E. Roquette Pinto	6
Alfredo A. de Andrade	6
J. Vellard	6
Emilia Snethlage	6
Raimundo Lopes	4

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

<sup>27</sup> Não foram contabilizados textos e autores que estavam na Seção Notas e Opiniões (Revista das Revistas) por se tratar na maior parte de notícias científicas e traduções de textos. Além do mais, alguns textos não constam a autoria ou são assinados por nomes abreviados.

A ornitóloga e naturalista alemã Emilie Snethlage (1868-1929) foi a única presença feminina na publicação, aparecendo no Boletim com seis contribuições. Sua primeira colaboração foi no volume 1, fascículo 3 (1924) com o artigo intitulado “Informações sobre a avifauna maranhense”. No ano de seu falecimento, em 1929, a seção Notas & Opiniões (Revista das revistas) publicou uma breve homenagem a cientista, mencionando os seus trabalhos no Brasil. Nos números seguintes do Boletim foram publicados alguns de seus estudos.

Em relação a áreas do conhecimento dos 287 artigos, destacam-se a Zoologia com 112 artigos, nos quais 38 se referem a especialidade Entomologia, 19 Ornitologia; Botânica aparece com 49 artigos e Arqueologia com 19.

Destacamos o surgimento de artigos na área da Agricultura que pode ser explicado pelo fato de 1909 a 1930 o Museu Nacional passar a integrar o Ministério da Agricultura, o que levou a instituição a um redirecionamento científico para a pasta que lhe fora atribuída. Segundo Dantas (2022), em 1916 foi criado o Laboratório de Entomologia Geral e Agrícola<sup>28</sup> e ali foram desenvolvidos estudos em fitopatologia agrícola, química vegetal e química geral. As análises seguiam para o Ministério da Agricultura, sociedades agrícolas particulares e a Inspetoria das Obras contra as Secas. O laboratório participou do 10º Congresso Brasileiro de Química com as discussões “O Museu Nacional e a difusão da química” e “Valor energético dos alimentos do Brasil”.

Abaixo o quadro com a quantificação dos temas tratados pelos artigos com maior assiduidade até a década de 1940.

Quadro 6 – Temas tratados com maior assiduidade: Boletim do Museu Nacional (continua).

Área do conhecimento	Número total de artigos
Zoologia	112
Zoologia/Entomologia	38
Zoologia/Ornitologia	19
Botânica	49
Arqueologia	19
Antropologia	18
Etnologia	17

<sup>28</sup> “O Departamento de Entomologia do Museu Nacional teve a sua origem em 1842. Em princípio, era um dos setores da antiga Seção de Zoologia, adquirindo o status de Laboratório de Entomologia Geral e Agrícola em 1916, com o Dr. Carlos Moreira como primeiro chefe. A partir de 1971, já no âmbito da UFRJ, passou a ser reconhecido como um departamento distinto.” (MUSEU NACIONAL, c2023, não paginado).

Quadro 6 – Temas tratados com maior assiduidade: Boletim do Museu Nacional (conclusão).

Área do conhecimento	Número total de artigos
Geologia	13
Antropologia Biológica	7
Agricultura	5

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

#### 2.4.3 Revista Nacional de Educação (1932-1934)

Diferentemente dos periódicos que o Museu Nacional havia publicado até então, que eram dedicados à comunidade científica, a Revista Nacional de Educação (RNE)<sup>29</sup> trazia um novo posicionamento da instituição: conseguir atrair suas coleções e exposições a um amplo público não especializado. O Museu ansiava fortalecer a sua função educativa alcançando toda a sociedade brasileira e com isso afastar a imagem de um local elitista e restrito.

É durante a gestão de Edgard Roquette-Pinto, visionário e incentivador da divulgação científica e educação, que surge a Revista Nacional de Educação.

A RNE teve o seu primeiro fascículo publicado em outubro de 1932 e encerrada em maio de 1934. O periódico surgiu em ação conjunta com o Ministério da Educação e Saúde Pública no cumprimento do decreto nº 21.240, de abril de 1932. Este documento nacionalizava o serviço de censura dos filmes cinematográficos e criava a “taxa cinematográfica para a educação popular” que seria cobrada por metragem dos filmes exibidos. A verba desta taxa até a organização do Instituto Cinematográfico Educativo seria destinada ao Museu Nacional e custearia “a publicação de uma revista popular de vulgarização de ciências, letras e artes” e a organização de uma filмотeca.

A Comissão de Censura Cinematográfica determinava que nenhum filme poderia ser exibido ao público sem certificado do Ministério da Educação e Saúde Pública. A secretaria e arquivo da comissão ficavam alocados no Museu Nacional, com Roquette-Pinto ocupando o cargo de presidência. A comissão também era composta por um representante do chefe de polícia, juiz de menores, professor designado pelo Ministério da Educação e Saúde Pública e uma educadora indicada pela Associação Brasileira de Educação.

Recém-criado, o Ministério da Educação e Saúde Pública, no qual a revista estava vinculada tinha dentre os seus objetivos estudar os problemas referentes às taxas de ensino

<sup>29</sup> A coleção da Revista Nacional de Educação foi digitalizada pela Biblioteca Central do Museu Nacional e encontra-se disponível no site: <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/RNE.html>.

e tornar a educação acessível aos mais desfavorecidos financeiramente. Esta atenção recairia principalmente no ensino secundário (atual ensino fundamental).

A revista era financiada pelo Governo da República, os textos eram de responsabilidade do Museu Nacional e os serviços de distribuição e circulação eram realizados pela Diretoria de Estatística, Informações e Divulgação, do Ministério da Educação e Saúde Pública, com orientação de M. A. Teixeira de Freitas. A sua tiragem inicial era de 12.500 exemplares.

No artigo intitulado “O cinema e a educação popular no Brasil”, Roquette-Pinto manifestou a sua satisfação com a criação da revista que era um desejo antigo a ser cumprido em sua carreira profissional.

Devo confessar, pela parte que me toca, que a publicação de uma revista essencialmente popular, destinada a levar a todos os lares um pouco de ciência e de arte, é um sonho velho de mais de vinte anos, que tenho a ventura de ver plasmado quando atinjo ao fim da minha carreira de professor, apaixonado pela profissão, beirando meus trinta anos de pesquisa científica e de labor educativo (ROQUETTE-PINTO, 1933, p. 5).

A coleção da revista foi formada por vinte e um fascículos que manteve a periodicidade mensal até o fascículo dez. A partir de então, passou a publicar fascículos acumulados com a periodicidade bimestral.

Em relação ao público-alvo, o periódico pretendia atingir um segmento diverso, abrangendo toda a extensão territorial brasileira.

Com exceção de dois textos de literatura que foram publicados em língua francesa, todos os demais artigos eram em português, com uma linguagem acessível, didática, com muitas ilustrações e fotografias para tornar a leitura atraente.

A Revista Nacional de Educação, redigida em linguagem acessível ao povo, será amplamente ilustrada e terá tiragem suficiente para que o Ministério da Educação e Saúde Pública possa distribuí-la por todos os institutos de ensino federais, estaduais e municipais, gratuitamente. Além da tiragem necessária a distribuição referida, imprimirá um número conveniente para venda ao público, por preço módico. (BRASIL, 1932, p. 15).

Apresentando-se com um formato de fácil manuseio, a RNE era impressa em papel simples medindo 18x27 cm. As páginas possuíam numeração contínua. O sumário da revista consta na última página. Não há especificação dos responsáveis pelo corpo editorial e não foram observadas modificações no seu formato ao longo de sua publicação.

A capa da revista apresenta uma ilustração diferente a cada fascículo publicado. O *ex libris* que ilustra o primeiro fascículo foi desenhado pelo artista Gabriel Augusto de Gouveia. Nos fascículos seguintes a capa era estampada com personalidades significativas para o povo

brasileiro: Carlos Gomes, José Bonifácio, Nisia Floresta, Gonçalves Dias, Tiradentes, Alberto Torres, Euclides da Cunha entre outros. Uma breve biografia do homenageado poderia ser lida na seção Notas & Informações destacando suas obras e contribuições para a sociedade. Todos os fascículos possuem a epígrafe “[...] em todos os lares do Brasil, o conforto moral da Ciência e da Arte” estampada na capa. Esta frase foi baseada no texto escrito por Roquete-Pinto intitulado “Reafirmando” que consta no primeiro número da publicação no qual afirmava “que todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil recebam, livremente, o conforto moral da Ciência e da Arte. Para servir a este ideal manda publicar o Governo da República a Revista Nacional de Educação” (BARROS, 1932, p. 18).

A respeito da epígrafe estampada na capa da Revista Nacional de Educação, Duarte (2004, p. 35) esclarece que

frente aos discursos pessimistas de alguns de seus contemporâneos, a RNE era projetada como um veículo da esperança, apresentando a história do Brasil em seu vigor, infundindo em seus leitores a convicção do valor próprio e mostrando as potencialidades a serem exploradas por um povo esclarecido. Esse seria o conforto da ciência e da arte, infundindo razão e fruição estética, a ser oferecido em cada página da revista.

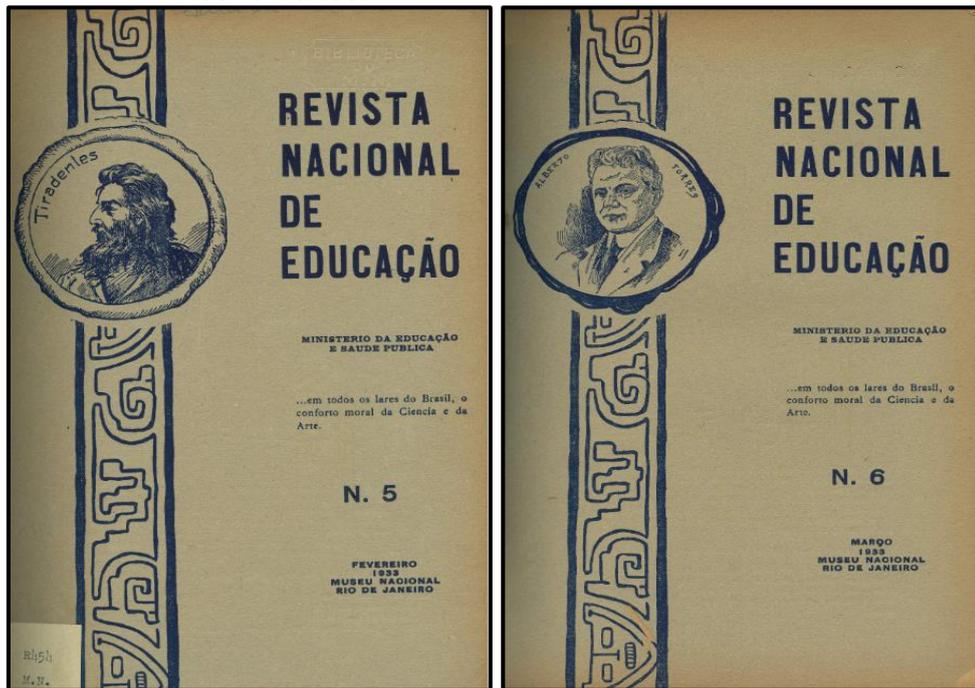
Na capa também vinha a indicação Ministério da Educação e Saúde Pública localizada entre o título e a epígrafe. Abaixo da indicação do fascículo a informação do mês, ano e o nome do Museu Nacional e a cidade Rio de Janeiro.

Figura 15 – Capa da primeira RNE.



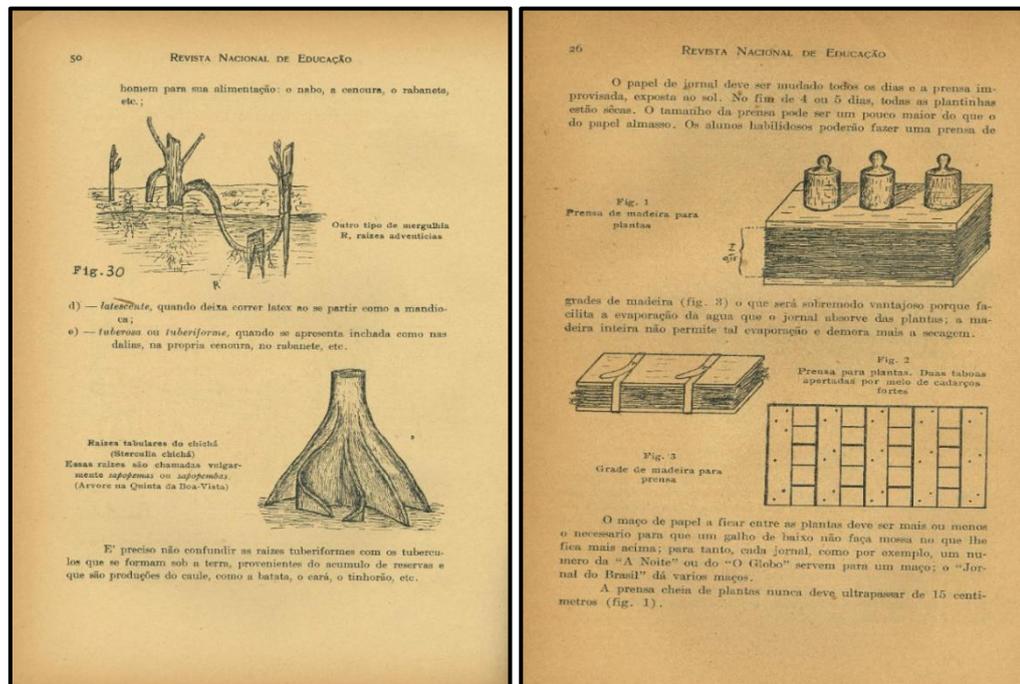
Fonte: Museu Nacional, 2016.

Figura 16 – Capa dos n. 5 e 6, da RNE, em homenagem a Tiradentes e Alberto Torres.



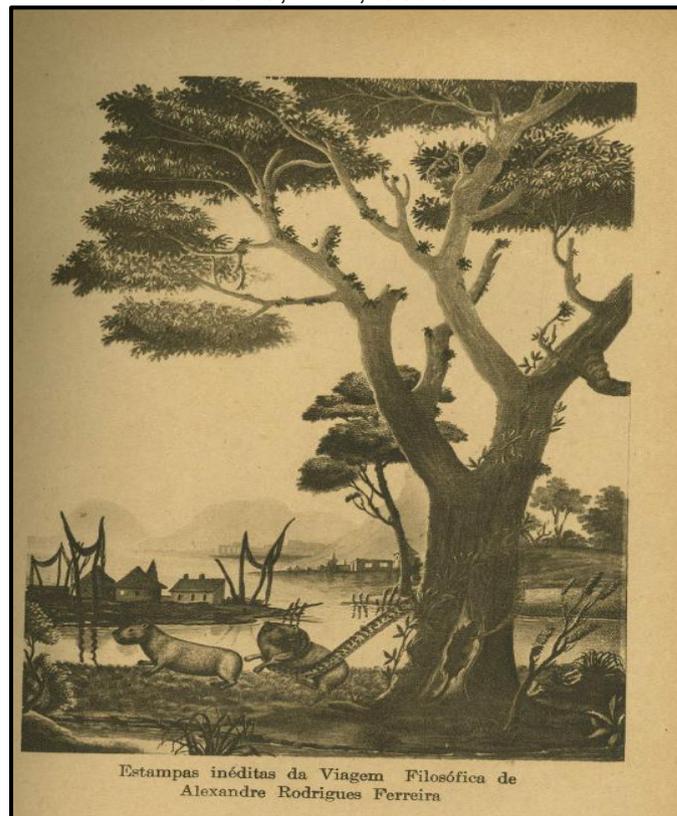
Fonte: Museu Nacional, 2016.

Figura 17 – Ilustrações didáticas da Revista Nacional de Educação.



Fonte: Museu Nacional, 2016.

Figura 18 – Estampa inédita Alexandre Rodrigues Ferreira, RNE, fascículo 1.



Fonte: Museu Nacional, 2016.

O periódico conta com algumas seções regulares:

- a) “Noções elementares de Botânica”, autoria de Carlos Vianna Freire está presente em quase todos os volumes da publicação;
- b) “Assuntos agrícolas” que era dedicada a práticas do campo, assinado pelo pseudônimo O. F.;
- c) “A Rússia na Idade Média”, do arqueólogo Alberto Childe que foi publicado em sete fascículos;
- d) “O céu do Brasil”, que trazia a reprodução de mapas celestes, contribuição de Louis Cruls, um astrônomo belga com grandes trabalhos no Brasil. Os mapas foram preparados para a latitude do Rio de Janeiro, entretanto poderiam servir para todo o Brasil. Sua seção foi publicada em todos os fascículos do ano 1933. “A RNE obteve a necessária autorização para publicar os mapas celestes organizados pelo ilustre Dr. Louis Cruls. Assim poderá fornecer aos seus leitores, a cada mês, o aspecto do céu do Brasil” (O CÉU..., 1933, p. 80);
- e) “Lições de desenho”, por Seth, e “Palestras sobre fotografia”, por F. Guerra Duval;

- f) “Dicionário meteorológico”, que ensinava as bases da climatologia, autoria de Sampaio Ferraz, diretor do Instituto Meteorológico;
- g) “Seara alheia (traduções e versos)”, voltada para textos de Literatura. Foi publicado nos fascículos 1, 2, 4 e 6. Segundo o responsável pela seção F. A. Monteiro de Barros (1932, p. 69), “esta seção se ocupará a divulgar em português, versos, anedotas, fábulas, etc., de autores alemães e vice-versa, trechos de escritores nossos e portugueses em alemão”;
- h) “Notas & Informações”, um espaço dedicado para comunicados da própria revista, informar dados e atualizar a população sobre o que estava acontecendo no governo e além disso, também é um veículo de notícias científicas e de entretenimento do Brasil e exterior.

Abaixo o quadro com a distribuição das seções de acordo com os seus respectivos fascículos.

Quadro 7 – Seções da Revista Nacional de Educação.

<b>Seções da revista</b>	<b>Fascículos</b>
Noções elementares de Botânica por Carlos Vianna Freire	2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11/12, 13/14, 15, 16/17, 18/19, 20/21
Assuntos Agrícolas por O. F.	5, 6, 11/12, 13/14, 15, 20/21
A Rússia na Idade Média por Alberto Childe	6, 7, 8, 9, 10, 13/14, 16/17
O céu do Brasil por L. Cruls	4, 5, 6, 7, 8, 9, 11/12, 13/14, 15
Lições de desenho por Seth	3,4,5,7
Palestras sobre fotografia por F. Guerra Duval	4, 5, 6, 7, 8
Dicionário meteorológico por Sampaio Ferraz	8, 9, 10, 11/12, 13/14
Seara Alheia (traduções e versos) por F. A. Monteiro de Barros	1, 2, 4, 6

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

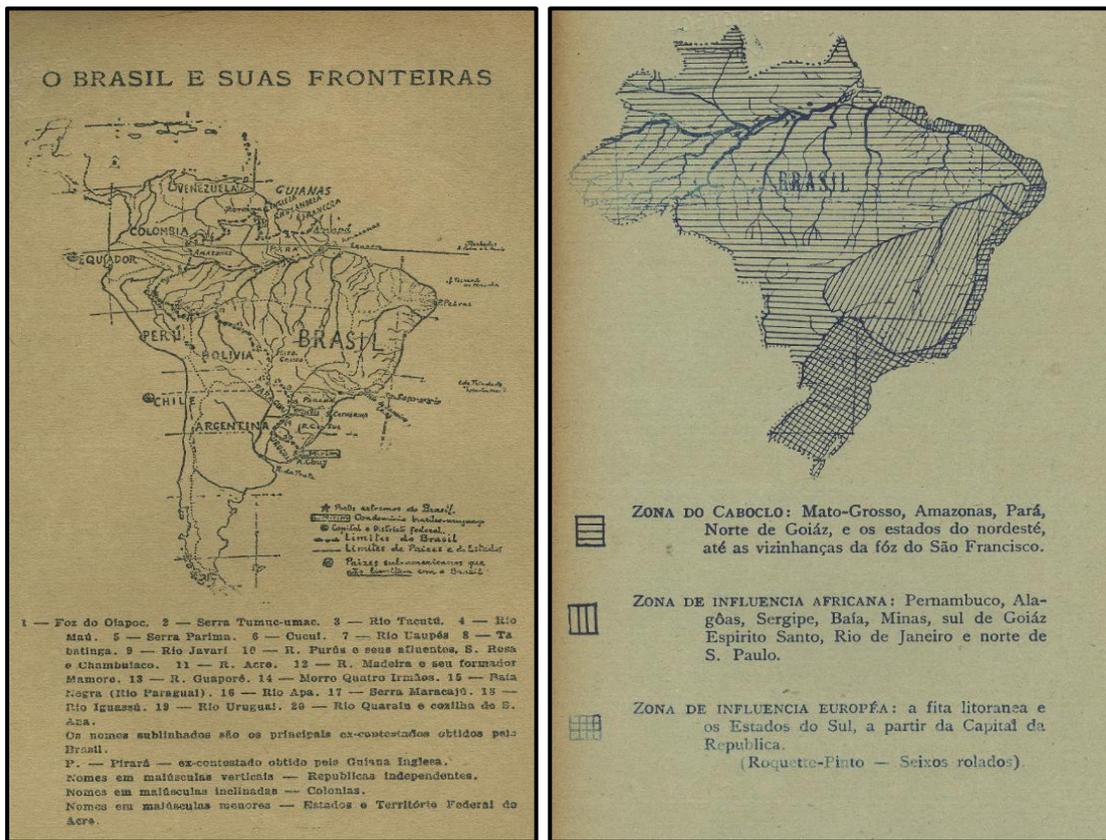
O periódico também publicou a tradução da expedição científica pelo Brasil escrita por Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius que constava desde o primeiro fascículo, entretanto devido ao encerramento da revista não foi publicado por completo.

Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), primeiro naturalista a percorrer terras brasileiras em uma viagem científica, também teve o seu espaço na revista. Foram publicados seis fragmentos da “Viagem Filosófica (1783-1792)”.

A maioria dos textos possuem a identificação do autor, em alguns artigos é acrescentada a informação do vínculo profissional. Apenas um autor utilizou pseudônimo.

A revista também era uma forma de trazer conhecimento sobre a história e território brasileiro para que assim o povo pudesse (re)conhecer mais sobre a sua nação. Além disso, pretendia também contribuir para aproximar o Estado do povo brasileiro, no qual é possível observar alguns textos e dados estatísticos do Brasil nos anos 1930.

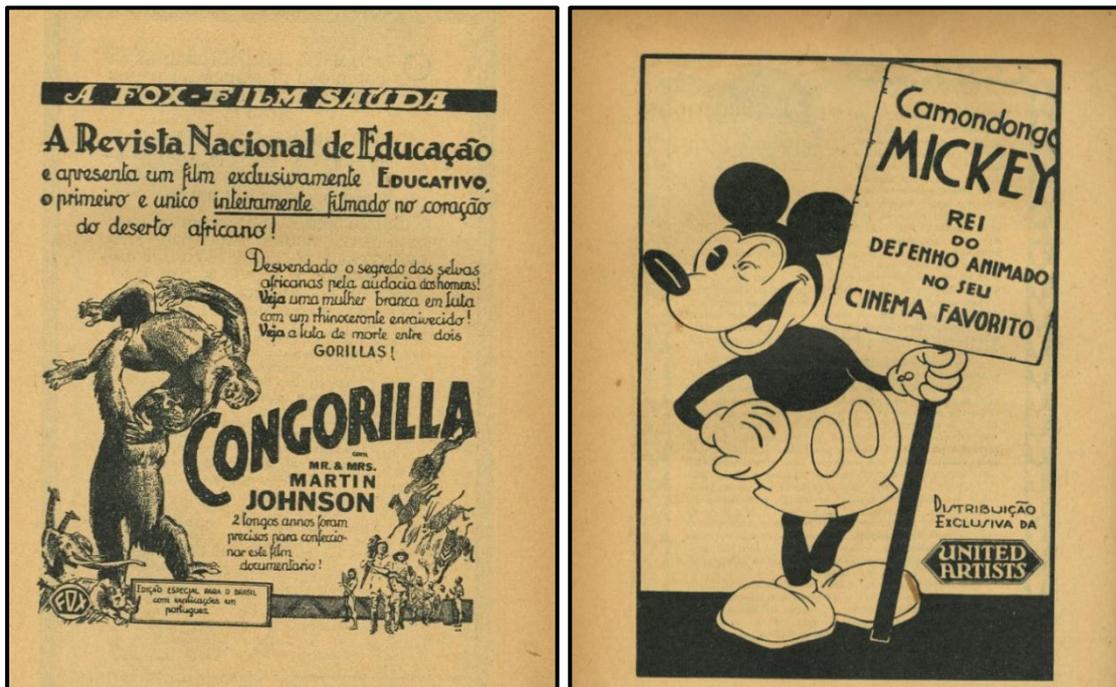
Figura 19 – Revista Nacional de Educação, fascículos 10 e 15.



Fonte: Museu Nacional, 2016.

Abaixo algumas imagens de propagandas de filmes classificados como educativos. Esta era a única publicidade propagada pela RNE.

Figura 20 – Revista Nacional de Educação, fascículo 1.



Fonte: Museu Nacional, 2016.

Apesar do curto período de tempo da publicação, a revista acumulou o total de 253 artigos, distribuídos em 16 volumes. Cada fascículo continha em média 17 artigos por revista, com aproximadamente 96 páginas.

A RNE carregava um enorme desafio que era fazer com que seus leitores conhecessem mais sobre o país em que viviam, incentivar o hábito da leitura e levar conhecimento e cultura para os brasileiros. Sendo assim, era uma revista versátil que abarcava assuntos diversificados que envolviam desde a divulgação científica, percorrendo pela literatura, arte, música e até assuntos de saúde pública e higiene. Além de ser um veículo informativo para a aproximação do Estado com a classe popular. A revista também oferecia propostas pedagógicas a fim de que os leitores pudessem propagar esse conhecimento adquirido com a leitura. As crianças também tinham o seu espaço na RNE com artigos que ensinavam técnicas de alfabetização a partir de jogos e com a transcrição do programa infantil veiculado na rádio PRD5 - estação de rádio do Departamento de Educação que proporcionava uma viagem por diversos lugares, como o Jardim Botânico, Escola de Belas Artes e a África.

Com a contribuição de 88 autores, grande parte dos textos são de autoria dos naturalistas do Museu Nacional, com algumas contribuições de colaboradores externos. A revista também contava com a transcrição de discursos de autoridades públicas sobre assuntos educacionais.

O colaborador mais assíduo foi o botânico Carlos Vianna Freire presente em todos os fascículos da revista, seguido pelo zoólogo Mello-Leitão e o arqueólogo Alberto Childe. Abaixo a tabela indicando os autores com maior assiduidade na revista.

Quadro 8 – Assiduidade dos autores com maior destaque: Revista Nacional de Educação.

<b>Autor</b>	<b>Quantidade de artigos publicados</b>
Carlos Vianna Freire	16
Spix & Martius	16
Mello Leitão	14
Alberto Childe	14
Alberto J. de Sampaio	11
Moyses Gikovate	11
Louis Cruls	9
Raimundo Lopes	8
Alexandre Rodrigues Ferreira	7
Othello Reis	7
Roquette-Pinto	6

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Em relação aos temas abordados pela revista, os artigos relacionados à área de Educação tiveram maior destaque com 29 publicações; em seguida textos sobre Expedições Científicas com 24 artigos e Botânica com 23. Abaixo a tabela com a distribuição das áreas do conhecimento mais assíduas de acordo com os artigos publicados.

Quadro 9 – Temas tratados com maior assiduidade: Revista Nacional de Educação.

<b>Áreas do conhecimento</b>	<b>Número total de artigos</b>
Educação	29
História Natural/ Expedições Científicas	24
Botânica	23
Literatura	19
Biografia	16
Divulgação Científica	15
História	13
Astronomia	10
Agricultura	8
Arqueologia	8
Medicina/ Saúde Pública	8

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

#### 2.4.4 Manuais do Museu Nacional (1943-1957)

Os “Manuais do Museu Nacional”<sup>30</sup> surgiram em 1943 durante a gestão de Heloisa Alberto Torres e foi mais uma iniciativa do Museu para atingir o seu objetivo educacional, transmitindo os conhecimentos científicos a um público amplo e não especializado.

a intenção de que vá servir, não só as necessidades dos já iniciados na matéria, mas, especialmente, despertar o gosto e o interesse de quantos, leigos no assunto, possam vir a ser incorporados ao grupo, que desejamos sempre aumentado, dos colaboradores do Museu Nacional (TORRES, 1943, p. iv).

De acordo com o prefácio, a publicação é dedicada a fornecer instruções e guias para a “coleta e tratamento de material científico para vários fins, outros trabalhos que visem a divulgação de diferentes aspectos dos ramos das ciências que constituem objeto das atividades do Museu” (TORRES, 1943, p. iii).

Com apenas dois volumes publicados, os “Manuais do Museu Nacional” apresentam-se com uma capa simples, sem muitos detalhes. O formato da publicação foi uma preocupação na criação de seus organizadores para que fosse compacta, fácil de manusear e com uma encadernação resistente para que tivesse uma boa durabilidade.

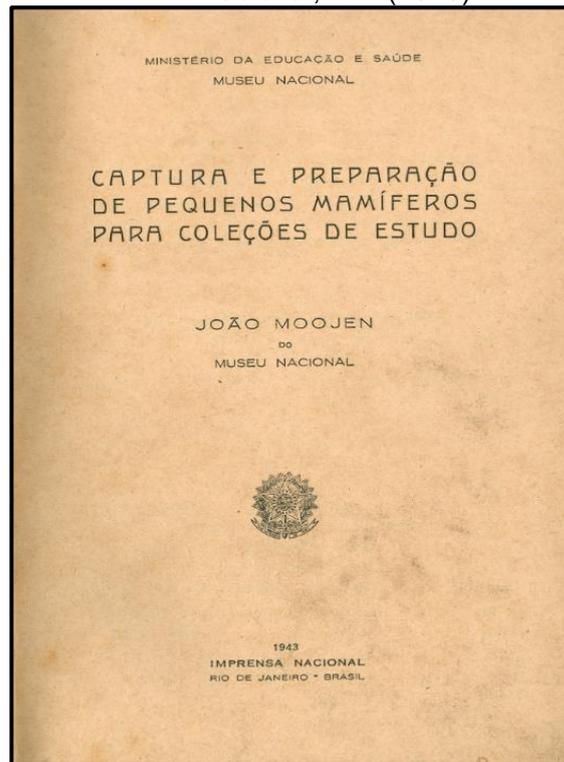
O intuito da publicação era ter uma linguagem acessível e didática para o amplo público que o consultasse.

O primeiro volume foi organizado pelo naturalista do Museu Nacional João Moojen e tem na capa a indicação do Ministério da Educação e Saúde, logo abaixo o título da publicação, autor, brasão da República, data, tipografia e local. A gráfica responsável foi a Imprensa Nacional. Possui 98 páginas e todas estão numeradas, com o sumário no início da publicação e índice na última página. Repleto de ilustrações para tornar a leitura mais agradável e fácil, todas possuem a coloração em preto e branco e são de autoria do desenhista Samuel Salvado. Não há indicação dos responsáveis pelo corpo editorial. A publicação tem como assunto a captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo, sendo assim aborda temas como: a busca pelo animal, emprego de armadilhas, como realizar taxidermia e instruções para o acondicionamento do material.

---

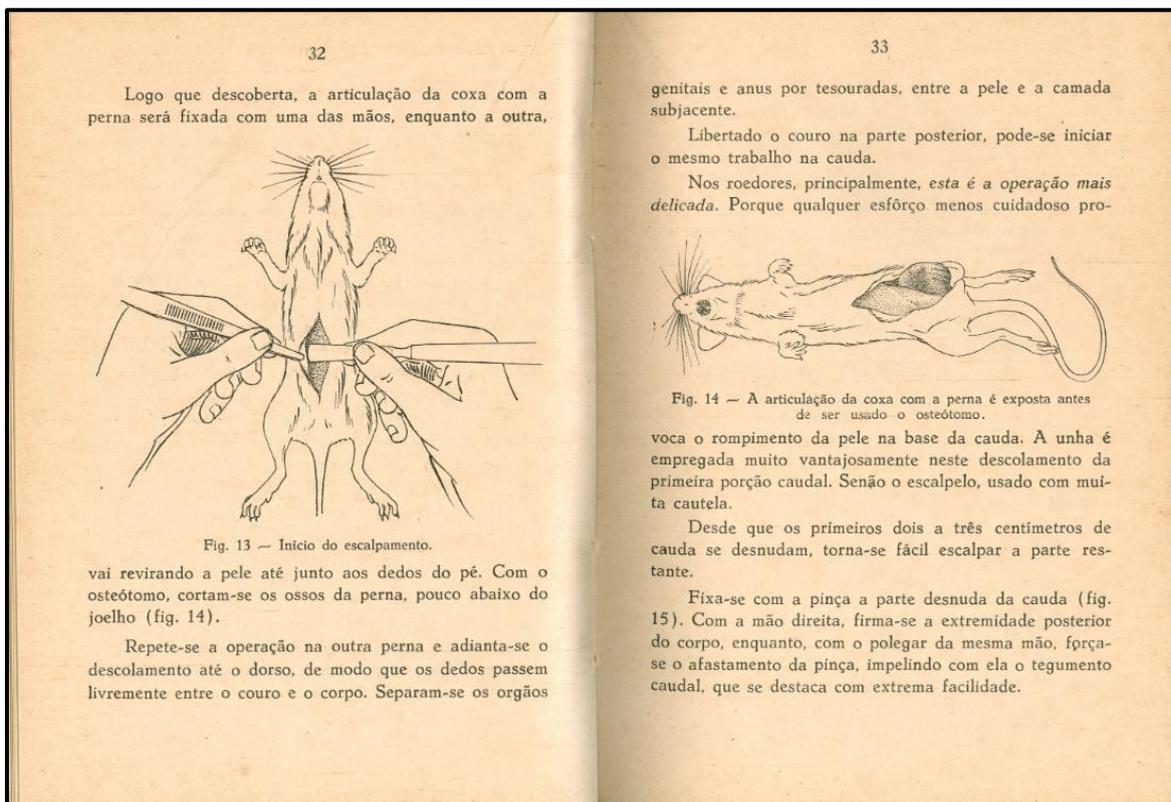
<sup>30</sup> A coleção dos Manuais do Museu Nacional foi digitalizada pela Biblioteca Central do Museu Nacional e encontra-se disponível no site: <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/MAMN.html>.

Figura 21 – Capa Manuais do Museu Nacional, n. 1 (1943).



Fonte: Museu Nacional, 2016.

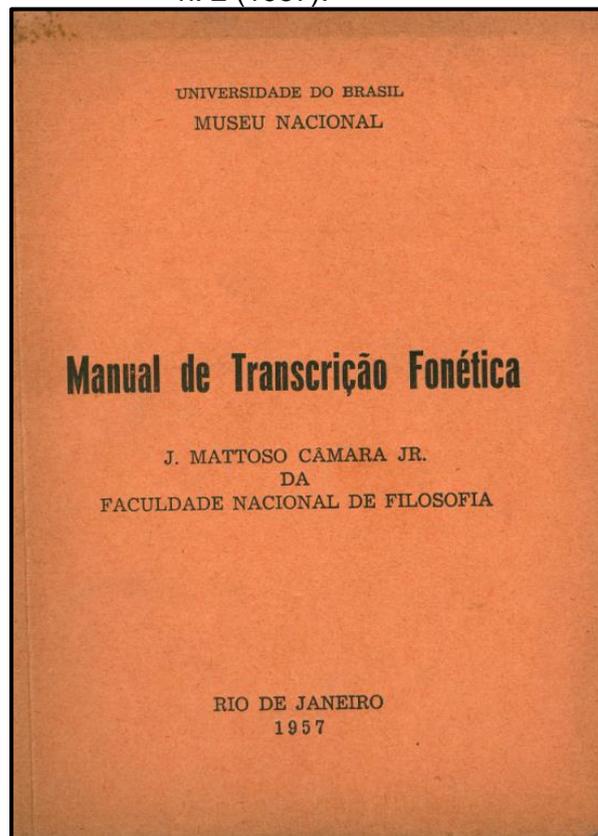
Figura 22 – Ilustrações Manuais do Museu Nacional, n. 1 (1943).



Fonte: Museu Nacional, 2016.

O segundo e último volume só foi publicado em 1957, na gestão de José Candido de Mello Carvalho, com a autoria de J. Mattoso Câmara Jr., professor de Linguística Geral da Faculdade Nacional de Filosofia. Foi elaborado para contribuir com o Programa de Trabalhos da Divisão de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional e tem como assunto a transcrição fonética. Luiz de Castro Faria ao manifestar a motivação pela criação do manual neste tema afirmou que “uma grande parte dos dados dessa natureza vem sendo coligida ainda entre nós por pessoal desprovido de formação adequada e que não encontra nem na bibliografia mais acessível e nem mesmo nos cursos regulares uma orientação satisfatória” (FARIA, 1957, não paginado).

Figura 23 – Capa Manuais do Museu Nacional, n. 2 (1957).



Fonte: Museu Nacional, 2016.

Em relação a apresentação do periódico, a capa possui a indicação da Universidade do Brasil, título, autor, local e ano da publicação. Foi composto e impresso na Oficina Gráfica da Universidade do Brasil. Apresenta sumário logo no início, possui 51 páginas e todas estão numeradas. O prefácio da publicação foi escrito por Luiz de Castro Faria. Não há indicação dos responsáveis pelo corpo editorial.

#### 2.4.5 Revista do Museu Nacional (1944-1945)

A Revista do Museu Nacional<sup>31</sup> teve o seu primeiro fascículo publicado em agosto de 1944. Com a periodicidade quadrimestral (abril, agosto e dezembro), encerrou-se no ano seguinte, em dezembro de 1945, sendo sua coleção formada por cinco volumes.

Lançada durante a gestão da antropóloga Heloísa Alberto Torres, a revista pretendia dar continuidade à iniciativa do ex-diretor Edgard Roquette-Pinto - a de garantir a aproximação do grande público com a Ciência. A publicação tinha como objetivo a difusão e vulgarização científica e com isso contribuir com a função educativa no museu.

Idealizada pelo educador Paschoal Lemme, chefe da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional (1943-1946), o periódico pretendia elevar o nível do ensino das ciências nas escolas por meio de um rico material baseado no acervo do MN juntamente com a colaboração dos naturalistas das quatro divisões da instituição<sup>32</sup>.

A primeira edição da revista contou com uma remessa de aproximadamente 5.000 exemplares distribuídos preferencialmente para as instituições de ensino e cultura, e bibliotecas. Apesar de sua curta duração, Paschoal Lemme comenta sobre o êxito da publicação em uma entrevista<sup>33</sup>:

A Revista do Museu Nacional levaria nossa mensagem às escolas. A revista teve grande sucesso. Começou com cinco mil exemplares e chegou a trinta mil. Saíram cinco números. Quando deixei o museu em 1947 para trabalhar no Instituto Nacional do Cinema Educativo, onde fiquei até 1961, quando me aposentei, o número seis estava pronto, mas nunca foi publicado. (ENTREVISTA..., 2006, não paginado).

O texto de apresentação no primeiro número da revista enfatiza a segmentação de seu conteúdo:

A Revista do Museu Nacional aparece especialmente para se pôr a serviço de um variado grupo de leitores: crianças de nossas escolas primárias e secundárias, professores primários e secundários, público em geral. Procurará atender a todos, na esfera de seus interesses especiais, pela natureza e forma pela qual a matéria será apresentada, uma vez que seria prematuro pensar em fazer publicações especializadas para cada um desses grupos de interessados (REVISTA DO MUSEU NACIONAL, 1944, p. 2).

<sup>31</sup> A coleção da Revista do Museu Nacional foi digitalizada pela Biblioteca Central do Museu Nacional e encontra-se disponível no site: <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/REVMN.html>.

<sup>32</sup> Divisão de Geologia e Mineralogia; Divisão de Botânica; Divisão de Zoologia; Divisão de Antropologia e Etnografia (TORRES, 1945, p.1) Revista do Museu Nacional

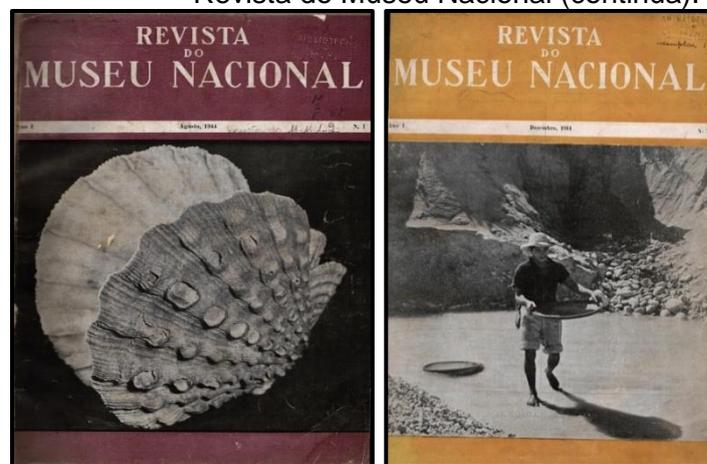
<sup>33</sup> "Entrevista de Paschoal Lemme concedida a Oswaldo Frota-Pessoa, Clarice Nunes e Sheila Kaplan. Publicada em março de 1988." (ENTREVISTA..., 2006, não paginado).

O periódico é de fácil manuseio, bem leve e enxuto, medindo 30x23 e com a média de 32 páginas por fascículo. Tratando-se da estrutura, as páginas possuem a numeração contínua, os textos divididos em duas colunas e todos os fascículos possuem muitas ilustrações, desenhos e fotos que em sua grande maioria são em preto e branco, acompanhadas com suas respectivas legendas e a sinalização do autor da fotografia. Os textos são todos em português, predominantemente curtos, com linguagem acessível e didática. Há a indicação de autoria seguida da informação do vínculo profissional. Na segunda capa é apresentado o sumário da publicação. Não há especificação do corpo editorial na revista, entretanto neste período a Seção de Extensão Cultural era a responsável pela redação, publicação e distribuição de todas as publicações do Museu Nacional. A revista foi impressa pela “Imprensa Nacional – Rio de Janeiro, D. F. – Brasil”, na última página do periódico consta a sua indicação seguido do ano correspondente da publicação.

Em cada número publicado, a capa e a quarta capa da revista contam com uma imagem diferente. É apresentada na segunda capa uma breve explicação sobre a foto que estampa a capa da publicação juntamente com a indicação da sua autoria.

Com a fotografia de Moacir Leão, a capa do primeiro fascículo é a imagem de uma concha que “representa um dos maiores e mais belos bivalvos de nossos mares, popularmente denominado de “leque”. O segundo fascículo apresenta a imagem de um garimpeiro, fotografia de Luiz de Castro Faria. A capa número três é o meteorito Bendegó, fotografia de Moacir Leão. O quarto fascículo é o lago da Vitória Régia no Horto Botânico do Museu Nacional, fotografia de Moacir Leão. Já o quinto fascículo, a foto é de um exemplar empalhado de jaguatirica ou gato do mato que integraria a exposição do Museu, a foto não tem indicação de autoria.

Figura 24 – Capas dos fascículos 1, 2, 3, 4, 5 da Revista do Museu Nacional (continua).



(1)

(2)

Figura 24 – Capas dos fascículos 1, 2, 3, 4, 5 da Revista do Museu Nacional (conclusão).



Fonte: Museu Nacional, 2016.

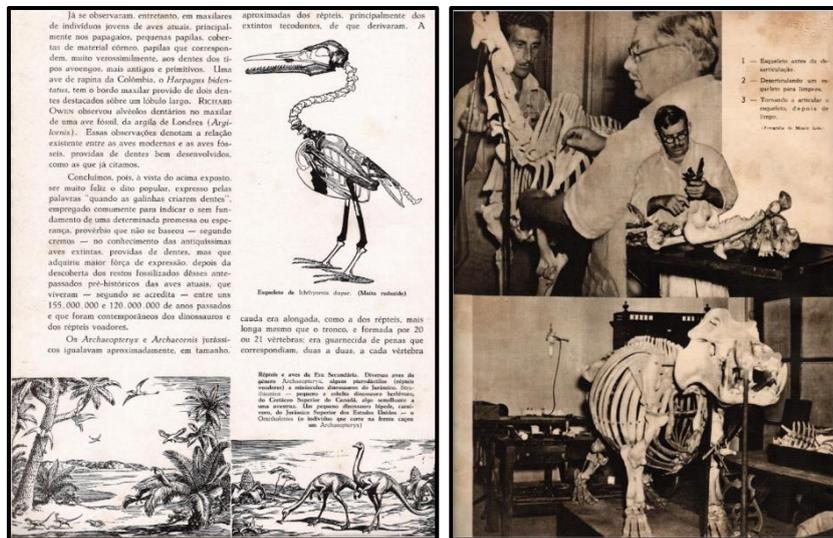
Os artigos da Revista do Museu Nacional compreendem assuntos científicos dedicados ao ensino das Ciências Naturais, tendo como público-alvo os profissionais da educação. Disposta a realizar essa aproximação com professores e alunos dos ensinos primário e secundário observa-se notas em todas as edições incentivando o contato com a Seção para sugestões e dúvidas. Uma curiosidade é que durante todo o período de publicação da revista o Museu encontrava-se fechado para reestruturação de suas instalações e o periódico servia de instrumento de informação ao publicar notas a respeito sobre os serviços que estavam funcionando na instituição. No último fascículo publicado há o artigo “O Museu Nacional prepara-se para a reabertura” com fotos mostrando os bastidores do trabalho dos naturalistas e informando ao público o que estava sendo feito neste período de obras.

Em relação aos autores, a maior parte dos textos foram escritos por pesquisadores e cientistas do Museu Nacional. Há também a colaboração de especialistas e técnicos em educação da instituição. Alguns dos naturalistas que submeteram artigos foram: Emanuel A. Martins, Alberto Childe, Alberto Betim Paes Leme, J. Moojen, Luís de Castro Faria, Luís Emídio de Melo Filho, Heloísa Alberto Torres, entre outros cientistas. São poucos os artigos de pessoas externas à instituição, que correspondiam a professores do ensino público ou transcrição e tradução como ocorreu com o texto “O ensino das ciências” de Waldemar Kaempffert, redator de ciências do *New York Times*) e de Charles Wagley, um antropólogo americano realizando estudos no Brasil.

O periódico conta com as seções regulares: “*Das estantes do Museu Nacional*” escrito por Vitor Straviasky – professor de Ciências Naturais do Instituto de Educação e responsável pela Assistência ao Ensino na SEC, no qual fornece a indicação de leituras de livros aos docentes referentes ao ensino das ciências e a divulgação científica; e “*Instruções para*

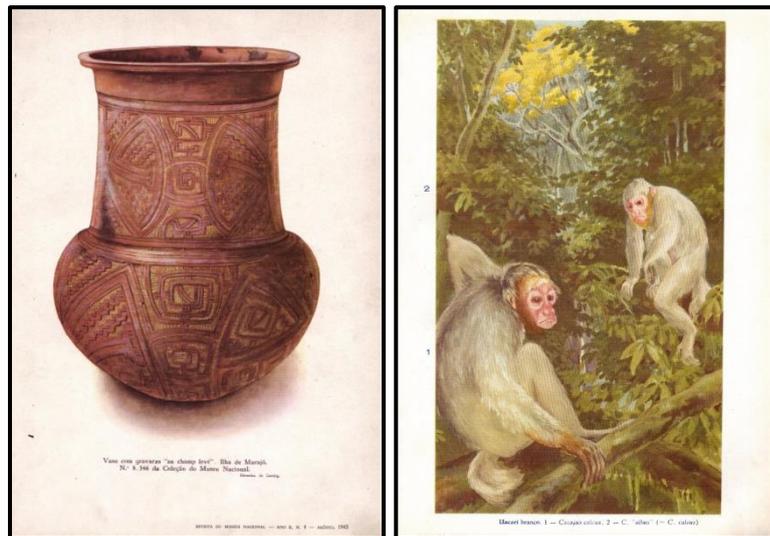
organização de pequenos museus escolares”, sem indicação de autoria. A partir do número três a revista também conta com a seção “Sugestão para professores”, autoria de Osvaldo Frota-Pessoa, que na época era professor do ensino fundamental no sistema público de ensino do Rio de Janeiro e pertencia a Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura. Esta seção tinha como objetivo propor “sugestões sobre pequenas técnicas a serem usadas em aulas práticas, improvisação de aparelhagem para aumentar a eficiência dos laboratórios, e, enfim, possíveis soluções para certos problemas de natureza metodológica” (FROTA-PESSOA, 1945, p. 21).

Figura 25 – Fascículos 4 e 5 da Revista do Museu Nacional.



Fonte: Museu Nacional, 2016.

Figura 26 – Revista do Museu Nacional, fascículos 4 e 5.



Legenda: Duas das poucas estampas coloridas que aparecem na publicação.

Fonte: Museu Nacional, 2016.

Ao longo de suas atividades a Revista do Museu Nacional publicou 62 artigos, com aproximadamente 13 artigos em cada fascículo. Com a colaboração de 28 autores diferentes, os mais assíduos na publicação foram o técnico em educação Vitor Straviarski da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional, F. Venâncio Filho, professor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro; o professor do Instituto de Educação e chefe da SEC Osvaldo Frota-Pessoa, o naturalista Emanuel A. Martins e o zoólogo João Moojen.

Quadro 10 – Assiduidade dos autores com maior destaque: Revista do Museu Nacional.

<b>Autor</b>	<b>Quantidade de artigos publicados</b>
Vitor Straviarski	8
F. Venâncio Filho	5
Osvaldo Frota Pessoa	4
Emanuel A. Martins	3
J. Moojen	3

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

No que diz respeito aos temas abordados pela revista prevalece a Zoologia com 11 artigos, nos quais três são da área de Malacologia, três Ictiologia e dois da Ornitologia; em seguida textos sobre Educação com 11 artigos e Museologia com seis artigos. Abaixo o quadro com a quantificação dos temas tratados pelos artigos que mais se sobressaíram no periódico.

Quadro 11 – Temas tratados com maior assiduidade: Revista do Museu Nacional.

<b>Área do conhecimento</b>	<b>Número total de artigos</b>
Zoologia	11
Zoologia/Malacologia	3
Zoologia/Ictiologia	3
Zoologia/Ornitologia	2
Educação	11
Museologia	6
Biografia	5
Etnologia	5
Botânica	4
Arqueologia	3
Geologia	3

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

#### 2.4.6 Publicações Avulsas (1945-2006)

Em 1945, o Museu Nacional publica mais um título de periódico científico. A série Publicações Avulsas do Museu Nacional<sup>34</sup> foi criada na gestão de Heloisa Alberto Torres e o seu primeiro fascículo foi lançado sem nenhuma nota introdutória que definisse a sua finalidade e segmento.

Segundo José Oiticica Filho (1961, p. 19),

na série em questão temos contribuições de várias naturezas. Muitas delas, a meu ver, poderiam estar perfeitamente numa das divisões do Boletim, ou nas páginas dos Arquivos. Na realidade este fato não tem maior significação, pois o que interessa, no caso, são as contribuições que a série Publicações Avulsas, trouxeram a mais para a nossa ciência e a nossa cultura.

O título possui a periodicidade irregular e é destinada ao público especializado em Ciências Naturais. A maioria de seus fascículos é composto por um único estudo. A sua coleção é formada por 113 fascículos, com a última publicação em 2006.

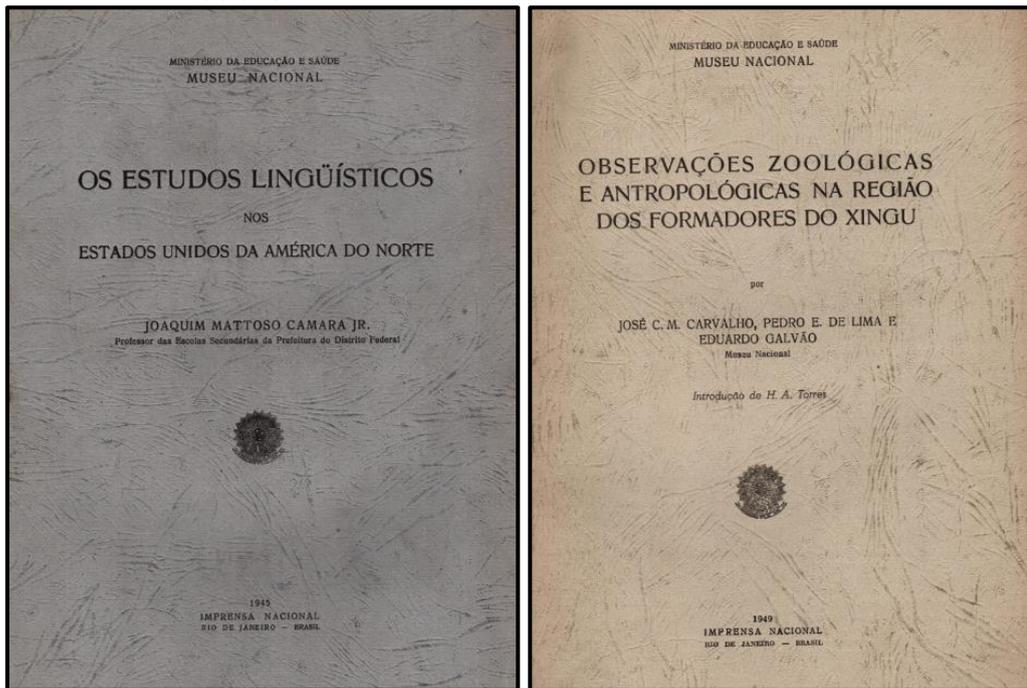
O periódico apresenta-se de maneira bem sóbria, sem muitos detalhes na capa, sendo formada pela indicação do Ministério da Educação e Saúde, título da pesquisa científica, autor, logo abaixo a informação do vínculo profissional, Brasão da República, ano, imprensa e local. A gráfica responsável pela impressão foi a Imprensa Nacional. Todas as páginas são numeradas, variando a sua quantidade de acordo com a publicação. Não há a indicação dos responsáveis pelo corpo editorial, mas de acordo com o ano da publicação subentende-se que a responsabilidade pela edição era da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional.

Durante a década de 1940 foram publicados cinco números, com a colaboração de dez autores da própria instituição e externos. Os nomes dos autores acompanham a indicação do vínculo profissional: Joaquim Mattoso Camara Jr., Edgar Sússekind de Mendonça, Paulo de Miranda Ribeiro, Luiz de Castro Faria, José C.M. Carvalho, Pedro E. de Lima, Eduardo Galvão, Heloisa Alberto Torres, José C. M. Carvalho, Pedro E. de Lima.

---

<sup>34</sup> A coleção das Publicações Avulsas estava sendo digitalizada antes do fechamento do prédio para reforma pela Comissão de Publicações e alguns números encontram-se disponíveis no *site*: <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/PAMN.html>.

Figura 27 – Capas dos fascículos 1 e 5 das Publicações Avulsas do Museu Nacional.

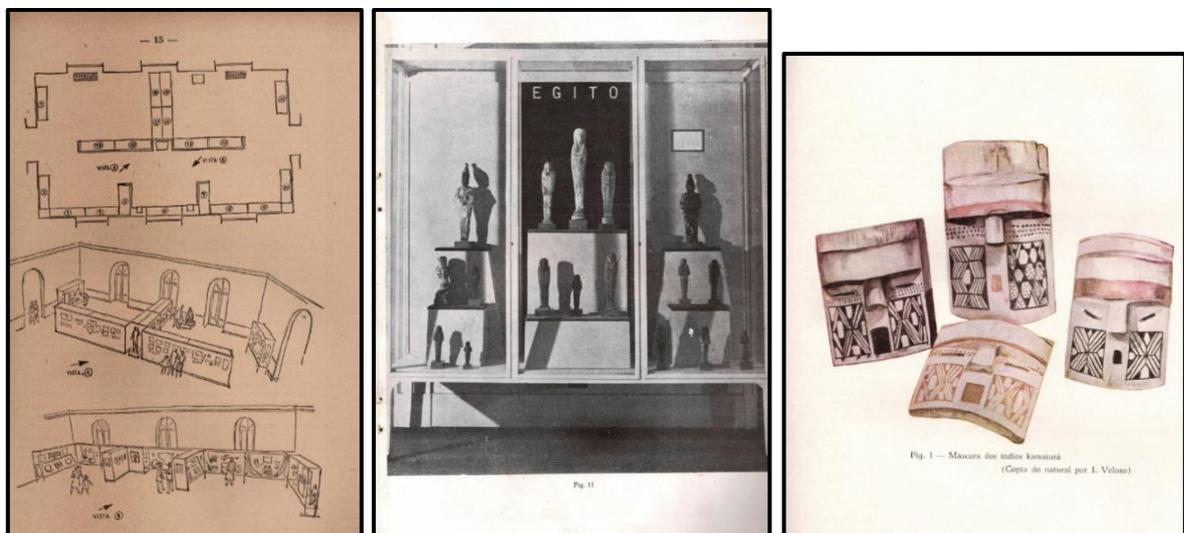


Fonte: Museu Nacional, 2016.

De acordo com José Oiticica Filho (1961) a colaboração de Joaquim Mattoso Câmara Jr. preencheu uma lacuna que faltava nos assuntos até então abordados nas publicações do Museu que eram textos sobre contribuições linguísticas.

Por ser uma publicação destinada ao leitor especializado, possui uma linguagem científica e o uso de terminologias específicas da área do conhecimento. Todos os artigos são em português, alguns possuem ilustrações e fotografias no decorrer do manuscrito.

Figura 28 – Ilustrações das Publicações Avulsas do Museu Nacional, fascículos 4 e 5.



Fonte: Museu Nacional, 2016.

Abaixo o quadro com a quantificação dos temas tratados pelos artigos das Publicações Avulsas até a década de 1940.

Quadro 12 – Temas tratados com maior assiduidade pelos artigos: Publicações Avulsas.

<b>Área do conhecimento</b>	<b>Número total de artigos</b>
Antropologia	3
Zoologia	2
Etnologia	1
Museologia	1
Linguística	1
Biografia	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

### 3 O CATÁLOGO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

O catálogo é um dos instrumentos mais antigos das bibliotecas, sendo considerado um importante meio de armazenamento e recuperação da informação, conduzindo o usuário ao documento que necessita e prestando suporte aos trabalhos internos da biblioteca. Para Chartier (1998, p. 117) esse instrumento significa “a compilação dessas ‘bibliotecas sem paredes’ que são os catálogos, as coletâneas e coleções que se pretendem paliativos à impossibilidade da universalidade, oferecendo ao leitor inventários e antologias”.

Os catálogos estão disponíveis em formato impresso (livros, folhas soltas ou fichas) ou automatizado e tem como objetivo segundo Cutter (1935 *apud* MEY, 1995, p. 9):

1. Permitir uma pessoa encontrar um livro do qual o autor, título, assunto seja conhecido;
2. Mostrar o que a biblioteca possui de um autor, assunto e/ ou tipo determinado de literatura;
3. Ajudar na escolha de um livro de acordo com sua edição (bibliograficamente), ou com seu caráter (literário ou tópico).

Guinchat e Menou (1994, p. 197) ao refletirem sobre a finalidade do catálogo acrescenta a característica de agirem também como memória das unidades de informação. Sendo assim para os autores os catálogos têm como objetivo:

identificar documentos primários;  
localizar documentos primários;  
recuperar documentos primários capazes de fornecer informações a partir de nomes de autores, de assuntos e de países, entre outros;  
gerenciar o fundo documental. Os catálogos permitem conhecer a composição deste fundo em detalhe.

Possivelmente a organização do primeiro catálogo na Biblioteca do Museu Nacional ocorreu em 1864. Nos esforços para que começasse a disponibilizar o serviço de consulta ao acervo foram feitos os trabalhos de catalogação e a elaboração de um catálogo metódico. Neste relatório ainda da gestão de Frederico Burlamaqui já percebemos a preocupação do bibliotecário em registrar as memórias das publicações e em facilitar a recuperação da informação dos usuários. Conforme consta no relatório dos trabalhos e aquisições no Museu Nacional de 1864 a 1865.

Acha-se concluído com todo o esmero o catálogo alfabético dos livros existentes na nova Biblioteca, segundo foi recomendado ao Sr. Comendador Lagos, que por meu convite prestou-se também a confeccionar um catálogo metódico de todas as obras no qual serão também especificadas as numerosas memórias e outros trabalhos disseminados nas extensas

coleções de jornais em várias línguas que possuímos, assim como nas compilações das Academias e Sociedades Científicas. Levado à realização este trabalho muito facilitará o estudo dos que quiserem consultar à biblioteca do Museu, poupando-lhes muito o tempo e diligências às vezes infrutíferas (MUSEU NACIONAL, 1865 *apud* CUNHA, 1966, p. 35).

Na década de 1970, devido ao projeto de “Reorganização da Biblioteca do Museu Nacional”, a biblioteca começa a utilizar novas metodologias para o tratamento da informação sendo realizado o trabalho de recatálogo, reclassificação e reindexação de seu acervo. Neste período ocorre a informatização de seus catálogos passando a adotar os *thesaurus*<sup>35</sup> na indexação de assuntos e o catálogo sistemático com índice alfabético de assuntos para a recuperação da informação (SANTOS, 2022).

Sousa e Fujita (2012, p. 69) citam que o catálogo também tem a função de ser uma “ferramenta de visibilidade científica de uma instituição de ensino, sendo possível a difusão de informações a outras organizações”.

Sendo assim, os catálogos são considerados uma fonte de informação do tipo secundária<sup>36</sup> que de acordo com Grogan (1970 *apud* Cunha, 2001, p. ix) “contêm informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo; são, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles”.

Corroborando com este pensamento Guinchat e Menou (1994, p. 197) conceituam catálogo como

uma série ordenada de referências ou de inscrições que registram as peças de uma coleção. [...] descrevem os documentos primários e/ ou as informações que eles contêm, isto é, aqueles que trazem a descrição bibliográfica dos documentos.

Ainda a respeito da definição de catálogo, Mey discorda sobre os catálogos serem vistos apenas como uma listagem de documentos e enfatiza a sua característica principal como um canal de comunicação. Segundo a autora,

catálogo é um canal de comunicação estruturado, que veicula mensagens contidas nos itens, e sobre os itens, de um ou vários acervos, apresentando-

---

<sup>35</sup> Lista estruturada de termos associados empregada por analistas de informação e indexadores, para descrever um documento de modo conciso e com a especificidade necessária, na etapa de entrada em sistemas de informação e também na etapa de recuperação posterior (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

<sup>36</sup> Os documentos são caracterizados em fontes de informação primária, secundária e terciária. Os documentos primários são os que apresentam novas informações, ou novas interpretações de ideias e/ ou fatos. São tidos como exemplos congressos e conferências, normas técnicas, periódicos, relatórios técnicos, teses e dissertações. Os documentos terciários têm como principal função ajudar o leitor nas pesquisas de fontes primárias e secundárias. São sinalizadores de localização ou indicadores sobre os documentos primários ou secundários, como exemplo destas fontes: bibliotecas e centros de informação, bibliografias de bibliografias (CUNHA, 2001).

as sob forma codificada e organizada, agrupadas por semelhanças aos usuários desse(s) acervo(s). (MEY, 1995, p. 9).

Ao abordar a discussão sobre catálogos e bibliografias como fontes de pesquisa em seu estudo, Souza (2016), aponta que os catálogos impressos garantem a preservação e recuperação de registros. Além disso, devido ao fato de serem organizados em uma estrutura linear contribuem para a interpretação de dados, proporcionando ao pesquisador o conhecimento sobre o desenvolvimento de uma coleção.

Veloso Júnior (2019) em sua pesquisa sobre o Catálogo Geral das Coleções de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional também nos traz esta perspectiva do catálogo com um documento-artefato. Por meio dele conseguiu destrinchar as trajetórias e biografias de pessoas e objetos, e, inclusive, entender melhor de como se sucedeu o início de sua produção, que teve o seu sistema catalográfico iniciado em 1906 substituindo os regimes de numeração anteriores. Segundo o autor,

o Catálogo Geral não é apenas um índice de objetos. É também um índice de histórias, plataforma onde foram atribuídas e inscritas identidades, histórias e sentidos aos itens ali classificados sob vocabulários científicos. Cada um dos 41.495 números é uma janela para a história da ciência (VELOSO JÚNIOR, 2019, p. 73).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo trazer um detalhamento dos periódicos e da produção científica que foram realizados pelo Museu Nacional no período de 1876 até a década de 1940 ressaltando a sua importante contribuição para a História das Ciências.

As publicações editadas pelo Museu Nacional evidenciam a riqueza na contribuição da pesquisa científica brasileira para o desenvolvimento da ciência e tecnologia.

A iniciativa de criar um periódico para a instituição representou um marco para a comunicação científica no país. A articulação da instituição com outros espaços de ciência do Brasil e do mundo motivaram a ampliação da rede de sociabilidade, inserção nos programas de intercâmbio nacional e internacional e a consagração dos cientistas e da instituição, o que resultou no reconhecimento internacional das práticas científicas no Brasil.

Ao longo da pesquisa observamos que os periódicos manifestam e registram a trajetória percorrida pelo Museu sendo primordiais para a construção da sua identidade e memória institucional. No decorrer do recorte cronológico definido para este estudo são vistas as diversas fases de sua história: o início de tudo, quando o Museu é “descoberto” por outras instituições científicas a partir da publicação de seu primeiro periódico. Concomitantemente neste mesmo ano, em 1876, a instituição também começa a exercer o seu papel educativo com o oferecimento de cursos públicos de História Natural para leigos contribuindo para a divulgação científica. Consolidado e conquistado o seu reconhecimento na comunidade científica no Brasil e no estrangeiro, na gestão de Roquette-Pinto, o MN busca ir além. Almeja contribuir para o desenvolvimento cultural e despertar o interesse pela ciência na sociedade brasileira, sendo assim em 1932 é criada a Revista Nacional de Educação. Ademais, os artigos contidos nas revistas indicam as tendências dos temas tratados e caracterizam a produção científica produzida pelo Museu ao longo desse período.

Este estudo também nos permitiu observar melhor as atualizações na estrutura dos periódicos, principalmente dos Arquivos do Museu Nacional que tiveram um longo período de publicação perpassando pelos séculos XIX, XX e XXI. Muito interessante poder acompanhar a evolução da apresentação das pesquisas científicas. Inicialmente com ilustrações desenhadas, com o passar do tempo houve a inserção de estampas coloridas, fotografias... E por fim as adequações às normas de padronização de publicação científica.

Não podemos deixar de mencionar a relevância da Biblioteca do Museu Nacional na sua missão de salvaguardar e prolongar a vida útil desses documentos. A equipe da biblioteca ao se preocupar em digitalizar essas coleções demonstra o seu comprometimento com o patrimônio cultural e científico. Espera-se que daqui a um curto tempo todas as publicações estejam digitalizadas e disponíveis para a sociedade.

A biblioteca mantendo a sua função de salvaguardar o patrimônio técnico científico e cultural produzido pelas instituições, resulta na garantia ao acesso ao acervo de distintas manifestações. O constante uso dos acervos é fundamental para garantir a visibilidade e reconhecimento do percurso da produção científica produzida por instituições científicas e de ensino e, conseqüentemente, estimular a preservação desses documentos. Além disso, proporciona o progresso científico do país construindo novos saberes.

Sobre a importância da preservação destes documentos o CNPq, em seu documento “Política Nacional de Memória da Ciência e Tecnologia”, alerta para a urgência do Brasil zelar por sua memória de produção científica e tecnológica para que consiga se reconhecer como parte integrante do processo de construção do conhecimento humano:

É necessário que a cidadania conheça a contribuição de seu país para o avanço do conhecimento mundial, bem como a continuada existência de atividades científicas no seio da sociedade brasileira. Cabe também favorecer o autoconhecimento e a sua autoestima dos produtores do saber brasileiro (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2003, p. 4).

Visto que o catálogo pode ser considerado um veículo de comunicação que fornece ao pesquisador dados para obter um maior conhecimento sobre uma coleção, com o resultado do mapeamento das publicações editadas pelo Museu Nacional foi desenvolvido um catálogo temático que tem o intuito de ser um produto para a Biblioteca Central do Museu Nacional. Consoante aos progressos que a tecnologia da informação vem proporcionando aos serviços e produtos que a biblioteca oferece, o catálogo elaborado nesta pesquisa constitui em um instrumento tecnológico da Ciência da Informação que subsidia pesquisas tanto históricas quanto científicas proporcionando uma rápida recuperação da informação para os usuários da biblioteca.

O catálogo está organizado cronologicamente e inclui todos os autores e artigos científicos publicados até a década de 1940 juntamente com a classificação das áreas do conhecimento que o abrangem. Uma vez que os catálogos representam a possibilidade da consulta à fonte original da informação, espera-se que possamos contribuir para a viabilização ao acesso, a recuperação da informação e conseqüentemente impulsionar novas pesquisas. Pretende-se também cooperar para a preservação deste patrimônio científico brasileiro.

Em relação às maiores dificuldades encontradas para o desenvolvimento deste estudo, mencionamos os obstáculos para a consulta de alguns materiais bibliográficos e documentos. Infelizmente com o incêndio no Paço de São Cristóvão muitos documentos históricos que estavam sob a custódia na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional foram perdidos. Outra problemática foi o acesso ao acervo da Biblioteca do Museu Nacional

que se encontra acondicionado em caixas e guardados em depósitos devido às obras de melhorias e ampliação de seu espaço físico.

Sugerimos para pesquisas futuras a continuidade do levantamento dos periódicos editados pelo Museu Nacional e a complementação do catálogo das publicações para que seja disponibilizada uma fonte completa de informação.

Por fim, ressaltamos que é primordial a preservação desta produção científica produzida pelo Museu Nacional para que a sua trajetória do conhecimento não seja apagada ou esquecida. Além dessas publicações serem relevantes para a memória institucional também manifestam o amadurecimento científico do nosso país. É necessário que a sociedade como um todo esteja ciente da relevância desta produção do conhecimento e dos trabalhos que continuam sendo desenvolvidos. Afinal, a preservação só está completa quando divulgada a todos na expectativa de uso desse material salvaguardado.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, M. B. **O Museu em revista**: a produção, a circulação e a recepção da revista Arquivos do Museu Nacional (1876-1887). 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.
- ALMEIDA, A. Museu Nacional celebra 200 anos. **Cienc. Cult.**, Campinas, v. 70, n. 3, p. 62-64, jul./set. 2018. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v70n3/v70n3a17.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2022.
- ALVES, A. P. M. História e memória por meio de coleções especiais: o caso da biblioteca da Unesp/FCLAr. In: VIEIRA, B. V. G.; ALVES, A. P. M. (org.). **Acervos especiais**: memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 45-69. (Coleção memória da FCL).
- AMORIM, L.; RAMALHO, M.; FONTANETTO, R. O cinema educativo como instrumento de divulgação científica. **Brasiliana**: a divulgação científica no Brasil, 2009a. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasilliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=300&sid=15>. Acesso em: 2 maio 2023.
- AMORIM, L.; RAMALHO, M.; FONTANETTO, R. Os periódicos de ciência no Brasil do século 19. **Brasiliana**: a divulgação científica no Brasil, 2009b. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasilliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=77&sid=14>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- ANDRADE, D.; VERGUEIRO, W. **Aquisição de materiais de informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996. 118 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6021**: informação e documentação: publicação periódica técnica e/ou científica: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10525**: informação e documentação: número padrão internacional para publicação seriada: ISSN. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.
- BÁEZ, F. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p. 21-44.
- BARRETO, A. A. Uma quase história da ciência da informação. **Datagramazero**: revista de Ciência da Informação, [s.l.], v. 9, n. 2, abr. 2008.
- BARROS, F. A. M. Seara alheia: traduções e versos. **Revista Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1932.
- BIENE, M. P. V.; SANTOS, M. J. V. C. Histórico da instituição. In: MUSEU NACIONAL (Brasil). **O Museu Nacional**. São Paulo: Banco Safra, 2007.
- BIOJONE, M. R. **Os periódicos científicos na comunicação científica**. São Paulo: Educ; Fapesp, 2003.

BNDES destina R\$ 21,7 milhões para revitalização do Museu Nacional. **BNDES**, Rio de Janeiro, 6 jun. 2018. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/imprensa/noticias/conteudo/bndes-destina-r-21-7-milhoes-para-revitalizacao-do-museu-nacional>. Acesso em: 16 jun. 2022.

BRASIL. Decreto n. 21.240, de 4 de abril de 1932. Nacionaliza o serviço de censura dos filmes cinematográficos, crêa a “Taxa Cinematográfica para a Educação Popular” e dá outras providências. **Revista Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 4-16, 1932.

CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Ed. Unesp, [1998].

CHARTIER, R. As revoluções da leitura no Ocidente. *In*: ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2002. p. 19-31.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Política nacional de memória da ciência e da tecnologia**: relatório da comissão especial constituída pela Portaria 116/2003 do presidente do CNPq, em 04 de julho de 2003. Brasília, DF: CNPq, 2003. 11 p. Disponível em: <http://www.ghtc.usp.br/server/SBHC/Memoria-CT.pdf>. Acesso em 20 abr. 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Quem somos. **Portal de Periódicos da Capes**, Sobre, Brasília, DF, c2020. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>. Acesso em: 4 maio 2023.

CÔRTEZ, P. L. Considerações sobre a evolução da ciência e da comunicação científica. *In*: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. (org.). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores, avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

COSTA, I. T. M. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. 161 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CUNHA, D. F. F. **A Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro**: 1863-1963. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1966. (Série Livros; 3).

CUNHA, M. B. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2001. 168 p.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DANTAS, R. M. M. C. Museu Nacional: o desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil dos séculos XIX e XX. *In*: DUARTE, L. F. D. (org.). **Museu Nacional 200 anos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022. Disponível em: [https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/18666/1/Museu-Nacional-200anos\\_site.pdf](https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/18666/1/Museu-Nacional-200anos_site.pdf). Acesso em: 1 maio 2023.

DELFINO, M. S. C. **Imagens da ciência**: cinema educativo e discurso científico na Era Vargas (1930-1945). 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DEUTSCHEZEITUNG. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 8, 1932.

DOMINGUES, H. M. B. A sociedade auxiliadora da indústria nacional e as ciências naturais no Brasil império. *In*: DANTES, M. A. M. (org.). **Espaços da ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001. (Coleção História e Saúde).

DOMINGUES, H. M. B. Heloisa Alberto Torres e o inquérito nacional sobre ciências naturais e antropológicas, 1946. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 5, n. 3, p. 625-643, set./dez. 2010.

DOMINGUES, H. M. B. Museu Nacional resiste. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, out. 2018. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/museu-nacional-resiste/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

DUARTE, R. H. Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 33-56, jan./abr. 2004.

ENTREVISTA Paschoal Leme. **Histedbr**, Coleção "Navegando pela História da Educação Brasileira" – 2006, Acervos, Campinas, 2006. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/acervos/entrevista-paschoal-leme>. Acesso em: 1 maio 2023.

FACHIN, G. R.; B; HILLESHEIM, A. I. A. **Periódico científico: padronização e organização**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

FARIA, L. C. Manual de transcrição fonética. **Manuais do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 2, 1957.

FEIO, J. L. A. Apresentação. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 53, 1968.

FERNANDES, D. Manuel Bastos Tigre, um bibliotecário cheio de humor. **BNDigital**, 2022. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/biblioteconomia-manuel-bastos-tigre-um-bibliotecario-cheio-de-humor/>. Acesso em: 1 maio 2023.

FREITAS, M. H. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez. 2006.

FROTA-PESSOA, O. Sugestões para professores. **Revista do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, 1945.

GARVEY, W. D.; GRIFFITH, B. C. Communication and information processing within scientific disciplines: empirical findings for psychology. **Inform. Stor. Retr.**, v. 8, p. 123-136, 1972.

GONÇALVES, A.; RAMOS, L. M. S. V.; CASTRO, R. C. F. Revistas científicas: características, funções e critérios de qualidade. *In*: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. (org.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006.

GRANATO, M.; SANTOS, F. P. Os museus e a salvaguarda do patrimônio cultural de ciência e tecnologia no Brasil. *In*: GRANATO, M. (org.). **Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro: MAST, 2015. p. 79-119. (MAST: 30 anos de pesquisa; v. 1). Disponível em: [http://site.mast.br/hotsite\\_mast\\_30\\_anos/pdf/volume\\_01.pdf](http://site.mast.br/hotsite_mast_30_anos/pdf/volume_01.pdf). Acesso em: 22 abr. 2023.

GUIA temático das novas exposições de longa duração do Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro: [s.n.], 2021.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Tradução Míriam Vieira da Cunha. 2. ed. corr. e aum. Marie-France Blanquet. Brasília, DF: Ibict, 1994.

IMPÉRIO DO BRASIL. Decreto nº 6.116, de 9 de fevereiro de 1876. Reorganiza o Museu Nacional. **Coleção de Leis do Império do Brasil**: [s.l.], v. 1, pt. 2, p. 205, 9 fev. 1876.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Sócios falecidos brasileiros**: Manuel Ferreira Lagos. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/MFLagos.html>. Acesso em: 16 jun. 2022.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p. 45-73.

KEMPF, F. W. Frei Tomás Borgmeier. **Franciscanos**. São Paulo, [2022]. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/quemsomos/personagens/frei-tomas-borgmeier/#gsc.tab=0>. Acesso em: 20 jan. 2023.

LACERDA, J. B. **Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**: recordações históricas e científicas fundadas em documentos autênticos e informações verídicas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

LACERDA, J. B. Prefácio. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, 1895.

LATOUR, B. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, A. (org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004. p. 39-63.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília, DF: Brique de Lemos, 2004.

LEITÃO, C. M. **A Biologia no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.

LEITE, F. C. L. **Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira**: repositórios institucionais de acesso aberto. Brasília, DF: IBICT, 2009.

LEITE, F. C. L. Diretrizes para a construção de repositórios institucionais de acesso aberto à informação científica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: SNBU, 2008.

LIMA, J. S. **Classificação Decimal de Dewey (CDD) Explicada**. Fortaleza, 2019. 16 slides. Disponível em: <http://bit.ly/2U0ycfF>. Acesso em: 1 maio 2023.

LOPES, M. M. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. 2. ed. São Paulo: Editora HUCITEC; Brasília, DF: Ed. UNB, 2009.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Brique de Lemos, 1999.

MELLO Rego (Maria do Carmo de). **Portal Mato Grosso**, Mato Grosso, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://portalmatogrosso.com.br/mello-rego-maria-do-carmo-de/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

- MEY, E. S. A. **Introdução à catalogação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1995.
- MIRANDA, A. C. C.; CARVALHO, E. M. R.; COSTA, M. I. O impacto dos periódicos na comunicação científica. **Biblos**: revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 32, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2018.
- MODESTO, F. O patrono dos bibliotecários e o preconceito racial. **InfoHome**, mar. 2021. Disponível em: [https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=1278](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1278). Acesso em: 16 jun. 2022.
- MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000a.
- MUELLER, S. P. M. O periódico científico. *In*: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000b.
- MUELLER, S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006.
- MUELLER, S. P. M.; CARIBÉ, R. C. V. Comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp., p. 13- 30, 2010.
- MURGUIA, E. I.; YASSUDA, S. N. Patrimônio histórico: critérios para tombamento de bibliotecas pelo IPHAN. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 12, n. 3, p. 65-82, set./dez., 2007.
- MUSEU NACIONAL (Brasil). **Biblioteca Digital do Museu Nacional**. 2016. Disponível em: <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/>. Acesso em: 6 maio 2023.
- MUSEU NACIONAL (Brasil). Biblioteca do Museu Nacional. **A biblioteca faz 157 anos**. Rio de Janeiro, 14 jul. 2020a. Disponível em: <https://biblioteca.museunacional.ufrj.br/2020/07/14/2075/>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- MUSEU NACIONAL (Brasil). Biblioteca do Museu Nacional. **Relatório anual de atividades**. Rio de Janeiro, 2005. 31 p.
- MUSEU NACIONAL (Brasil). Biblioteca do Museu Nacional. **Relatório anual de atividades**. Rio de Janeiro, 2009. 28 p.
- MUSEU NACIONAL (Brasil). Biblioteca do Museu Nacional. **Relatório anual de atividades**. Rio de Janeiro, 2010. 39 p.
- MUSEU NACIONAL (Brasil). **Boletim do Museu Nacional: Zoologia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1942. (Nova série; edições 1-33).
- MUSEU NACIONAL (Brasil). Departamento de Entomologia. **Histórico**. Rio de Janeiro, c2023. Disponível em: <https://entomologiamn.com/historico/>. Acesso em: 6 maio 2023.
- MUSEU NACIONAL (Brasil). **Museu Nacional: panorama dos acervos: passado, presente e futuro**. Rio de Janeiro: Cristiana Serejo, 2020b. (Série Livros, 68).
- MUSEU NACIONAL (Brasil). **O Museu**. Rio de Janeiro, [2019?]. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>. Acesso em: 16 jun. 2022.

MUSEU NACIONAL (Brasil). Seção de Memória e Arquivo. **Personalidades**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2022. Disponível em: [https://www.museunacional.ufrj.br/semear/Galeria\\_de\\_Fotos/fotospersonalidades.html](https://www.museunacional.ufrj.br/semear/Galeria_de_Fotos/fotospersonalidades.html). Acesso em: 16 jun. 2022.

MUSEU NACIONAL (Brasil). Seção de Museologia. **Os diretores do Museu Nacional/UFRJ**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2008. Disponível em: [https://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria\\_1.pdf](https://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf). Acesso em: 16 jun. 2022.

MUSEU NACIONAL (Brasil). Relatório anual Museu Nacional. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1874.

MUSEU REAL. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Rio de Janeiro, [2002?]. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/musnac.htm>. Acesso em: 20 maio 2022.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

O CÉU do Brasil. **Revista Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 80-82, 1933.

OHIRA, M. L. B.; OLIVEIRA, S. F. J. Utilização de tecnologias de informação pelas bibliotecas da área jurídica de Florianópolis – SC. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 2, n. 2, 1997.

OITICICA FILHO, J. As publicações dos Museu Nacional como contribuição para a ciência e a cultura. **Publicações Avulsas do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 42, 1961.

OLIVEIRA, C. I. C. Memória e discurso institucionais: o caso de uma instituição de Ensino Superior. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2015, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: IBICT, 2015. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/venancib/paper/viewFile/1936/1077>. Acesso em: 20 ago. 2021.

OLIVEIRA, E. S.; SANTOS, A. E. A. A inutilidade dos lugares de memória: a “biblioteca verde” de Carlos Drummond de Andrade. **Revista Espaço Acadêmico**, [S.l.], n. 96, maio 2009.

OLIVEIRA, L. P.; MENEZES, M.; ALVES, V. M. R. (org.). **Catálogo de obras raras do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2022. Disponível em: [https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/20148/2/Cata%cc%81logo\\_Obras\\_Raras\\_MN\\_DIGITAL.pdf](https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/20148/2/Cata%cc%81logo_Obras_Raras_MN_DIGITAL.pdf). Acesso em: 4 maio 2023.

OLIVEIRA, S. S. **A função educativa da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional na gestão do educador Paschoal Lemme (1943-1946)**. 2013. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **O Programa Memória do Mundo**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/information-preservation-brazil>. Acesso em:

29 set. 2022.

PACKER, A. L. A construção coletiva da biblioteca virtual em saúde. **Comunic., Saúde, Educ.**, v. 9, n. 17, p. 249-272, mar./ ago. 2005.

PINHEIRO, A. V.; SANTOS, C. R. N.; ROCHA, V. M.; GODOY, R. O histórico da biblioteca como instrumento de gestão e salvaguarda das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária brasileira. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/549-2341.pdf>. Acesso em: 1 out. 2020.

PINHEIRO, L. V. R.; GRANATO, M. Para pensar a interdisciplinaridade na preservação: algumas questões preliminares. *In*: SILVA, R. R. G. (org.). **Preservação documental: uma mensagem para o futuro**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 23-40.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, A. C. B. A trajetória da UFRJ: patrimônio, memória e acervos. *In*: SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS, 2017, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2018. Disponível em: <https://ufrj.br/ufrijfaz100anos>. Acesso em: 20 nov. 2021.

QUEIROZ, A. C. B. A Universidade do Brasil e as suas memórias: um estudo sobre a preservação de seu acervo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 10., 2010, Recife. **Anais eletrônicos** [...]. Recife: UFPE, 2010. Disponível em: <https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 1 out. 2022.

RAJ, Kapil. Conexões, cruzamentos, circulações: a passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XI. **Cultura: revista de História e Teoria das Ideias**, v. 24, p. 155-179, 2007.

REVISTA DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, ago. 1944.

RIBEIRO, L. (org.). **Bicentenário do Museu Nacional: publicações científicas: parte 1: arquivos**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2018. (Série Livros Digital, 14).

ROQUETTE-PINTO, E. O cinema e a educação popular no Brasil. **Revista Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, n. 3, 1933. Disponível em: [https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/Rev\\_Nac\\_Edu\\_05/RevNacEdu\\_05.pdf](https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/Rev_Nac_Edu_05/RevNacEdu_05.pdf). Acesso em: 2 maio 2023.

SÁ, M. R.; DOMINGUES, H. M. B. O Museu Nacional e o ensino das ciências naturais no Brasil no século XIX. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 79-88, 1996.

SAMPAIO, A. J. Bibliographia botânica II. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, 1924.

SAMPAIO, A. J. Bibliographia botânica. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 1927.

SANTOS, M. J. V. C. A centenária Biblioteca do Museu Nacional. *In*: DUARTE, L. F. D. (org.). **Museu Nacional 200 anos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022. Disponível em:

[https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/18666/1/Museu-Nacional-200anos\\_site.pdf](https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/18666/1/Museu-Nacional-200anos_site.pdf). Acesso em: 1 maio 2023.

SANTOS, M. J. V. C.; TAKCHE, L. M. G. A Biblioteca do Museu Nacional: 137 anos divulgando o conhecimento científico. **Informal: Boletim do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 1/2, p. 3-4, dez. 2000.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. Coimbra: Universidade de Coimbra; Annablume, 2012.

SANTOS, P. C. A província e a ciência nacional: a Comissão Científica de 1859 no Ceará. **Khronos, Revista de História da Ciência**, n. 10, p. 159-179, dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/khronos/article/download/174575/167150/459965>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SILVA, H. D. S. A SAE. **Seção de Assistência ao Ensino**, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://sae.museunacional.ufrj.br/a-sae/#:~:text=A%20SAE%20foi%20criada%20com,O%20Globo%2C%201927>. Acesso em: 1 maio 2023.

SOUSA, B. P.; FUJITA, M. S. L. Do catálogo impresso ao on-line: algumas considerações e desafios para o bibliotecário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 59-75, jan./ jun. 2012.

SOUZA, W. E. R. de. O catálogo editorial e a bibliografia como fontes de pesquisa: avanços e desafios na era digital. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 7, n. esp., p. 202-223, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/111431>. Acesso em: 1 maio 2023.

STUMPF, I. R. C. Avaliação das revistas de comunicação pela comunidade acadêmica da área. **Em Questão**, v. 9, n. 1, p. 25-38, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/11868>. Acesso em: 24 abr. 2023.

TARGINO, M. G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92195>. Acesso em: 5 maio 2023.

TARGINO, M. G.; TORRES, N. H. Comunicação científica além da ciência. **Ação midiática: estudos em comunicação, sociedade e cultura**, Curitiba, n. 7, 2014.

TEIXEIRA, K. V. Comissão científica de exploração: uma experiência de transição no fazer científico brasileiro. **Cad. Hist. Ciênc.**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 42-65, 2013. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/cadernos/article/view/34308>. Acesso em: 16 jun. 2022.

TORRES, H. A. Prefácio. **Manuais do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, n. 1, 1943. Disponível em: <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/mancap/mancap.pdf>. Acesso em: 2 maio 2023.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Acesso aberto. **Ciência Aberta USP**, São Paulo, c2023. Disponível em: <https://cienciaaberta.usp.br/acesso-aberto>. Acesso em: 4 maio 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de Bibliotecas e Informação. Apresentação. **Portal SiBI UFRJ**, O SiBI, Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: <https://www.sibi.ufrj.br/index.php/o-sibi/quem-somos>. Acesso em: 4 maio 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de Bibliotecas e Informação. Divisão de Desenvolvimento das Bibliotecas. **Bager 2021**: dados 01.01.2021 até 31.12.2021. Base de dados gerenciais do SiBI (dados estatísticos das bibliotecas). Biblioteca do Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022.

VELOSO JÚNIOR, C. R. Índice de objetos, índice de histórias: o catálogo geral das coleções de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional. **Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. especial, n. 1, set. 2019.

## **APÊNDICE A – Catálogo dos periódicos do Museu Nacional até a década de 1940**

Partindo do pressuposto de que o mestrado profissional deve contribuir para produção e aplicação do conhecimento embasado, o mapeamento das publicações deste estudo resultou em um catálogo, que consiste no produto técnico científico desta pesquisa. O catálogo, além de um instrumento de pesquisa, também colabora para a preservação desta produção científica.

Estão incluídos os periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940, que foram importantes ferramentas para a consagração da instituição e para o desenvolvimento científico brasileiro. Abrange seis publicações: Arquivos do Museu Nacional, Boletim do Museu Nacional, Revista Nacional de Educação, Manuais do Museu Nacional, Revista do Museu Nacional e Publicações Avulsas.



MUSEU NACIONAL  
UFRJ

# CATÁLOGO DOS PERIÓDICOS DO MUSEU NACIONAL ATÉ A DÉCADA DE 1940

Organizado por:

Danielle Silva dos Santos

Orientação:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Maria Bertol Domingues

---

MAIO / 2023

# Sumário

---

- 07 **Arquivos do Museu Nacional (1876-2010)**
- 22 **Boletim do Museu Nacional (1923-1941)**
- 41 **Revista Nacional de Educação (1932-1934)**
- 54 **Manuais do Museu Nacional (1943-1957)**
- 57 **Revista do Museu Nacional (1944-1945)**
- 62 **Publicações Avulsas (1945-2006)**



# Apresentação

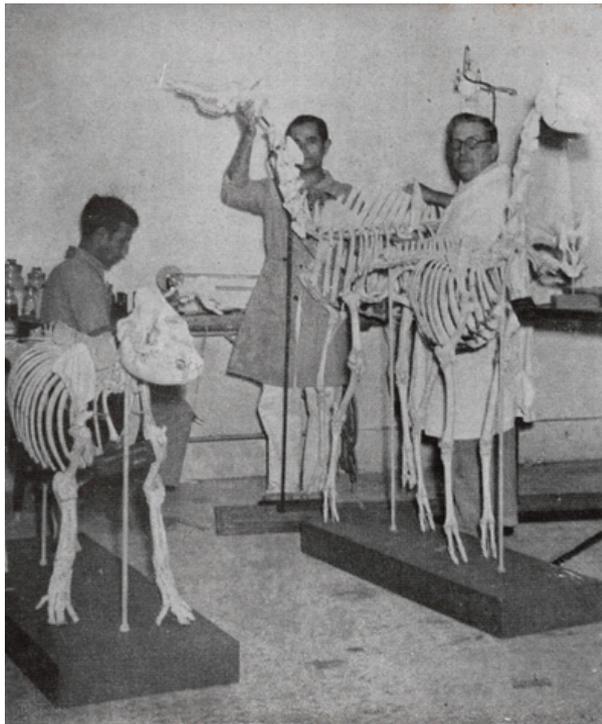
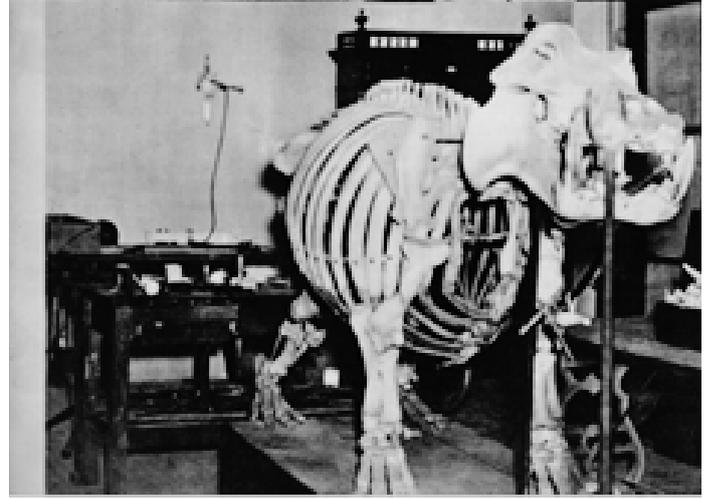
Este catálogo é resultado da dissertação "A produção científica do Museu Nacional/ UFRJ como patrimônio para a ciência e a cultura: memória dos periódicos editados até a década de 1940" apresentada ao Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, do Museu de Astronomia e Ciências Afins - PPACT/ MAST, com orientação da Professora Doutora Heloisa Maria Bertol Domingues.

Estão incluídos os periódicos editados pelo Museu Nacional até a década de 1940 que foram importantes ferramentas para a consagração da instituição e para o desenvolvimento científico brasileiro. Abrange seis publicações: Arquivos do Museu Nacional, Boletim do Museu Nacional, Revista Nacional de Educação, Manuais do Museu Nacional, Revista do Museu Nacional e Publicações Avulsas.

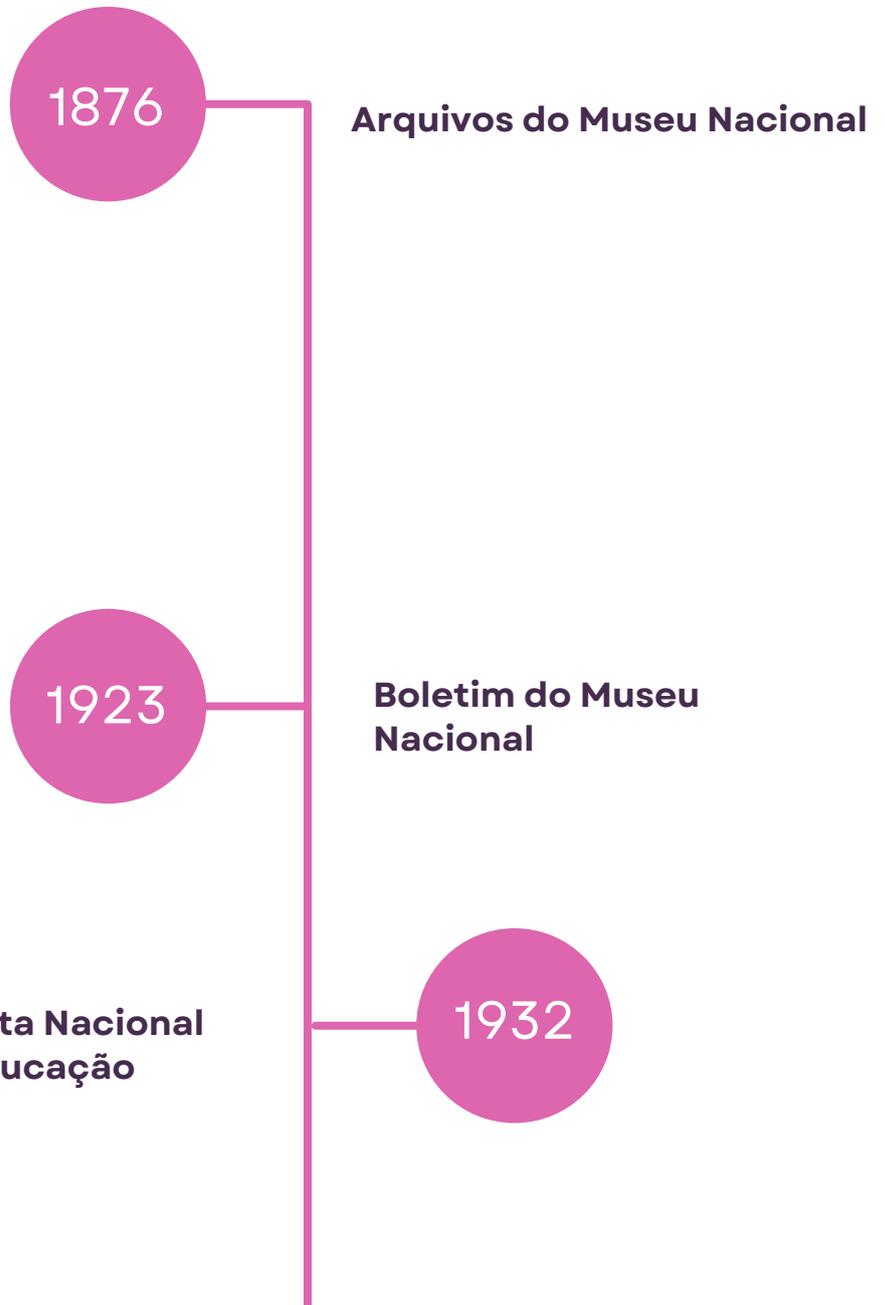
Procurou-se manter a grafia utilizada na publicação original, o que justifica algumas divergências do uso correto do idioma atualmente.

Com este catálogo pretende-se contribuir para a viabilização ao acesso, agilizar a recuperação da informação para pesquisadores e também cooperar para a preservação deste patrimônio científico brasileiro.





# A trajetória dos periódicos do Museu Nacional



# A trajetória dos periódicos do Museu Nacional

**Manuais do Museu Nacional**

1943

1944

**Revista do Museu Nacional**

1945

**Publicações Avulsas**

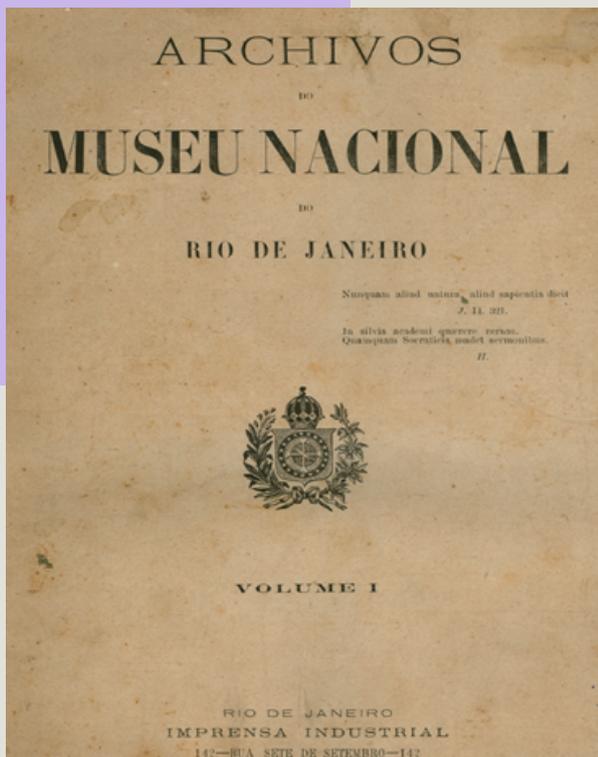




# ARQUIVOS DO MUSEU NACIONAL (1876-2010)

---





## Arquivos do Museu Nacional

A revista Arquivos do Museu Nacional foi um grande marco para a instituição.

Além de ser o primeiro periódico científico do Museu também foi o pioneiro dedicado às Ciências Naturais no Brasil.

A ideia da revista surgiu a partir da iniciativa de Ladislau Netto, grande incentivador de novas práticas científicas.

Com o intuito de legitimar as pesquisas científicas produzidas na instituição e de ampliar a sua rede de sociabilidade científica, o periódico foi uma importante ferramenta de consagração para a instituição e seus cientistas.

A revista publicou o total de 68 volumes, com o primeiro volume lançado em 1876 e o último em julho de 2010.

Em 1943, no volume 37 ocorreu a atualização do título "Archivos do Museu Nacional" para "Arquivos do Museu Nacional".

Apesar de ter sido planejada para ser publicada trimestralmente o periódico sofreu com recorrentes atrasos na publicação e não conseguiu cumprir essa periodicidade.



A coleção dos Arquivos do Museu Nacional encontra-se totalmente digitalizada e está em andamento a sua inclusão no Portal de Periódicos da UFRJ: <https://revistas.ufrj.br/>

ANO	AUTOR	TÍTULO	ÁREA DO CONHECIMENTO	SUB ÁREA
v. 1 1876		Decreto n. 6116 de 9 de fevereiro de 1876		
	Ladislau Netto	Advertencia		
	Carlos Wiener	Estudos. Sobre os sambaquis do sul do Brazil	Arqueologia	
	Carlos Frederico Hartt	Nota. Sobre algumas tangas de barro cosido dos antigos indigenas da Ilha de Marajó	Arqueologia	
	Ladislau Netto	Estudos. Sobre a evolução morfológica dos tecidos nos caules sarmentosos	Botânica	
	Antonio Pizarro	Nota Descritiva. De um pequeno animal extremamente curioso e denominado Batrachycthis	Zoologia	
	João Baptista de Lacerda	Acção physiologica do Urari	Fisiologia Experimental	
	Carlos Frederico Hartt	Descrição dos objectos de pedra de origem indigena conservados no Museu Nacional	Arqueologia	
	João Baptista de Lacerda; Rodrigues Peixoto	Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil	Antropologia	
	João Baptista de Lacerda	Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil. Nota. Sobre a conformação dos dentes.	Antropologia	
	Domingos Soares Ferreira Penna	Breve noticia sobre os sambaquis do Pará	Arqueologia	
-	Computo geral das collecções zoologicas existentes no Museu Nacional	Zoologia		
v. 2 1877	João Baptista de Lacerda	Investigações experimentaes sobre a acção do veneno da Bothrops jararaca (Serpente fer de lance du Brésil)	Fisiologia Experimental	
		Additamento ás investigações experimentaes sobre a acção do veneno de Bothrops jararaca. Exame chimico emicroscopico do veneno	Fisiologia Experimental	
	Fritz Müller	A correlação das flores versicolores e dos insectos pronubos	Botânica	Entomologia
	Fritz Müller	As maculas sexuaes dos individuos masculinos das espécies Danais erippus e D. gilippus	Zoologia	Entomologia
	Fritz Müller	Os órgãos odoriferos das especies Epicalia acontius, Lin. ede Myscelia orsis	Zoologia	Entomologia
	Fritz Müller	Os órgãos odoriferos nas pernas de certos Lepidopteres	Zoologia	Entomologia

		Os órgãos odoríferos nas pernas de certos Lepidopteres (Supplemento)		Entomologia
Domingos Soares Ferreira Penna		Apontamentos sobre os ceramios do Pará Appendice. Urnas do Maracá Observações sobre as duas urnas (Fig. 3ª e 4ª) descriptase figuradas pelo Sr. João Barbosa Rodrigues em seu artigo – Antiguidades do Amazonas, inserto na Revista – Ensaios de Sciencia	Arqueologia	
Orville A. Derby		Contribuições para a Geologia da Região do Baixo Amazonas	Geologia	
Ladislau Netto		Apontamentos sobre os tembetás (adornos labiaes de pedra) da Collecção Archeologica do Museu Nacional	Arqueologia	
-		Resumo do Curso de Anthropologia do Museu Nacional em 1877. Museu Nacional	Antropologia	
-		Nota das publicações recebidas em permuta com os Archivos do Museu Nacional em 1877		

<b>v. 3 1878</b>	Fritz Müller	Os órgãos odoríferos da Antirrhæa archæa Hübner	Zoologia	Entomologia
	Alunos engenheiros da Eschola de Minas de Ouro Preto	Estudos geologicos e mineralogicos sobre algumas localidades da Provincia de Minas Geraes	Geologia	
	Leandro Dupré Junior	Estudo geologico e mineralogico da região E. de Ouro-Preto, comprehendida entre aquella cidade, a povoação do Taquaral e o rio do Carmo	Geologia	
	Luiz Adolpho Correa da Costa	Estudo geologico da região de S. Bartholomeu e da mina de ouro da Tapéra perto de Ouro-Preto	Geologia	
	João Baptista de Lacerda	Algunas experiencias com o veneno do Bufo ictericus, Spix (Crapaud du Brésil)	Zoologia	
	Fritz Müller	A prega costal das Hesperideas	Zoologia	
	João Baptista de Lacerda	Investigações experimentaes sobre o veneno do Crotalus horridus (Serpent à sonnettes)	Zoologia	
	Orville A. Derby	A Geologia da região diamantifera da Provincia do Paraná no Brasil	Geologia	
	Fritz Müller	Sobre as casas construidas pelas larvas de insectos trichopteros da Provincia de Santa Catharina. [Com supplemento.]	Zoologia	Entomologia
	Orville A. Derby	A Bacia Cretacea da Bahia de Todos os Santos	Geologia	

	Richard Rathbun	Observações sobre a Geologia. Aspecto da Ilha de Itaparica, na Bahia de Todos os Santos	Geologia	
	Ladislau Netto	Resumo do Curso de Botanica do Museu Nacional, em 1878	Botânica	
	-	Nota das publicações recebidas em permuta com os Archivos do Museu Nacional em 1878		
<b>v. 4 1879</b>	Nicolau Moreira	Insectologia. Lepidopteros. Metamorphose de uma Heliconia	Botânica	Entomologia
	Domingos Soares Ferreira Penna	Algumas palavras da lingua dos Aruans	Linguística	
	Fritz Müller	Descrição do Elpidium bromeliarum. Crustaceo da famílias Cytherideos	Zoologia	
	João Baptista de Lacerda	Craneos de Maracá. Guyana Brasileira. Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brasil	Antropologia	
	Fritz Müller	A metamorphose de um insecto diptero. Primeira Parte. Descrição do exterior da larva	Zoologia	Entomologia
	Fritz Müller	A metamorphose de um insecto diptero. Segunda Parte. Anatomia da larva	Zoologia	Entomologia
	Fritz Müller	A metamorphose de um insecto diptero. Terceira Parte. Anatomia da larva	Zoologia	Entomologia
	Fritz Müller	A metamorphose de um insecto diptero. Quarta Parte. Chrysalida e insecto perfeito	Zoologia	Entomologia
	Orville A. Derby	Contribuição para o estudo da Geologia do Valle do Rio S. Francisco	Geologia	
	Orville A. Derby	Observações sobre algumas rochas diamantiferas da Provincia de Minas Geraes	Geologia	
	João Baptista de Lacerda	Nota sobre as condições que favorecem a decomposição dos ossos	Antropologia	
	-	Nota das publicações recebidas em permuta com os Archivos do Museu Nacional em 1879		
<b>v. 5 1880</b>	Ladislau Netto	Algumas palavras sobre a publicação nestes Archivos do texto completo da Flora Fluminensis, de José Mariano da Conceição Velloso	Botânica	
	José Mariano da Conceição Velloso	Florae Fluminensis	Botânica	

	-	Nota das publicações recebidas em permuta com os Archivos do Museu Nacional em 1880	
--	---	---	--

<b>v. 6 1885</b>	Ladislau Netto	Prefacio	
	Carlos Frederico Hartt	Contribuições para a Ethnologia do Valle do Amazonas	Etnologia
	João Baptista de Lacerda	O homem dos sambaquis. (Contribuição para a Anthropologia Brasileira)	Antropologia
	J. Rodrigues Peixoto	Novos estudos craniologicos sobre os Botocudos	Antropologia
	Ladislau Netto	Investigações sobre a Archeologia Brasileira. Advertencia	Arqueologia
		Investigações sobre a Archeologia Brasileira	
	-	Notas explicativas e Rectificações	
	-	Nota das publicações recebidas em permuta com os Archivos do Museu Nacional em 1882	

<b>v. 7 1887</b>	Ladislau Netto	Prefacio	
	Charles A. White	Contribuições á Paleontologia do Brazil. (Com o original em inglês) [Texto bilíngue]	Paleontologia
	-	Nota das publicações recebidas 1882 a 1886	

<b>v. 8 1892</b>	Neves Armond	Prefacio	
	Emilio Augusto Göldi	Relatorio sobre a molestia do cafeeiro na Provincia do Rio de Janeiro	Zoologia
	Fritz Müller	Trichodactylus, siri de agua doce, sem metamorphose	Zoologia
	Hermann von Ihering	Descrição e anatomia de Peltella	Zoologia
	Fritz Müller	O camarão miudo do Itajahy, Atyoida potimirim	Zoologia
	Fritz Müller	O camarão preto, Palaemon potiuna. Primeira Parte. Descrição do animal adulto	Zoologia
	Fritz Müller	Descrição da Janira exul, Crustaceo Isopode do Estado de Santa Catharina	Zoologia

<b>v. 9 1895</b>	João Baptista de Lacerda	Prefacio	
	João Baptista de Lacerda	Carta ao Sr. Dr. von Ihering, Director do Museo Paulista	Divulgação Científica
	John M. Clarke	As trilobitas do Grez de Ereré e Maecurù, Estado do Pará, Brazil [Texto bilíngue]	Geologia

	Orville A. Derby	Nota sobre a Geologia e Paleontologia de Matto-Grosso	Geologia	Paleontologia
	Orville A. Derby	Estudo sobre o meteorito de Bendegó. [Texto bilíngue]	Geologia	
	Ernesto Ule	Relatorio de uma excursão botanica feita na Serra do Itatiaia	Botânica	
<b>v. 10 (1897-1899)</b>	John M. Clarke	A fauna siluriana superior do rio Trombetas. Estado do Pará, Brazil [Texto bilíngue]	Geologia	Paleontologia
<b>1899</b>	John M. Clarke	Molluscos devonianos do Estado do Pará, Brazil. [Texto bilíngue]	Geologia	Paleontologia
	Maria do Carmo de Mello Rego	Artefactos indigenas de Matto Grosso	Etnologia	
	Ernesto Ule	Utricularias epiphytas	Botânica	
<b>v. 11 1901</b>	Carlos Moreira	Contribuições para o conhecimento da fauna brasileira	Zoologia	
	Carlos Moreira	Crustaceos do Brazil. Crustaceos. Thoracostraceos. Stomatopodes, Podophthalmos. Schizopodes, Decapodes, Brachyuros, Catometopa, Cyclometopa, Oxyrhyncha	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Sobre a Mydaea pici MACQ	Zoologia	Entomologia
	João Baptista de Lacerda	Curare. Préparé au moyen d'une seule plante de la famille des Ménispermées (Anomospermum grandifolium Eichler)	Botânica	
<b>v. 12 1903</b>	João Baptista de Lacerda	Recherches sur la cause et la prophylaxie de la fièvre jaunefaites au Laboratoire de Biologie du Musée National de Rio-de-Janeiro	Fisiologia Experimental	
	Carlos Schreiner e Alipio de Miranda Ribeiro	A collecção de Peixes do Museu Nacional	Zoologia	
	Carlos Moreira	Nota appendice ás contribuições para o conhecimento da fauna brasileira. Crustaceos do Brazil	Zoologia	
	Carlos Moreira	Crustaceos da Ponta do Pharol em São Francisco do Sul, no Estado de Santa Catharina	Zoologia	
	Carlos Moreira	Contribuições para o conhecimento da fauna brasileira. Vermes oligochaetos do Brazil	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas zoologicas	Zoologia	

	Anonymo	Declarações e certas noticias do sittio do Pará. Acçoens dos moradores e seus costumes de vida	Etnologia	
	Alexandre Rodrigues Ferreira	Memoria sobre o peixe Pirá-Urucú	Zoologia	
	Ernest Hemmendorff e Carlos Moreira	Relatorio das excursões effectuadas na margem esquerda do rio Branco em São Paulo e no Itatiaya na serra da Mantiqueira	História Natural	Expedições Científicas
	Alexandre Rodrigues Ferreira	Memoria sobre o Peixe-Boy e do uso que lhe dão no Estado do Grão Pará	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Basilia ferruginea. Genero novo e especie nova da familia das Nycteribias	Zoologia	Entomologia
	Alexandre Rodrigues Ferreira	Memoria sobre Yurara-Reté. As Tartarugas que foram preparadas e remetidas nos caixões n. 1 até n. 7 da primeira remessa	Zoologia	
	Carlos Moreira	Uma especie nova de Amphipode orchestideo, que vive a 2240 metros sobre o nivel do mar	Zoologia	
	Alexandre Rodrigues Ferreira	A proposito de uma estampa representando um indio Cambeba	Etnologia	
	John C. Branner	A bibliography of the Geology, Mineralogy and Paleontology of Brazil	Geologia / Mineralogia / Paleontologia	
	Alferes José Augusto Caldas	Apontamentos para a organização da grammatica Bororó. O alphabeto	Linguística	
<b>v. 13 1905</b>	P. Dusén	Sur la Flore de la Serra do Itatiaya au Brésil	Botânica	
	Carlos Moreira	Campanhas de pesca do “Annie”. Crustaceos	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Genus Megalobrycon, Gnthr. Seu enumeratio systematica hujus generis Characinidarum specierum	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Braula coeca, Nietsch	Zoologia	Entomologia
	Alipio de Miranda Ribeiro	Vertebrados do Itatiaya (Peixes, Serpentes, Saurios, Avese Mammiferos). Resultados de excursões do Sr. Carlos Moreira	Zoologia	
<b>v. 14 1907</b>	João Baptista de Lacerda	O Microbio da Febre Amarella. Contestação á Conclusão negativa da Commissão Americana em Havana e da Commissão Franceza no Rio de Janeiro.	Fisiologia Experimental	

	Alipio de Miranda Ribeiro	Fauna Braziliense. Peixes. Tomo I.	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Fauna Braziliense. Peixes. Tomo II. Desmobranchios	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	O Porquinho da India e a Theoria Genealogica	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Alguns dipteros interessantes	Zoologia	Entomologia
<b>v. 15 1909</b>	João Baptista de Lacerda	De Variis Plantis Veneniferis. Florae brasiliensis	Botânica	
	R. Krone	Estudo sobre as cavernas do Valle do Rio Ribeira	Geologia	Paleontologia
	Alipio de Miranda Ribeiro	Fauna Braziliense. Peixes. Tomo III (Eleutherobranchios spirophoros)	Zoologia	
	A. J. de Sampaio	Uma Orchidacea nova	Botânica	
	João Baptista de Lacerda	Le microbe de la fièvre jaune découvert, démontré et classé	Fisiologia Experimental	
	João Baptista de Lacerda	Contributions à l'étude de la cause du bérubéri	Fisiologia Experimental	
<b>v. 16 1911</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Fauna Brasiliense. Peixes. Tomo IV (A). (Eleutherobranchios aspirophoros)	Zoologia	
<b>v. 17 1915</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Fauna Brasiliense. Peixes. V. [Segunda Parte]. (Eleutherobranchios aspirophoros). Physoclisti	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Os processos de Taxidermia e o Museu Nacional do Rio de Janeiro. (Relatório)	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Lachesis Lutzii. Uma variedade de L. pictus Tschudi	Zoologia	
<b>v. 18 1916</b>	A. J. de Sampaio	Contribuição ao Estudo da Flora do Estado de Minas Geraes (Brasil)	Botânica	
	Albeto Childe	A Dama Takushit do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Algumas considerações sobre a estatuaría egypcia	Arqueologia	Egiptologia
	A. J. de Sampaio	Plantae novae vel minus cognitae. I. Orchidaceae.	Botânica	
	A. J. de Sampaio	Relatorio da Comissão desempenhada na Europa para aperfeiçoamento de conhecimentos botanicos	Botânica	

	Alberto Childe	Autopsie d'un monstre céphalothoracopage monosymétrique de race porcine	Arqueologia	Egiptologia
	Eugenio Rangel	Contribuição para o estudo dos Puccinias das Myrtaceae	Botânica	
	Eugenio Rangel	Fungos do Brasil, novos ou mal conhecidos	Botânica	
<b>v. 19 1916</b>	A. J. de Sampaio	A flora de Matto Grosso. Memoria em homenagem aos trabalhos botanicos da Commissão Rondon	Botânica	
	Albeto Childe	Archeologia classica e americanismo. Conferencia lida em Março de 1915 na Bibliotheca Nacional	Arqueologia	
	Albeto Childe	Os Deuses e os Mortos nas crenças antigas. Conferencia lida em Março de 1916 no Museu Nacional	Arqueologia	Egiptologia
	A. da Costa Lima	Considerações sobre a campanha contra a formiga saúva ( <i>Atta sexdens</i> (L.) Fabr.)	Zoologia	Entomologia
	A. da Costa Lima	Sobre alguns chalcidideos parasitas de sementes demyrtaceas	Botânica	
<b>v. 20 1917</b>	Roquette-Pinto	Rondonia. Anthropologia. Ethnographia	Antropologia	
<b>v. 21 1918</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Fauna Brasiliense. Peixes. Tomo V. Eleutherobranchios aspirophoros. [1ª e 3ª Partes]	Zoologia	
<b>v. 22 1919</b>	Affonso d'Escragnolle Taunay	Discurso pronunciado na Sessão Commemorativa do Centenário do Museu Nacional	Discurso	
	Bruno Lobo	O Museu Nacional de Historia Natural. Discurso	Discurso	
	Roquette-Pinto	Centenário do Museu Nacional. Discurso	Discurso	
	Alberto Betim Paes Leme	Synthese Geologica do Brasil	Geologia	
	A. J. de Sampaio	A Secção de Botanica no primeiro seculo de existencia do Museu Nacional	Botânica	
	Alipio de Miranda Ribeiro	A Zoologia no seculo do Museu Nacional do Rio de Janeiro	Zoologia	
	Adolpho Ducke	Pajurá e Oity-Coró	Botânica	
	F. C. Hoehne	Genero e especies novas e pouco conhecidas de orchidaceas dos arredores da cidade de S. Paulo	Botânica	
	Basilio de Magalhães	Biographia de Antonio Luiz Patricio da Silva Manso	Biografia	
	Alvaro A. da Silveira	Algumas especies novas da flora de Minas Geraes	Botânica	

Bruno Lobo	Conferencia sobre a Ilha da Trindade	História Natural
Lauro Travassos	Informações sobre o material helminthologico colleccionado na Ilha da Trindade em 1916	Fisiologia Experimental
Alipio de Miranda Ribeiro	A Fauna Vertebrada da Ilha da Trindade	Zoologia
Theophilus Henry Lee	A historical sketch of the development of mining in Brazil	Geologia
Carlos Teschauer	Algumas notas sobre ethnologia e “folklore” na flora e avifauna do Brasil	Etnologia
Ermelino S. de Leão	Antonina prehistorica	Arqueologia
Henri Henrikhovitch Manizer. (Trad.: A. Childe)	Les Botocudos d’après les observations recueillies pendant un séjour chez eux en 1915	Arqueologia
Bertha M. J. Lutz (Org.)	Indice dos Archivos do Museu Nacional - Vols. I a XXII – 1876 a 1919	

<b>v. 23 1921</b>	Antonio Gonçalves Peryassú	Os anophelinos do Brasil	Zoologia	Entomologia
	Alberto Betim Paes Leme	Actividade scientifica dos professores Gorceix e Costa Sena	Geologia	
	Antonio Olyntho Santos Pires	Discurso do Professor Antonio Olyntho Santos Pires agradecendo, em nome da Escola de Minas, a homenagem prestada a Costa Sena e Gorceix pelo Museu Nacional	Discurso	
	Alberto Childe	Geographia e Archeologia	Arqueologia	
	Alvaro A. da Silveira	Especies novae civitatis Minas Geraes. Apocynaceae Endl. Aspidosperma Mart. et Zucc	Botânica	

<b>v. 24 1923</b>	Alberto Childe	O Rio Iran-Vedj nas tradições persas	Arqueologia	Antiguidade Oriental
	Alberto Childe	Notas philologicas	Arqueologia	Egiptologia
	Thomaz Borgmeier	Catalogo systematico e synonymico das formigas do Brasil. 1ª Parte. Subfam. Dorylinae, Cerapachyinae, Ponerinae, Dolichoderinae	Zoologia	Entomologia
	Mello-Leitão	Opiliones laniatores do Brasil	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Observações sobre algumas phases evolutivas de Ceratophryse Stombus	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro (trad. Edward May)	Observations on some evolutionary phases of “Ceratophrys and Stombus”	Zoologia	

	José Bonifácio de Andrada e Silva & Martim Francisco Ribeiro de Andrada	Viagem mineralogica na Provincia de S. Paulo (hoje Estado)	Geologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Nota critica sobre a ornis do Itatiaya	Zoologia	
	Pedro Pinto Peixoto Velho	Avifauna da Serra do Itatiaya	Zoologia	
	Pedro Pinto Peixoto Velho	Dez dias de observação sobre a fauna do Estado do Pará	Zoologia	
	Alvaro A. da Silveira	Um cafeeiro interessante	Agricultura	
	Max Sellnick. (Trad. Snethlage)	Oribatideos brasileiros. I. Galumnae	Zoologia	
	Max Sellnick [Versão em alemão]	Brasilianische Oribatidae. I. Galumnae	Zoologia	
	Thomaz Borgmeier	Contribuição para o conhecimento dos Phorideos do Brasil (Phoridae - Diptera)	Zoologia	Entomologia
	Edward May	Observações sobre a duração da phase pupal de Rothschildia speculum (Maas. & Weym.) e especies congêneres [Texto bilíngue]	Zoologia	Entomologia

<b>v. 25 1925</b>	Roquette-Pinto & Alberto Childe	Notas anthropometricas sobre os indios Urupás	Antropologia	
	A. J. de Sampaio	Contribuições para a nova flora brasiliense. O Gen. Alsophila R. Br. (1810) na flora brasileira (Cyatheaceas)	Botânica	
	Thomaz Borgmeier	Novos subsidios para o conhecimento da família Phoridae (Dipt.)	Zoologia	Entomologia
	Alberto Childe	Inscrições dos Sarcophagos Egypcios ns. 525, 526 e 532	Arqueologia	Egiptologia
	Alberto Childe	Estela Egypcia n. 2.419	Arqueologia	Egiptologia

<b>v. 26 1926</b>	Benjamim Baptista & Roquette-Pinto. (Dessins: A. Childe)	Contribution à l'anatomie comparée des races humaines. Dissection d'une indienne du Brésil	Antropologia	
	Max Sellnick	Alguns novos Acaros (Uropodidae) Myrmecophilos e Termitophilos	Zoologia	
	Fritz Kessel	Synopse geral do genero Laemophloeus Cast. (Col.) com a descrição de algumas novas especies sul-americanas	Zoologia	Entomologia

	Afranio do Amaral	Novos generos e especies de ophidios brasileiros (Contribuição III para o conhecimento dos ophidios do Brasil)	Zoologia	
	Bertha Lutz	Estudos sobre a biologia floral da <i>Mangifera indica</i> L.	Botânica	
<b>v. 27 1926</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas para servirem ao estudo dos <i>Gymnobatrachios</i> (Anura) brasileiros	Zoologia	
<b>v. 28 1926</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas Ornithologicas	Zoologia	Ornitologia
	J. Cesar Diogo	As folhas das Vellozias e seu aparelho regulador da transpiração	Botânica	
	Alberto Childe	Estela nº 2.420	Arqueologia	Egiptologia
	Alberto Childe	Sarcophago nos 529 e 530	Arqueologia	Egiptologia
	A. J. de Sampaio	O problema florestal no Brasil em 1926	Botânica	
	Alfredo Ant. de Andrade	Estudo das materias corantes de origem vegetal, em uso entre os indios do Brasil e das plantas de que procedem	Botânica	Etnobotânica
<b>v. 29 1927</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Reivindicação do genero <i>Carolibergia</i> de Mercerat	Zoologia	
	R. Locchi	A arteria celiaca e suas ramificações no gen. "Bradypus". (Das arterias do estomago em particular)	Zoologia	
	Thomaz Borgmeier	Algumas novas formigas brasileiras	Zoologia	Entomologia
	Thomaz Borgmeier	Catalogo systematico e synonymico das formigas do Brasil. 2ª Parte. Subf. <i>Pseudomyrminae</i> , <i>Myrmicinae</i> , <i>Formicinae</i>	Zoologia	Entomologia
<b>v. 30 1928</b>	Arthur Lobo da Silva	A Anthropologia no Exercito Brasileiro	Antropologia	
	Roquette-Pinto	Nota sobre os typos anthropologicos do Brasil	Antropologia	
<b>v. 31 1929</b>	Mello-Leitão	Aphantochilidas e Thomisidas do Brasil	Zoologia	
<b>v. 32 1930</b>	A. J. de Sampaio	Eufilicineas do Rio Cuminá. (Afl. do Rio Trombetas - E. do Pará)	Botânica	
	Mello-Leitão	Aranhas de Cuminá	Zoologia	
	Alberto Childe	Trabalhos da divisão egiptologica (I. Cone funerario n.573 e Estatueta n. 81; II. Uma Estela da XIIIª Dinastia (Thebas) - consulta feita ao Museu Nacional; III. Nota sobre um	Arqueologia	Egiptologia

		escaravelho egípcio da coleção particular do Prof. Urstein de Warshawa (Polônia); IV. Tradução das inscrições do Sarcófago n. 532)		
<b>v. 33 1931</b>	Mello-Leitão	Pedipalpos do Brasil e algumas notas sobre a ordem	Zoologia	
	Mello-Leitão	Notas sobre os Bothriuridas sul-americanos	Zoologia	
	Mello-Leitão	Opiliões novos ou críticos	Zoologia	
<b>v. 34 1932</b>	Mello-Leitão	Notas sobre Escorpiões Sul-Americanos	Zoologia	
	A. J. de Sampaio	Flora do Rio Cuminá (Estado do Pará). VIII. Cyperaceas, Malpighiaceas e Leguminosas	Botânica	
	A. C. Brade	Especies novas de Plantas do Estado do Rio de Janeiro	Botânica	
<b>v. 35 1933</b>	A. J. de Sampaio	A Flora do Rio Cuminá (E. do Pará - Brasil) - Resultados Botânicos da Expedição Rondon á Serra Tumuc-Humacem 1928	História Natural	Expedições Científicas
<b>v. 36 1934</b>	Mello-Leitão	Alguns novos Opiliões do Estado de S. Paulo e do Districto Federal	Zoologia	
	J. Rick	Monographia das Xilariaceas Riograndenses	Botânica	
	A. J. de Sampaio	Caracteres de menor frequencia nas Bignoniaceas	Botânica	
	Mello-Leitão	Algumas notas sobre os Laniatores	Zoologia	
<b>v. 37 1943</b>		Alberto Betim Paes Leme (1883-1938)	Biografia	Alberto Betim Paes Leme
		Alipio de Miranda Ribeiro (1874-1939)	Biografia	Alípio de Miranda Ribeiro
	Alipio de Miranda Ribeiro	Inia geoffrensis (Blainville)	Zoologia	
	Alberto Childe	Estudos críticos sobre um ponto de arqueologia e de astronomia egípcias	Arqueologia	Egiptologia
	Mello-Leitão	Catálogo das aranhas do Rio Grande do Sul	Zoologia	
	K. W. Verhoeff	Ueber einige Diplopoden aus Minas Gerais (Brasilien)	Zoologia	
	Bastos D'Avila	Alguns dados de cefalometria no escolar	Antropologia	
	A. J. de Sampaio; Oswaldo Peckolt	A nomenclatura das espécies na "Flora Fluminense" de Conceição Veloso e sua correspondência atual	Botânica	

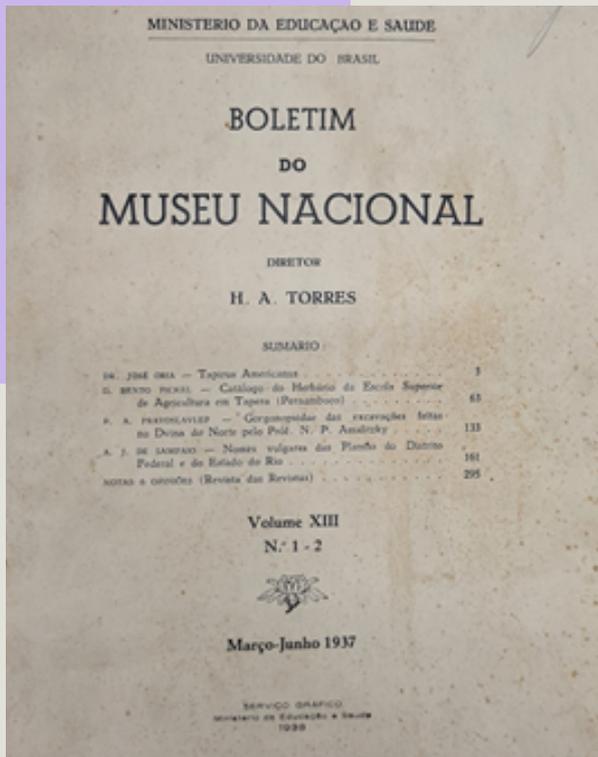
	A. J. de Sampaio	Genética vegetal	Botânica	
	A. J. de Sampaio	Histórico da geografia botânica (Contribuição para o Ensino da Fitogeografia no Brasil)	Botânica	
<b>v. 38 1945</b>	Otto Schubart	Os Proterospermophora do Distrito Federal (Myriapoda, Diplopoda)	Zoologia	
<b>v. 39 1940</b>	Alberto Childe	Étude philologique sur les noms du "chien" de l'antiquitéjusqu'a nos jours	Arqueologia	Egiptologia
<b>v. 40 1945</b>	Mello-Leitão	Escorpiões sul-americanos	Zoologia	
<b>v. 41 1948</b>	Petr Wygodzinsky	Contribuição ao conhecimento do gênero <i>Heniartes</i> Spinola, 1837 (Apiomerinae, Reduviidae, Hemiptera)	Zoologia	Entomologia
	William A. Gosline	Contributions to the classification of the Loricariid catfishes	Zoologia	Ictiologia



# BOLETIM DO MUSEU NACIONAL (1923-1941)

---





## Boletim do Museu Nacional

Segundo periódico científico lançado pela instituição. Uma aspiração antiga dos professores da casa que foi manifestado em atas das reuniões da Congregação desde 1916. Tomando iniciativas de forma efetiva, Arthur Neiva publicou em novembro o primeiro número do Boletim.

Com uma coleção de 17 volumes publicados, em 1942 o periódico foi subdividido em quatro séries: Antropologia, Botânica, Geologia e Zoologia,

Planejada inicialmente para ser bimestral, a partir do terceiro volume, em 1927, passou a ter a periodicidade trimestral sendo publicada em março, junho, setembro e dezembro.

Entretanto, devido as dificuldades na impressão a periodicidade não conseguiu se manter regular e alguns fascículos foram publicados acumulados.

ANO	AUTOR	TÍTULO	ÁREA DO CONHECIMENTO	SUB ÁREA
1923 v. 1 n. 1	Alipio de Miranda Ribeiro	As phyllomedusas do Museu Paulista	Zoologia	Herpetologia
	Alberto Childe	Um caso de rhinocephalia na ceramica indigena brasileira	Arqueologia	
	A. J. de Sampaio	O valor taxinomico da indusia nas Cyatheaceas	Botânica	
	Pedro Pinto Peixoto Velho	Breve noticia sobre a ornis do caparaó	Zoologia	Ornitologia
	J. Cesar Diogo	Especies novas do herbário da secção de botânica do Museu Nacional do Rio de Janeiro	Botânica	
	Alberto Betim Paes Leme	Notas geograficas sobre o massiço do Itatiaya	Geologia	
	Alfredo A. de Andrade	Valor dos subproductos das diversas industrias agricolas na alimentação do gado, tortas de linho, de amendoim, de caroços de algodão, etc	Agricultura	
	Thomaz Borgmeier O. F. M.	Novos phorideos brasileiros	Zoologia	Entomologia
	A. J. de Sampaio	O grupo especifico grandifolia no Gen. Hemitelia R. BR (cyatheaceas) e a nova espécie Hemitelia Uleana A. Samp.	Botânica	
	E. Roquette Pinto	Um manto real de Hawaii	Antropologia	
1924 v. 1 n. 2 jan.	A. Moraes Coutinho	Excursão scientifica ao Estado do Pará	Antropologia	
	Raimundo Lopes	A civilização lacustre do Brasil	Arqueologia	
	A. J. Sampaio	Bibliographia botanica (relativa a flora brasileira, com inclusão dos trabalhos indispensaveis aos estudos botânicos no Brasil)	Botânica	
	E. Roquette Pinto	Nota sobre a acção physiologica da Fava Tonka	Botânica	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas batrachologicas	Zoologia	

	Antonio Carlos Pestana	Acção do manganez sobre a riqueza da Ganna e pureza de seu galdo	Geologia	
	Alberto Childe	Hypomnemata in Aristotelis opera	Arqueologia	
	Alberto Betim Paes Leme	Columbita do Espirito Santo	Geologia	
	Edward May	Migrações de borboletas no Brasil e em particular da mechanitis nessaea, hubner	Zoologia	Entomologia
<b>1924 v. 1 n. 3 mar.</b>	Thomaz Borgmeier O. F. M.	Novos generos e especies de phorideos do Brasil	Zoologia	Entomologia
	Carlos Loureiro	Subsidios para conhecimento dos calcareos do Brasil	Geologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Alguns factos e mais dois simios novos da nossa fauna	Zoologia	
	E. May	Morpho absoloni SP. Nov.	Zoologia	
	E. Snethlage	Informações sobre a avifauna maranhense	Zoologia	
	A. J. Sampaio	Bibliographia botanica II	Botânica	
<b>1924 v. 1 n. 4 maio</b>	Carlos Teschauer	Estudos Ethnologicos	Etnologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	"De batrachorum generibus speciebusque duobus in collectio musei nationalis servatis"	Zoologia	
	J. Cesar Diogo	Plantas mattogrossenses das visinhanças da fronteira boliviana	Botânica	
	J. Barbosa de Faria Mello Leitão	Zicunatí	Etnologia	
	Mello Leitão	Algumas aranhas novas do Brasil	Zoologia	
	Thomaz Borgmeier O. F. M.	Um novo genero de phorideos do Paraná (dipt.)	Zoologia	Entomologia
	Gastão Cruls	Subsideo para o conhecimento da medicina entre os indios	Etnologia	
	Alfredo A. de Andrade	As leguminosas e suas farinhas alimentares	Agricultura	
<b>1924 v. 1 n. 5 jul.</b>	Antero Martins Ferreira	Breves noções sobre a preparação de esqueletos para estudo e para Museus, baseadas nos	Osteologia	

		trabalhos feitos no Museu Nacional do Rio de Janeiro		
	J. Cesar Diogo	Erythroxylaceas do herbario do Jardim Botânico do Rio de Janeiro	Botânica	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Sobre a ampliação da área geographica de Eunectes Notaeus Cope	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Ainda "Hemipsilichthys" e generos aliados	Zoologia	
	Edward May	Relatorio das excursões effectuadas nos Estados do Rio, Minas Geraes e Bahia	História Natural	Expedições Científicas
<b>1925 v. 1 n. 6 maio</b>	Carlos Loureiro	Professor Dr. Domingos Sergio de Carvalho	Biografia	Domingos Sergio de Carvalho
	E. Roquette Pinto	Nota sobre o material anthropologico do sambaqui de Guaratiba	Antropologia	
	J. Barbosa de Faria	Tintas usadas pelos indios borôros	Etnologia	
	Edward May	Papilio Kuhlmanni subsp. nov.	Zoologia	
	E. Snethlage	Novas especies de aves do N. E. do Brasil	Zoologia	
	Alfredo Antonio de Andrade	Forragens agrestes do Estado de Matto-Grosso	Agricultura	
	Humberto Gusmão	Contribuição ao estudo das leguminosas do E. do Rio e Districto Federal segundo o material existente no herbario do Museu Nacional e a flora Martius	Botânica	
	Mello Leitão	Pequenas notas arachnologicas	Zoologia	
<b>1925 v. 2 n. 1 ago.</b>	Adriano Conde	As aguas minero-medicinaes do Itapicurú Estado da Bahia	Geologia	
	Mello Leitão	Polyxénidas do Brasil	Zoologia	
	[João Barbosa de Faria]	Tupys e tapuyas (a proposito de um trabalho do sr. Padre Dr. Constantino Tastevin)	Etnologia	
<b>1926 v. 2 n. 2 mar.</b>	L. Harrison Matthews, B. A.	A fauna dos recifes de Pernambuco, Brasil The fauna of the reef at Pernambuco, Brazil	Zoologia	

	Afranio do Amaral	Nomes vulgares de ophidios no Brasil	Zoologia	Herpetologia
	A. J. de Sampaio	O limite inferior do reino vegetal e o valor taxinomico da reprodução das plantas	Botânica	
	E. May	Lepídopteros do genero Morpho no Rio e seus arredores	Zoologia	Entomologia
	Alberto Childe	"O ex-libris" do Museu Nacional	Arqueologia	
	Alberto Childe	Sugestões decorativas	Arqueologia	

<b>1926 v. 2 n. 3 set.</b>	Thomaz Borgmeier O. F. M.	Phorideos myrmecophilos da Argentina (Dipt.)	Zoologia	Entomologia
	A. J. de Sampaio	Bibliographia Botanica interessando o estudo da flora brasileira	Botânica	
	A. J. de Sampaio	Technica da colheita de material botanico no littoral do Brasil	Botânica	
	Felix Guimaraes	Fruta de Lôbo	Botânica	
	Alberto Childe	Sobre o symbolismo da protecção	Arqueologia	

<b>1926 v. 2 n. 4 out.</b>	Thomaz Borgmeier O. F. M.	Contribuição para o conhecimento dos gêneros Rhyncophromyia Mall. e Acanthophorides Borgm. (Dipt. Phoridae)	Zoologia	Entomologia
	Cornelio Fernandes	Ethnographia indigena do Rio de Janeiro	Antropologia	Etnografia
	Mario Rosa	Lepidopteros do Norte do Brasil	Zoologia	Entomologia
	Raimundo Lopes	Aspectos da formação sertaneja	Antropologia	
	Alfredo Antonio de Andrade	O oleo de algodoeiro	Agricultura	

<b>1926 v. 2 n. 5 nov.</b>	Mello Leitão	Algumas aranhas do Brasil Meridional	Zoologia	
	A. J. de Sampaio	Bibliographia botanica relativa a flora brasileira, com inclusão dos trabalhos indispensaveis aos estudos botanicos no Brasil	Botânica	
	Thomaz Borgmeier O. F. M.	Phorideos novos ou pouco conhecidos do Brasil (dipt., Phoridae)	Zoologia	Entomologia

<b>1926 v. 2 n. 6 nov.</b>	Ney Vidal	Observações na zona de Capão Alto (Itapetininga, S. Paulo)	Antropologia	
	Gastão Sampaio	Exemplos de Arilo na Flora Brasileira	Botânica	
	Emilia Snethlage	Resumo de trabalhos executados na Europa, de 1924 a 1925, em museus de Historia Natural, principalmente no Museum Fur Naturkunde de Berlim	História Natural	
	J. A. Padberg-Drenkpol	Situação historico-cultural dos karayás	Etnologia	
<b>1927 v. 3 n. 1 mar.</b>	Jorge A. Padberg Drenkpol	Um benemerito do Brasil: o dinarmarquês Herluf Winge classificador dos achados paleontologicos de Lund (1857-1923)	Biografia	Herluf Winge
	Raimundo Lopes	Pontas de silex lascado no Brasil	Arqueologia	
	E. Roquette Pinto	Nota sobre o Ñanduti do Paraguai	Etnologia	
	Alberto Childe	Hypomnemata in Aristotelis opera (II capitulo)	Arqueologia	
	A. J. de Sampaio	Bibliographia botanica	Botânica	
	Alberto Betim Paes Leme	Um fossil permo-carbonifero no Paranapanema	Paleontologia	
<b>1927 v. 3 n. 2 jun.</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas ornithologicas	Zoologia	Ornitologia
	Mello Leitão	Generos novos de Gonyleptideos (nota previa)	Zoologia	
	A. Ozorio de Almeida	Sobre a concentração da Uréa (nota prévia)	Fisiologia Experimental	
	S. Fróes Abreu	Nota sobre as inscrições da Serra da Onça	Arqueologia	
	H. Luederwaldt	Cinco novas especies da familia dos Passalideos (col.)	Zoologia	Entomologia
<b>1927 v. 3 n. 3 set.</b>	-	Dr. Arthur Neiva		
	J. Cesar Diogo	Sobre a estructura do albumem de algumas palmeiras	Botânica	

	A. Fróes da Fonseca	As novas fichas anthropologicas do Museu Nacional	Antropologia	
	Thomaz Borgmeier	Dois generos novos de phorideos (com duas estampas)	Zoologia	Entomologia
	Carlos Teschauer S. J.	Os caingang ou coroados no Rio Grande do Sul	Etnologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas ornithologicas V - um testemunho de Eduardo de Siqueira e Carlos Schreiner para a oecologia dos Podicepidideos	Zoologia	Ornitologia
	H. Luederwaldt	Passalus tetraphyllus Eschsch., é um popilius	Zoologia	Entomologia
<b>1927 v. 3 n. 4 dez.</b>	Georgius Aug. Padberg-Drenkpol	Carmen Saeculare Coffeae Ode secular em louvor dos cafeeiro, introduzido no Brasil ha 200 anos	Arqueologia	
	Jorge A. Padberg-Drenkpol	Ensaio critico-historico sobre o café e investigação etymologica do nome	Arqueologia	Arqueobotânica
	Alberto Betim Paes Leme	Genese do solo dos cafesaes	Geologia	
	A. J. de Sampaio	Actuaes difficuldades da Systematica do Gen. Coffea L.	Botânica	
	Alfredo Antonio de Andrade	Origem e dispersão do Café I (summula historica) Os constituintes do café II O café alimento e o café em a nutrição III	Fisiologia Experimental	
	A. Ozorio de Almeida	O problema physiologico do uso do café	Fisiologia Experimental	
	Thomaz Borgmeier	A broca do café e sua lição	Zoologia	Entomologia
	A. J. de Sampaio	O congresso do café e a grande exposição de S. Paulo - outubro 1927, em commemoração do II Centenario do caffeeiro no Brasil	Botânica	
<b>1928 v. 4 n.1 mar.</b>		Capistrano de Abreu	Biografia	Capistrano de Abreu
	Alipio de Miranda Ribeiro	Uma especie nova do genero Lophotes	Zoologia	Ictiologia

	A. da Costa Lima	Sobre as especies do genero "Stylura" Burmeister (Lepidoptera-zygaenidae)	Zoologia	Entomologia
	Alfredo A. de Andrade	Novos elementos chimicos	Química	
	A. J. de Sampaio	Ignatius Urban	Biografia	Ignatius Urban
	Lauro Travassos	Contribuição para o conhecimento das especies brasileiras do genero gorgoderina	Zoologia	
	Benjamin Vinelli Baptista	Caso rarissimo de aplasia bilateral da clavicula (nota previa)	Medicina	
	A. J. de Sampaio	Phytogeographia genetica	Botânica	

<b>1928 v. 4 n. 2 jun.</b>	E. Snethlage	Novas especies e subsepecies de aves do Brasil Central	Zoologia	Ornitologia
	Mello Leitão	Opiliões de Matto-Grosso e Pernambuco	Zoologia	
	A. J. de Sampaio	As florestas brasileiras	Botânica	
	Jorge A. Padberg-Drenkpol	Calendario invariavel	Arqueologia	
	Paulo Matschie	A distribuição geographica dos gatos e o parentesco entre elles existente	Zoologia	
	J. G. Kuhlmann e A. J. de Sampaio	Clinostemon, Kuhlmann et A. Samp. N. gen. de Lauraceas, da Amazonia	Botânica	
	Alberto Betim Paes Leme	Pepitas de ouro de Assuruá (Bahia)	Geologia	
	H. Luederwaldt	Novas especies do genero "Pinotus" (Col., Lamell.)	Zoologia	
	D. Bento Pickel, O. S. B.	Contribuição para a biologia dos phorídeos	Zoologia	Entomologia

<b>1928 v. 4 n. 3 set.</b>	Godofredo Hagmann	A larva da laternaria phosphorea L.	Zoologia	Entomologia
	Alberto Childe	Os etruscos na America: a respeito da inscripção de Grave-Creek	Arqueologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas ornithologicas VI- a	Zoologia	Ornitologia
	A. J. de Sampaio	Silvia Duckei A. Samp. n. comb.	Botânica	
	Mello- Leitão	Hersiliídeos da America Tropical	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Callorhynchus callorhynchus L.	Zoologia	Ictiologia

	Mello- Leitão	Novas notas arachnológicas	Zoologia	
	S. Fróes Abreu	Nota sobre o sambaqui do Forte (Paraty, Estado do Rio de Janeiro)	Arqueologia	
	Thomaz Borgmeier	Sobre um casulo curioso de um Copeognato brasileiro	Zoologia	Entomologia
	Paul Rivet	L' anthropologie	Antropologia	
	A. J. de Sampaio	Bibliographia botanica relativa a flora brasileira, com inclusão dos trabalhos indispensaveis aos estudos botanicos no Brasil	Botânica	
<b>1928 v. 4 n. 4 dez.</b>	A. J. de Sampaio	Auguste de Saint'hilaire (1179-1853)	Biografia	Auguste de Saint'hilaire
	A. Ozorio de Almeida	Uma nova technica para o estudo do equilibrio entre a agua, os saes e as substancias organicas nos animais	Agricultura	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas ornithologicas VII - os albatrozes da Costa brasileira	Zoologia	Ornitologia
	Paulo F. Schirch	Observações sobre a nidificação de algumas aves no Brasil	Zoologia	Ornitologia
	A. da Costa Lima	Nota sobre o "Pseudotelenomus pachycoris" (n. g., n.sp.) parasito dos ovos de "Pachycoris Torridus" (Scop.)	Zoologia	Entomologia
	Alipio de Miranda Ribeiro	A survey of Dr. Holt's suervey of the serra do Itatiaya, Brasil	Zoologia	Ornitologia
	Paulo F. Schirch	Sobre a hypotheses de cyclo vital funcional (contribuições a biologia theorica)	Biologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Gymnobatrachios trazidos pelo Snr. E. May, de Abrolhos, Bahia	Zoologia	Herpetologia
<b>1929 v. 5 n. 1 mar.</b>	C. Hartman	Reproducção, desenvolvimento e nascimento da Gambá	Zoologia	
	Carlos Vianna Freire	O herbario exotico do Museu Nacional	Botânica	
	Paulo F. Schirch	Sobre as planarias terrestres do Brasil	Zoologia	

	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas ornithologicas	Zoologia	Ornitologia
	Luiz da Camara Cascudo	Superstições meteorologicas	Antropologia	
	P. F. Schirch	Ideas directrizes para o ensino elementar da biologia	Biologia	
	Jorge A. Padberg-Drenkpol	Limalha linguistica dum naturalista	Antropologia	
<b>1929 v. 5 n. 2 jun.</b>	E. Roquette Pinto	Gloria sem rumor	Discurso	
	A. J. de Sampaio	Os campos geraes dos cuminá e a phytogeographia do Brasil (nota previa)	Botânica	
	H. Luederwaldt	Passalus Zikáni n. sp.	Zoologia	
<b>1929 v. 5 n. 3 set.</b>	Rodolpho Garcia	Nomes de aves em lingua tupi	Zoologia	Ornitologia
	Carlos Vianna Freire	Relatorio das excursões realizadas para pesquisa de "Acalypha Peckoltii"	Botânica	
	Odilon da Silva Soares	Contribuição ao estudo das apophyses pterygoides	Osteologia	
	A. C. Brade	Filices novae Brasilianae	Botânica	
	Paulo F. Schirch	Um insecto que fura canos de chumbo	Zoologia	Entomologia
<b>1929 v. 5 n. 4 dez.</b>	A. J. de Sampaio	The practical direct application of the Type-Method in Herbaria	Botânica	
	Alipio de Miranda Ribeiro translated by E. May	Cycloramphus, grypiscus e iliodiscus	Zoologia	
	D. Bento Pickel, O. S. B.	Sobre um coleoptero perfurador de cabos telephonicos observado em Pernambuco	Zoologia	Entomologia
	E. May	Agrias claudia roquettei	Zoologia	Entomologia
	Alberto Betim Paes Leme	O depoimento do Brasil na discussão da theoria do Deslise dos continentes segundo Wegener	Geologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas ornithologicas (IX)	Zoologia	Ornitologia
	H. Luederwaldt	Três novas especies do genero Bolboceras	Zoologia	Entomologia
	Benjamin Vinelli Baptista	Das válvulas sigmóides aórticas	Medicina	

	E. May	Sobre a occurencia de "Titya hirta" Stoll, em Goyaz, Brasil	Zoologia	Entomologia
	Paulo de Miranda Ribeiro	Da nidificação de Chaetura cinereiventris	Zoologia	Ornitologia
	Afranio do Amaral	Notas à margem da Sciencia	Divulgação Científica	
<b>1930 v. 6 n. 1 mar.</b>	Afranio do Amaral	Uma raridade ophidica do Brasil	Zoologia	
	Emilie Snethlage	Fam. Pteroptochidae (Extracto especial do Catalogo das aves colligidas ou estudadas de 1917 a 1929)	Zoologia	Ornitologia
	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas ornithologicas X	Zoologia	Ornitologia
	Paulo F. Schirch	Algumas datas de procreação de animaes do Brasil	Zoologia	
	Roberto F. Hinrichsen	Contribuição ao estudo craniometrico dos indios brasileiros	Antropologia Biológica	
<b>1930 v. 6 n. 2 jun.</b>	Carlos Estevão de Oliveira	Os apinagé do Alto-Tocantis - costumes, crença, artes, lendas, contos e vocabulario	Etnologia	
	Gregorio Bondar	Contribuição para o conhecimento dos Hymenopteros phytophagos Calcidoideos	Zoologia	Entomologia
	H. Luederwaldt	Novas especies brasileiras do genero Pinotus, grupo de Fissus (Col. Lamellic-Copridae)	Zoologia	Entomologia
	H. Luederwaldt	Novos Lucanideos brasileiros (Col.)	Zoologia	Entomologia
	Domingos Soares Ferreira Penna	Carta do naturalista Domingos Soares Ferreira Penna, dirigida a Ladisláo Netto	Divulgação Científica	
<b>1930 v. 6 n. 3 set.</b>	A. J. Sampaio	A nomenclatura botanica e o methodo de typos	Botânica	
	Olympio da Fonseca Filho	Affinidades parasitologicas e clinicas	Medicina	
	Max Schmidt	Sobre o direito dos selvagens tropicaes da America do Sul	Etnologia	

	Alberto Betim Paes Leme	Sobre a origem do granito	Geologia	
	Frei Thomaz Borgmeier, O. F. M.	Uma curiosa familia de coleopteros	Zoologia	Entomologia
<b>1930 v. 6 n. 4 dez.</b>	J. A. Padberg-Drenkpol	Carlos Teschauer	Biografia	Carlos Teschauer
	A. J. Sampaio	Phytogeographia do Brasil	Botânica	
	Alipio de Miranda Ribeiro	A nova installação dos Cetaceos no Museu	Zoologia	
	A. C. Brade	A saporema	Botânica	
	Gregorio Bondar	Um hymenoptero chalcidoideo, parasita das sementes de Solanacea	Botânica	
	Arsène Puttemans	Uma ferrugem nova em planta australiana cultivada no Brasil	Botânica	
<b>1931 v. 7 n. 1 mar.</b>	A. Ozorio de Almeida	A acção protectora do Urucú	Botânica	Etnobotânica
	Ney Vidal	Meteorito "Santa Luzia de Goyaz"	Geologia	
	Paulo F. Schirch	Uma colonia de ninhos de Guaxe	Zoologia	Ornitologia
	Victor de Miranda Ribeiro	Lepidopteros de Matto Grosso	Zoologia	Entomologia
<b>1931 v. 7 n. 2 jun.</b>	Alfredo Camillo Valdetaro	Frei Custodio Alves Serrão (aubiographia)	Biografia	Frei Custodio Alves Serrão
	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas ornithologicas XI *Copia de um original pertencente ao dr. Alfredo Camillo Valdetaro, oferecida ao Museu Nacional pelo ministro Rodrigo Octavio	Zoologia	Ornitologia
	Paulo F. Schirch	Sobre um ninho construído de arame de um passaro brasileiro	Zoologia	Ornitologia
	Mello Leitão	Opiliões colligidos por E. Moraes Mello em Pinheiro (Rio de Janeiro)	Zoologia	
	A. Childe	Sobre a lingua basca	Linguística	
	Paulo de Miranda Ribeiro	Barra do paraopéba Minas Geraes (relatorio de excursão)	Zoologia	Ornitologia
	Mello Leitão	Quatro novos opiliões	Zoologia	Entomologia

	Carl J. Drake	Concerning the genus "Leptodictya" Stal. (hemiptera, tingitidea)	Zoologia	Entomologia
<b>1931 v. 7 n. 3 set.</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Gonçalves Dias e a ethnographia brasileira	Biografia	Gonçalves Dias
	A. C. Brade; E. Rosenstock	Filices novae Brasilianae II	Botânica	
	S. de Toledo Piza Junior	Mitose somatica: alguns casos interessantes debaixo do ponto de vista da teoria do plastinema	Antropologia Biológica	
	Raimundo Lopes	Entre a Amazonia e o Sertão	Arqueologia	
	Afranio do Amaral	Maximiliano, Principe de Wied ensaio bio-bibliográfico	Biografia	Principe de Wied
	Eugenio Rangel	A proposito dos Puccinia das Myrtaceas no Brasil	Botânica	
<b>1931 v. 7 n. 4 dez.</b>	Bastos de Avila	Forma e dimensões da cabeça e coeficiente da cephalização	Antropologia	
	Mello Leitão	Dois novos escorpiões do Brasil	Zoologia	
	Paulo de Miranda Ribeiro	Os dermapteros do Museu Nacional	Zoologia	Entomologia
	Paulo F. Schirch	O enquistamento do infusorio	Zoologia	
<b>1932 v. 8 mar., jun., set. e dez.</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	As pretensas especies de baleias lisas do Atlantico	Zoologia	
	A. C. Brade	Os generos Cordia e Tournefortia (familia das borraginaceas) no herbario do Museu Nacional	Botânica	
	Pedro Pinto Peixoto Velho	Descrição de alguns ovos de aves do Brasil existentes nas colleções do Museu	Zoologia	
	J. A. Padberg-Drenkpol	Como Goeth apreciou as obras de Martius sobre o Brasil	História Natural	
	E. May	Prepona meander castorina	Zoologia	
	Mello Leitão	Pequenas notas arachnologicas	Zoologia	
	Paulo F. Schirch	Contribuição ao conhecimento da Fauna da Serra dos Orgãos - Therezopolis 960 m.	Zoologia	

	Carl J. Drake, Gregorio Bondar	Concerning brazilian tingitidae - hemiptera	Zoologia	Entomologia
	Jayme Cruz	Cainca estudo botanico, pharmacognostico e chimico	Botânica	
	Mello Leitão	Sobre eriophora bistriata (Rengger) e a presença do genero Hyptiotes na America do Sul	Zoologia	
<b>1933 v. 9 n. 1 mar.</b>	Bastos de Avila	Noções de estatistica aplicada à Biometria	Antropologia Biológica	Estatística
	José Oiticica	Do método no estudo das linguas sul-americanas	Linguística	
	J. A. Padberg- Drenkpol	Mysteriosas galerias subterraneas em Santa Catarina	Arqueologia	
	José A. de Carlo	Familia belostomidae (hemiptera)	Zoologia	Entomologia
	Mello Leitão	Notas sobre os opiliões do Brasil	Zoologia	Entomologia
<b>1933 v. 9 n. 2 jun.</b>	A. Fróes da Fonseca	Fichas anthropologicas do Museu Nacional	Antropologia Biológica	
	Bastos de Avila	Curso de Anthropometria	Antropologia Biológica	
	Mello Leitão	Ensaio sobre as Myrmarachninas do Brasil	Zoologia	
	Alexandre Rodrigues Ferreira, a quem acompanharam os desenhistas Joseph Joachim Freire, Joachim Joseph Codina e o jardineiro Botanico Agostinho Joachim do Cabo	Roteiro das viagens que fez pelas Capitancias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá	História Natural	Expedições Científicas
<b>1933 v. 9 n. 3 e 4 set. e dez.</b>	A. Betim Paes Leme	Processo cinematico de analyse espectral quantitativa	Geologia	
	E. May	Saturnidas do Brasil: duas novas sub-especies	Zoologia	
	E. Roquette Pinto	Frei Leandro do Sacramento	Biografia	Frei Leandro do Sacramento
<b>1934 v. 10 mar., jun., set. e dez.</b>	A. J. de Sampaio	Nomes vulgares de plantas da Amazonia (com anotações de A. Ducke)	Botânica	
	J. Vellard	Conférence sus les Guayaki	Etnologia	

	Bourguy de Mendonça	O megatherium do Museu Nacional (Notas extrahidas de trabalhos deixados pelo professor Teixeira Mendes)	Paleontologia	
	A. J. de Sampaio e J. G. Kuhlmann	Pseudocalymma A. Samp. et kuhlm. n. gen	Botânica	
	Adolpho Ducke	Nova especie de Quinaceas	Botânica	
	Mario Rosa	Papilio pausanias	Zoologia	Entomologia
	José A. de Carlo	Descripción de especies nuevas de Belostómidos	Zoologia	
	E. May	Commentarios sobre duas formas de Coplopterys Semiramis, Cramer	Zoologia	
	Moysés Gikovate	Índices dos Boletins do Museu Nacional volumes I a X		
<b>1935 v. 11 n. 1 mar.</b>	A. J. Sampaio	Primeira Conferencia Brasileira de Protecção à Natureza	Meio ambiente- Preservação	
<b>1935 v. 11 n. 2 jun.</b>	Bastos de Avila	A côr da pelle	Antropologia	
	A. J. Sampaio	Primeira Conferencia Brasileira de Protecção à Natureza (conclusão)	Ecologia	
<b>1935 v. 11 n. 3-4 set./ dez.</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Fauna de Therezopolis	Zoologia	
	R. Arlé	Nota sobre himenopteros da super-familia "Bethyloidéa", com a descrição de novas especies de "Dryinidae" e observações biologicas sobre outra especie	Zoologia	Entomologia
	Rodolpho von Ihering	O Tupy na geographia nacional	Antropologia	
	A. Childe	Uma rainha egypcia (o feminismo na Antiguidade)	Arqueologia	
<b>1936 v. 12 n. 1 mar.</b>	Alipio de Miranda Ribeiro	Notas cetologicas	Zoologia	
	Alipio de Miranda Ribeiro	Cetological notes		
	A. J. Sampaio	A visita do prof. Roberto Pilzer ao Brasil e a homenagem a Martius, Eichler e Urban, no Instituto Biologico do	Botânica	

		Rio de Janeiro, em 18 de dezembro de 1934		
	A. Childe	Tentativas Eugenicas atravez da Historia	Arqueologia	
	Henrique L. de Mello Barreto	Quatro Lavoisieras novas no herbario Glaziou do Museu Nacional	Botânica	
	Paulo de Miranda Ribeiro	Os dermapteros do Museu Nacional II	Zoologia	Entomologia
	Alipio de Miranda Ribeiro	Discurso de recepção na Academia Brasileira de Sciencias	Discurso	

<b>1936 v. 12 n. 2 jun.</b>	F. C. Hoehne	Orchidaceas dos herbarios de Alexandre Curt Brade e do Museu Nacional	Botânica	
	Bastos de Avila	O negro em nosso meio escolar	Antropologia	
	Braulino de Carvalho	Uapixana (Vocabulario e modo de fallar dos Uapixanas)	Linguística	
	R. Gross	Duas cyperaceas novas do Brasil	Botânica	
	Mario Rosa	Lepidopteros de São João da Barra	Zoologia	
	Emilie Snethlage	Catalogo das aves	Zoologia	Ornitologia

<b>1936 v. 12 n. 3/4 set. e dez.</b>	Mello Leitão	Notas sobre opiliões	Zoologia	
	Felix Guimaraes	Relatório apresentado ao Sr. Prof. Chefe da Secção de Mineralogia do Museu Nacional, sobre colheita de material em S. Gonçalo de Sapucahy e Livramento, Sul de Minas Geraes, em 1935	Geologia	
	Jules H. Blumensohn	A preliminary sketch of the kinship and social organization of the Botocudo indians of the Rio Plate in the municipality of Blumenau, Santa Catarina, Brazil	Etnologia	
	Mathias G. de Oliveira Roxo	Revalidação do Thoracosaurus Bahiaensis e Considerações sobre a Edade da Serie da Bahia	Paleontologia	
	F. C. Hoehne	Habenarias - do herbario geral do Museu Nacional determinadas por	Botânica	

	F. C. Hoehne		
	A. J. Sampaio	Novas especies de Bignoniaceas	Botânica
	Ney Vidal	Meteoritos brasileiros	Geologia
	Braulino de Carvalho	Macuchy (vocabulário e modo de fallar dos Macuchys)	Etnologia

<b>1937 v. 13 n. 1/2 mar./ jun.</b>	Jose Oria	Anexos embrionários do "Tapirus Americanus"	Zoologia
	D. Bento Pickel	Catálogo do herbário da Escola Superior de Agricultura em Tapera (Pernambuco) (Herbarium Pickel)	Botânica
	P. A. Pravoslavlef	Gorgonopsidae das excavações feitas no Dvina do Norte pelo Prof. N. P. Amalitzky	Paleontologia
	A. J. Sampaio	Nomes vulgares de plantas do Distrito Federal e Estado do Rio	Botânica

<b>1937 v. 13 n. 3/4 set./dez.</b>	Bastos de Avila	Contribuição ao estudo antropológico do índio brasileiro	Antropologia Biológica	
	A. Métraux	Un monde perdu - La tribu des chipayas de carangas	Etnologia	
	Eduardo May	Papilio Torquatus F. Polybius, Swainson no Rio de Janeiro e arredores	Zoologia	Entomologia
	Eduardo May e Mário Rosa	Relatório da excursão efetuada no Estado do Espírito Santo durante os meses de agosto e setembro de 1937	História Natural	Expedições Científicas
	Felix Guimarães	Relatório apresentado ao Sr. Prof. Chefe da Seção de Mineralogia do Museu Nacional, sobre colheita de material em S. Tomé das Letras, sul de Minas Gerais	Mineralogia	

<b>1938/1941 v. 14/17</b>	Mello Leitão	Oito novos opiliões do Espírito Santo	Zoologia
	Otto Schubart	Fauna do Estado de Pernambuco e dos	Zoologia

Estados limítrofes.  
Segunda lista

Kenneth J. Hayward	Notes on hesperiidae in the collection of the Museu Nacional do Brasil	Zoologia	
J. Moojen	Ecogenização e dosmesticidade	Zoologia	
Kazimir Stohlywo	Le problème des types anthropologiques	Antropologia Biológica	
Kazimir Stohlywo / trad. Alberto Childe	O problema dos tipos constitucionais		
Carlos Estevão	O ossuário da "Gruta-do-Padre", em Itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do Nordeste	Etnologia	
Max Schmidt	Resultados da minha expedição bienal a Mato-Grosso (de set. de 1926 a ago. 1938)	História Natural	Expedições Científicas
J. A. Vellard	Le chaco paraguayen	Antropologia	
	Les indiens uro du desaguadero	Etnologia	
	Le village de collana	Antropologia	
	Poisons de peche et poisons de chasse en Amerique du Sud	Etnologia	
	Archeologie des Andes Venezueliennes	Arqueologia	
J. Moojen	Tecelagem doméstica	Antropologia	
Lorena Guaraciaba	Tecelagem doméstica	Antropologia	



REVISTA  
NACIONAL DE  
EDUCAÇÃO  
(1932-1934)

---





## Revista Nacional de Educação

Diferentemente dos periódicos que o Museu Nacional havia publicado até então, que eram dedicados a comunidade científica, a Revista Nacional de Educação trazia um novo posicionamento da instituição: conseguir atrair suas coleções e exposições a um amplo público não especializado.

Teve o seu primeiro fascículo publicado em outubro de 1932 e encerrada em maio de 1934. O periódico surgiu em ação conjunta com o Ministério da Educação e Saúde Pública no cumprimento do decreto 21.240, de abril de 1932.

A coleção da revista foi formada por vinte e um fascículos que manteve a periodicidade mensal até o fascículo dez. A partir de então passou a publicar fascículos acumulados com a periodicidade bimestral.

A capa da revista apresenta uma ilustração diferente a cada fascículo publicado com personalidades significativas para o povo brasileiro.



A coleção da Revista Nacional de Educação encontra-se totalmente digitalizada e está disponível no site <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br>

ANO	AUTOR	TÍTULO	ÁREA DO CONHECIMENTO	SUB ÁREA
ano 1 n. 1 out. 1932		Discurso Ministro Washigton Pires - posse pasta Ministério da Educação e Saúde Pública	Discurso	
	Ministro Francisco Campos	A Revista Nacional de Educação		
		Decreto n. 21240 - 4 abril de 1932 - serviço de censura filmes cinematográficos [Nacionaliza a censura dos filmes cinematográficos]		
	Roquette-Pinto	Reafirmando	Divulgação Científica	
		Autógrafo Santos Dumont	Divulgação Científica	
	Santos Dumont	A paz e a ciencia	Divulgação Científica	
	Jonathas Serrano	Datas e seculos	História	
	Carlos Vianna Freire	Toda escola deve possuir uma coleção de botânica	Botânica	
	Carlos Magalhães Lebeis	Cinema e censura	Divulgação Científica	
	Aloysio de Castro	O culto nacional	Discurso	
	O.R.	A regra da justiça	Matemática	
	Aloysio de Castro	Discurso na Academia Brasileira 1928	Discurso	
	Alberto Childe	Vasos gregos	Arqueologia	
	Alberto de Oliveira (Academia Brasileira)	A fumaça da fabrica	Literatura	
	Fernando Magalhães	Cartilha da Probidade	Literatura	
	O. R.	Travessia demorada!	Geografia	
	M. A. Teixeira de Freitas	Estatística e educação	Educação	
		Instituto de educação (Distrito Federal) Questões formuladas na 1ª prova parcial de 1932	Educação	
	G.	Santos Dumont	Biografia	Santos Dumont
	F. A. Monteiro de Barros	Seara alheia (traduções e versos)	Literatura	
	Spix e Martius	Viagem ao Brasil a mando de sua majestade Maximiliano José I Rei da Baviera realizada e descrita de 1817 a 1820 pelos Drs. Joh. Bapt. von Spix e Carl Fried. Phil. von Martius Munich 1823	História Natural	Expedições Científicas
	Hino Nacional Brasileiro [partitura]	Educação		

	Propaganda de filmes		Divulgação Científica	
<b>ano 1</b> <b>n. 2</b> <b>nov. 1932</b>	Ministro Salgado Filho	Discurso ao transmitir a pasta da Educação e Saúde Pública	Discurso	
	Alberto J. de Sampaio	Como se classifica uma planta	Botânica	
	Bastos de Avila	Noções de estatística aplicada a biometria	Estatística	
	Alberto Childe	A leitura dos hieroglyphos	Arqueologia	Egiptologia
	Othello Reis	Quantas estrelas existem?	Astronomia	
	Otto Frensel	Pecados na colheita e manutenção do leite	Medicina	Saúde Pública
	F. A. Monteiro de Barros	Seara alheia (traduções e versões)	Literatura	
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estudo da raiz)	Botânica	
	Othello Reis	O assucar e o Brasil	Agricultura	
	Felix Pacheco (Academia Brasileira)	A visita infallivel	Literatura	
	Alberto Torres	As fontes da vida no Brasil	Sociologia	
	Hilario Leitão	Contabilidade industrial	Contabilidade	
	Rita E. Latallado de Victoria tradução e adaptação Marina Pimentel do Ministério da Educação	Páginas femininas – Precisa-se de uma jovem	Educação	
	M. L.	Estampa Spix e Martius	História Natural	
		Propaganda filmes em cartaz	Divulgação Científica	
	Humberto de Campos (Academia Brasileira)	O professor da roça	Literatura	
	Sylvio Fróes Abreu	O valor da pesquisa do solo	Geologia	
	Seth	Lições de desenho	Desenho	
	Instituto de Educação	Instituto de educação (Distrito Federal) Questões formuladas na 1ª prova parcial de 1932 e suas soluções	Educação	
	Mello-Leitão	Papel educativo do Museu Nacional de Historia Natural	Museologia	
	Sebastião Barroso	Decalogos sanitarios	Medicina	Saúde Pública
		Como se obtem o titulo de eleitor	Educação	
	Spix e Martius	Viagem ao Brasil a mando de sua majestade Maximiliano José I Rei da Baviera realizada e descrita de 1817 a 1820 pelos Drs. Joh. Bapt. von Spix e Carl	História Natural	Expedições Científicas

	Fried. Phil. von Martius Munich 1823 (continuação)		
-	Hino da Proclamação da República [partitura]	Educação	

<b>ano 1 n. 3 dez. 1932</b>	-	Decreto 21.938 11 out. 1932 - Determina 07 set. seja considerado dia da festa nacional brasileira		
	Ferreira da Rosa	Universidades	Educação	
	Othello Reis	Adições longas	Matemática	
	Maria da Gloria Maia e Almeida	O ensino da química na educação	Educação	
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estudo da raiz) II	Botânica	
	Jonathas Serrano	Eras e calendários	História	
	Hilario L. Leitão	Contabilidade industrial	Contabilidade	
	Bastos de Avila	Noções de estatística aplicada a biometria (continuação do n. 2)	Estatística	
	Alberto Childe	Origens da moeda	Numismática	
	A. Rodrigues Ferreira	Documentos referentes à "Viagem Philosophica"	História Natural	Expedições Científicas
	Seth	Lições de desenho	Desenho	
		Propagandas de filmes	Divulgação Científica	
	Spix e Martius	Viagem ao Brasil a mando de sua majestade Maximiliano José I Rei da Baviera realizada e descrita de 1817 a 1820 pelos Drs. Joh. Bapt. von Spix e Carl Fried. Phil. von Martius Munich 1823 (continuação)	História Natural	Expedições Científicas

<b>ano 1 n. 4 jan. 1933</b>	A. Fróes da Fonseca	Discurso inaugural do professor Alvaro Fróes da Fonseca na Sociedade Carioca de Educação	Discurso	
	Dulcideo Cardoso	Discurso do professor Dulcideo Cardoso na Sociedade Carioca de Educação	Discurso	
	Alberto Betim Paes Leme	Como se obtem o ferro	Geologia	
	Frei Pedro Sinzig, O. F. M.	Como ouvir musica?	Música	
	Othello Reis	O "nó"	Matemática	
	Leoni Kaseff	Notas á margem da educação dos super-normais	Educação	
	Alberto Childe	Strigilos, espelhos, etc	Medicina	Saúde Pública
	Silvio Julio	Brasil- Indochina	Geografia	
	F. A. Monteiro de Barros	Seara-alheia (traduções e versões)	Literatura	
	E. L. Bouvier	Formigas agricultoras	Zoologia	
	Bastos Tigre	Aos capazes	Literatura	

Antenor Nascentes	Itabira, cidade do ferro	Geografia	
Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (III - estudo da raiz)	Botânica	
F. Guerra Duval	Palestras sobre fotografia	Fotografia	
Seth	Lições de desenho	Desenho	
	A significação histórica da moeda de quatrocentos reis	Numismática	
Mello-Leitão	Os meteoritos	Geologia	
L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia	
Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas

<b>ano 1 n. 5 fev. 1933</b>	Roquette-Pinto	O cinema e a educação popular no Brasil	Divulgação Científica
	Alberto Childe	A medida do tempo	História
	Othello Reis	Para somar ligeiro	Matemática
	Mello-Leitão	Celenterios	Zoologia
	F. Guerra Duval	Palestras sobre fotografia - noções elementares sobre objetivas	Fotografia
	Magalhães Corrêa	Porque se chama carioca a quem nasce na capital federal	Antropologia
	Frei Pedro Sinzig, O.F.M.	Como ouvir música?	Música
	Carlos Vianna Freire	Quadros didáticos de iniciação de botânica sistemática (Monocotilédones)	Botânica
	Seth	Lições de desenho	Desenho
	Raimundo Lopes	Ouro Preto e a Conjuração Mineira	História
	Jorge Figueira Machado	Discurso do prof. Jorge Figueira Machado na Sociedade Carioca de Educação	Discurso
	Fernando da Silveira	Discurso do prof. Fernando da Silveira	Discurso
	Humberto de Almeida	Discurso na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (sobre a obra do major Archer)	Discurso
	L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia
	O. F.	Assuntos Agrícolas	Agricultura
Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas

<b>ano 1 n. 6 mar. 1933</b>	Alberto Torres	Os trabalhadores no Brasil	Sociologia
	Mello-Leitão	As cigarras	Zoologia
	Alberto Childe	A Rússia na Idade Média	História
	F. A. Monteiro de Barros	Seara alheia (traduções e versões)	Literatura
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estudo do caule)	Botânica

Othello Reis	As invenções industriais. O processo domestico primitivo	História da Tecnologia	
A. J. de Sampaio	O babassú [Notícia para um filme educativo preparado no Museu Nacional]	Divulgação Científica	
F. Guerra Duval	Palestras sobre fotografia – o aparelho	Fotografia	
Jorge Figueira Machado	Discurso do prof. Jorge Figueira Machado na Sociedade Carioca de Educação	Discurso	
Sebastião Barroso	Instrução e educação sanitarias	Medicina	Saúde Pública
Alexandre Rodrigues Ferreira	Memória sobre as cuyas	História Natural	Expedições Científicas
Moyses Gikovate	As esteiarías	Arqueologia	
L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia	
Herta Julich	Impressões do microlaboratorio	Biologia	
Benedicto Lopes	Cristo	Literatura	
O. F.	Assuntos Agrícolas	Agricultura	
Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas

<b>ano 1 n. 7 abr. 1933</b>	Affonso Penna Junior	Oração aos escoteiros	Educação	
	Julio Nogueira	Falar e escrever	Educação	
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estudo do caule II morfologia interna)	Botânica	
	Alberto Childe	A Rússia na Idade Media	História	
	Ariosto Espinheira	Estatuária grega - Myrão, Polycleto e Phidias	Arqueologia	
	A. J. de Sampaio	Conselheiro Saldanha da Gama	Biografia	Saldanha da Gama
	Sebastião Barroso	Saúde e doença: importância da saúde. Evolução da medicina, seu estado atual e o que dela todos devem saber	Medicina	Saúde Pública
	F. Guerra Duval	Palestras sobre fotografia	Fotografia	
	Mello-Leitão	Vida das aranhas - o lar	Zoologia	
	Othello Reis	O algodão	Agricultura	
	Alayr Guterres da Silveira	Espectroscopia	Física	
	A. J. de Sampaio	A carnaúba [Notícia para um filme educativo preparado no Museu Nacional]	Divulgação Científica	
	Seth	Lições de desenho	Desenho	
	L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia	
	-	Os discos fonograficos	Música	

Alexandre Rodrigues Ferreira	Memoria de Alexandre Rodrigues Ferreira (a proposito de uma estampa representando um indio cambeba)	História Natural	Expedições Científicas
Lina Hirsh	A tarefa da proteção á natureza - paisagem	Ecologia	
Moysés Gikovate	Mounds	Arqueologia	
Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação capítulo IV)	História Natural	Expedições Científicas

<b>ano 1 n. 8 maio 1933</b>	Dulcídio Cardoso	Carta ao prof. Roquete Pinto	Divulgação Científica	
	Jonathas Serrano	Carta ao prof. Roquete Pinto	Divulgação Científica	
	Mello-Leitão	As aranhas: sua posição sistemática. Seus afins	Zoologia	
	Alberto Childe	A Rússia na Idade Média (continuação)	História	
	Aprigio Gonzaga	Como criar o ensino profissional quase sem despesa	Educação	
	F. Guerra Duval	Palestras sobre fotografia	Fotografia	
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (III - morfologia interna)	Botânica	
	Sebastião Barroso	Saúde e doença: as defesas naturais do nosso organismo contra a doença. A vis medicatrix	Medicina	Saúde Pública
	Antonio Faure	Educação	Educação	
	Magalhães Corrêa	A escola de Viçosa	Educação	
	Moysés Gikovate	A origem das lendas	Antropologia	
	Sampaio Ferraz	Dicionario meteorologico	Meteorologia	
	M. A. Teixeira de Freitas	A radio difusão educativa	Divulgação Científica	
	L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia	
	Alexandre Rodrigues Ferreira	Viagem filosofica	História Natural	Expedições Científicas
	Raul de Leoni	Transubstanciação	Literatura	
	Blumenau	Eu não bebo	Literatura	
	Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação capítulo IV)	História Natural	Expedições Científicas

<b>ano 1 n. 9 jun. 1933</b>	Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça	A casa do estudante na vida universitária: iniciativa e orientação	Educação	
	Mello-Leitão	Teias de aranha	Zoologia	
	Sampaio Ferraz	Dicionario meteorologico	Meteorologia	
	A. J. de Sampaio	Prof. Emmanuel de Martonne	Biografia	Emmanuel de Martonne

-	Instruções regulando a censura e seleção de filmes educativos na Secção de Fílmoteca da Biblioteca Central de Educação	Divulgação Científica	
Mario Pinto Serva	A dinamica da educação nacional	Educação	
Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estudos dos caules anómalos)	Botânica	
Raul Machado	Indulgencia	Literatura	
Alberto Childe	A Rússia na Idade Média (continuação)	História	
L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia	
Alexandre Rodrigues Ferreira	Miscelanea de observações philosophicas no Estado do Grão do Pará (anno de 1784)	História Natural	Expedições Científicas
Affonso Taunay	Uma fase do bandeirantismo	História	
Moysés Gikovate	Os sambaquis	Arqueologia	
Plácido Castelo	Metodologia do Ensino da Historia Patria	Educação	
Raimundo Lopes Spix e Martius	Curso de Filosofia e Letras Viagem ao Brasil (continuação)	Educação História Natural	Expedições Científicas

**ano 1  
n. 10  
jul. 1933**

A. J. de Sampaio	O tricentenário da Quina	Botânica	
Sampaio Ferraz	Dicionário meteorológico (definições elementares) continuação...	Meteorologia	
Maria da Gloria Ribeiro de Almeida	Utilinda brincando... ou o ensino da leitura e da escrita, ao alcance do leigo e da própria criança pela sonografia	Educação	
Mello-Leitão	Eolitos e tectitos	Mineralogia	
Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estudo do caule - V fisiologia)	Botânica	
Bourguy de Mendonça	Notas de aula do prof. Conselheiro Saldanha da Gama	Biografia	Saldanha da Gama
Alexandre Rodrigues Ferreira	Viagem filosófica - memórias	História Natural	Expedições Científicas
Alberto Childe	A Rússia na Idade Média	História	
Raimundo Lopes	Curso de Filosofia e Letras	Educação	
Moysés Gikovate	A carta de Caminha e a etnografia	Etnografia	
Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas

**ano 1  
n. 11-12  
ago./ set.  
1933**

Getúlio Vargas	Educar	Discurso	
A.J. de Sampaio	Sistemática das plantas	Botânica	
Raimundo Lopes	Antropogeografia	Antropologia	
Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estudo da folha -	Botânica	

		morfologia externa)		
Mello-Leitão	Darwin e o Brasil	Biografia	Darwin	
Charles Baudelaire	Bohémiens en voyage	Literatura		
Felix Pacheco	Zingaros em marcha (a Roquette Pinto)	Literatura		
Roquette Pinto	Parques Nacionais	Biografia	André Rebouças	
Sampaio Ferraz	Dicionario meteorologico (definições elementares) continuação...	Meteorologia		
Maria da Gloria Valente	O museu da escola regional	Museologia		
Silvio Julio	Gregorio de Mattos e Quevedo	Biografia	Gregorio de Mattos	
Alberto Childe	O toucador na antiguidade	Arqueologia		
L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia		
Moyses Gikovate	Literatura brasileira	Literatura		
O.F.	Assuntos agrícolas	Agricultura		
Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas	
-	Hino à Bandeira Nacional	Educação		

<b>ano 2 n. 13-14 out./ nov. 1933</b>	Mello-Leitão	Vidas das rãs	Zoologia	
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botanica (estudo da folha)	Botânica	
	Roquette-Pinto	Um naturalista brasileiro	Biografia	Alexandre Rodrigues Ferreira
	Sampaio Ferraz	Dicionario meteorologico (definições elementares) continuação...	Meteorologia	
	[Bourguy de Mendonça]	O conselheiro Saldanha da Gama e seu "Tratado de botanica" inédito	Biografia	Saldanha da Gama
	Deodoro Reis	Fonte de saúde	Medicina	Saúde Pública
	Raimundo Lopes	A etnologia na arte e educação	Etnologia	
	A. J. de Sampaio	Clube de amigos da natureza nas escolas primarias	Ecologia	
	Alberto Childe	A Russia na Idade Média (continuação...)	História	
	L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia	
	Mario Vilhena	A sericultura no Brasil	Botânica	Sericultura
	Cesario de Andrade	Origens do tracoma no nordeste e sua profilaxia	Medicina	Saúde Pública
	Moyses Gikovate	O livro e a educação	Educação	
	O. F.	Assuntos agrícolas: entomologia pela rama	Agricultura	Entomologia

	Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas
<b>ano 2 n. 15 dez. 1933</b>	-	Discurso do ministro José Americo	Discurso	
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estrutura da folha III)	Botânica	
	R. Arlé	A industria das vespas solitarias	Entomologia	
	A. J. de Sampaio	Proteção á natureza no Brasil	Ecologia	
	Raimundo Lopes	Antropogeografia - o homem em face da natureza	Antropologia	
	Oscar Ferreira Junior	A aula objetiva	Educação	
	Paulo Roquette-Pinto	O Instituto Pasteur	Instituições	
	Bourguy de Mendonça	Prof. Wilhelm Michler	Biografia	Wilhelm Michler
	Mello-Leitão	A genese dos continentes e oceanos segundo Wegener	Geologia	
	L. Cruls	O céu do Brasil	Astronomia	
	A. Childe	Noticia explicativa sobre o poeta Omar Khayyam	Biografia	Omar Khayyam
	Moyses Gikovate	Como os primitivos faziam fogo	Antropologia	
	O. F.	Assuntos agricolas: a maleita e a verminose	Agricultura	
	Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas
<b>ano 2 n. 16-17 jan./fev. 1934</b>	Sodré Vianna	Notas de viagem	História Natural	Expedições Científicas
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica	Botânica	
	Delgado de Carvalho	Os limites e a formação territorial do Distrito Federal	Geografia	
	Francisco Souza	A industria do níquel no Brasil	Geologia	
	Antonio Vieira de Mello	O ensino regional no Brasil	Educação	
	Mello-Leitão	Genetica	Biografia	Gregorio Mendel
	Eduardo Britto	Begonias	Botânica	
	Emile Verhaeren	Un lambeau de patrie	Literatura	
	Moyses Gikovate	Sinais empregados em revisão	Educação	
	Alberto Betim Paes Leme	A formação geologica do Distrito Federal	Geologia	
	[Jornal do Comercio]	Estação de radio escola no Distrito Federal	Divulgação Científica	
	Alair Guterres da Silveira	Espectroscopia	Física	
	Ilka Labarthe	Uma visita ao Jardim Botânico	Botânica	
	Roquette-Pinto	Proteção á natureza	Ecologia	

	Raimundo Lopes	Antropogeografia	Antropologia	
	Alberto Childe	A Rússia na Idade Média	História	
	Moyses Gikovate	O Brasil e a Geologia	Geologia	
	Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas
	-	Alfabeto morse	Linguística	
	-	Alfabeto grego	Linguística	

<b>ano 2 n. 18-19 mar./abr. 1934</b>	Roquette-Pinto	Alberto Torres	Biografia	Alberto Torres
	Sodré Vianna	João Ribeiro	Biografia	João Ribeiro
	Joaquim Ribeiro	Anchieta e o poema da Virgem	Biografia	Anchieta
	Ilka Labarthe	Uma visita á Escola de Belas Artes	Educação	
	A. J. de Sampaio	A 1ª Conferência Brasileira de Proteção á Natureza	Ecologia	
	Haroldo Lisbôa da Cunha	Sobre a quadratura do círculo	Matemática	
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica	Botânica	
	Mello-Leitão	A grande serpente do mar	Zoologia	
	M. A. Teixeira de Freitas	Educação rural	Educação	
	Augusto dos Anjos	A arvore da serra	Literatura	
	Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas

<b>ano 3 n. 20-21 maio/ jun. 1934</b>	Sodré Vianna	Notas de viagem	História Natural	Expedições Científicas
	Mello-Leitão	A grande serpente do mar	Zoologia	
	Ariosto Espinheira	História das Artes	História da arte	
	Ilka Labarthe	Viagem á África	Educação	
	A.J. de Sampaio	Historico da taxionomia vegetal para uso de iniciandos	Botânica	
	Raimundo Lopes	Faixas culturais dos Andes: o imperio dos Incas	Arqueologia	
	Moyses Gikovate	A origem do calendário	História	
	Carlos Vianna Freire	Noções elementares de botânica (estudo da flor - inflorescencias)	Botânica	
	Haroldo Lisbôa da Cunha	Sobre a quadratura do círculo (conclusão)	Matemática	
	Bastos D'Avila	Technica anthropometrica	Antropologia Biológica	
	Ludwig Plate	No centenário do nascimento de Haeckel (tradução M. Gikovate)	Biografia	Haeckel
	Virginio Campello	Um dos patrimônios florestais do Brasil	Ecologia	

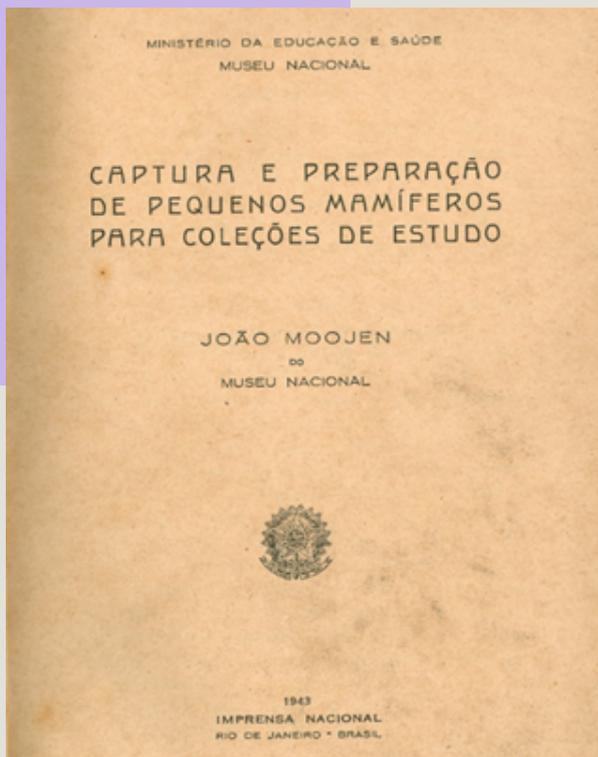
Augusta Queiroz de Carvalho Oliveira	Evaporação	Física	
Alayr Guterres da Silveira	Espectroscopia (continuação)	Física	
O. F.	Assuntos agrícolas: o trato das arvores	Agricultura	
Machado de Assis	Circulo vicioso	Literatura	
Spix e Martius	Viagem ao Brasil (continuação)	História Natural	Expedições Científicas
-	Grandes descobrimentos marítimos	Geografia	



# MANUAIS DO MUSEU NACIONAL (1943-1957)

---





## Manuais do Museu Nacional

Surgiu em 1943 durante a gestão de Heloisa Alberto Torres e foi mais uma iniciativa do Museu para atingir o seu objetivo educacional, transmitindo os conhecimentos científicos a um público não especializado.

Com apenas dois volumes publicados, o intuito da revista era ter uma linguagem acessível e didática para quem o consultasse.

De acordo com o prefácio, a publicação é dedicada a fornecer instruções e guias para a “coleta e tratamento de material científico para vários fins, outros trabalhos que visem a divulgação de diferentes aspectos dos ramos das ciências que constituem objeto das atividades do Museu”.



A coleção dos Manuais do Museu Nacional encontra-se totalmente digitalizada e está disponível no site <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br>

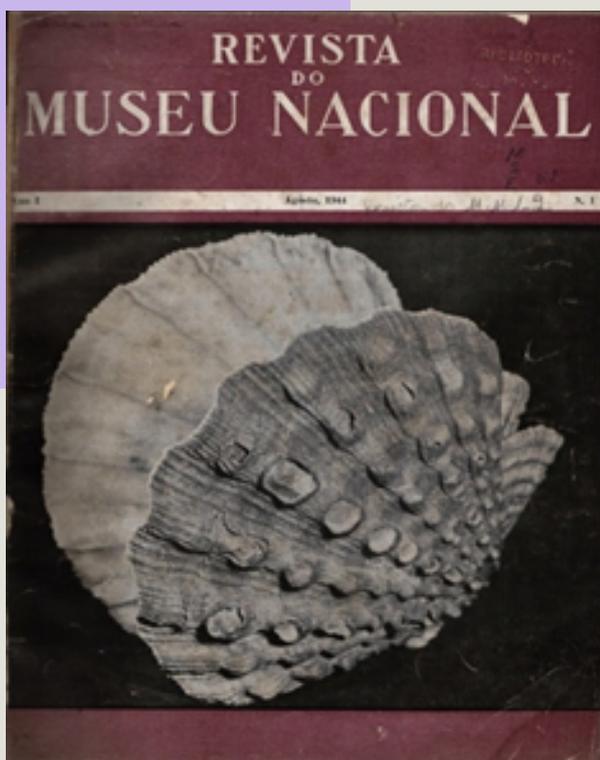
<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ÁREA DO CONHECIMENTO</b>	<b>SUB ÁREA</b>
<b>Série A n. 1 1943</b>	João Moojen	Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo	Zoologia	
<b>Série A n. 2 1957</b>	J. Mattoso da Câmara Jr. Castro Faria	Manual de transcrição fonética Apresentação I Que se entende por transcrição fonética? II Como se classificam os sons linguísticos III Critério para transcrição fonética IV Aplicações	Linguística	



# REVISTA DO MUSEU NACIONAL (1944-1945)

---





## Revista do Museu Nacional

Lançada durante a gestão da antropóloga Heloísa Alberto Torres, a revista pretendia dar continuidade a iniciativa do ex-diretor Edgard Roquette-Pinto: a de garantir a aproximação do grande público com a Ciência. A publicação tinha como objetivo a difusão e vulgarização científica e com isso contribuir com a função educativa no museu.

Teve o seu primeiro fascículo publicado em agosto de 1944.

Com a periodicidade quadrimestral (abril, agosto e dezembro), encerrou-se no ano seguinte, em dezembro de 1945, sendo sua coleção formada por cinco volumes.



A coleção da Revista do Museu Nacional encontra-se totalmente digitalizada e está disponível no site <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br>

<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ÁREA DO CONHECIMENTO</b>	<b>SUB ÁREA</b>
<b>ano 1 n. 1 ago. 1944</b>	Emanoel A. Martins	As Conchas	Zoologia	Malacologia
	Roquete Pinto	A história natural dos pequeninos	História Natural	
	Albeto Childe	Os mistérios da pirâmide de Cheops	Arqueologia	Egiptologia
	Aberto Betim Paes Leme	A formação geologica do Distrito Federal	Geologia	
	Mello Leitão	Pigmentos vegetais	Botânica	
	J. Moojen	Capivaras	Zoologia	
	Raimundo Lopes	Antropogeografia: suas origens, seu objeto, seu campo de estudo e tendências	Antropologia	
	F. Venâncio Filho	Freire Alemão	Biografia	Freire Alemão
	Waldemar Kaempffert	O ensino das ciências	Educação	
	Oswaldo Frota Pessoa	O conceito de espécie no curso colegial	Educação	
	Vitor Staviarski	Das estantes do Museu Nacional	Educação	
	-	Instruções para organização de pequenos museus escolares	Museologia	
<b>ano 1 n. 2 dez. 1944</b>		Declaração de princípios		
	Luís de Castro Faria	Garimpos	Antropologia	
	F. Venâncio Filho	As grandes conquistas da humanidade: a conquista do ar	História	
	Aurora Ramos de Moraes Rêgo	O peixe boi	Zoologia	Ictiologia
	C. de Melo Leitão	Mimetismo	História Natural	
	J. Moojen	Uiraçu	Zoologia	Ornitologia
	Vitor Staviarski	Em busca de um fóssil	Arqueologia	
	Carlos Viana Freire	Ervas de passarinho	Botânica	
	J. Matoso Câmara Jr.	Linguística e etnologia	Linguística	Etnologia
	Vitor Staviarski	Das estantes do Museu Nacional	Educação	
	-	Instruções para organização de pequenos museus escolares	Museologia	
	<b>ano 1 n. 3 abr. 1945</b>	Heloisa Alberto Torres	Aspectos das atividades do Museu Nacional	Museologia
Nei Vidal		Breve notícia sobre os meteoritos brasileiros (o Bendegó)	Geologia	
Jean Désy		O dia da árvore	Festividades	
Curt Nimuendaju		Brinquedos dos nossos índios: os ladrões de jurumum	Etnologia	

	Vitor Staviarski	Aranhas caranguejeiras	Zoologia	
	Charles Wagley	Um Tapirapé atinge a maioria	Etnologia	
	F. Venâncio Filho	Lacerda e Almeida, precursor de Livingstone	Biografia	Lacerda e Almeida
	J. Moojen	O corupião	Zoologia	Ornitologia
	Oswaldo Frota Pessoa	Sugestões para professores	Educação	
	-	Os novos territórios	Geografia	
	Sir Lawrence Bragg	Os metais	Física	
	Vitor Staviarski	Das estantes do Museu Nacional	Educação	
	-	Instruções para organização de pequenos museus escolares	Museologia	

<b>ano 2 n. 4 ago. 1945</b>	Luiz Emídio de Melo Filho	Vitória Régia	Botânica	
	Newton Dias dos Santos	A formação de um naturalista	História Natural	Educação
	F. Venâncio Filho	A conquista da terra	História	
	Theodor Koch-Grünberg	Brinquedos dos nossos índios: jogo do açor	Etnologia	
	Heloísa Alberto Torres	Vaso marajoara	Arqueologia	
	Emanoel A. Martins	Caramujos do mato	Zoologia	Malacologia
	Carlos de Paula Couto	Quando as galinhas criarem dentes...	Paleontologia	
	Oswaldo Frota Pessoa	Sugestões para professores	Educação	
	Vitor Staviarski	O ensino das ciências nas escolas primárias	Educação	
	Vitor Staviarski	Das estantes do Museu Nacional	Educação	
	-	Instruções para organização de pequenos museus escolares	Museologia	

<b>ano 2 n. 5 dez. 1945</b>		O Museu Nacional prepara-se para reabertura		
	Emanoel A. Martins	Os paguros	Zoologia	Malacologia
	C. Werneck	Como se escreve sobre folhas de palmeira	Botânica	
	F. Venâncio Filho	Euzébio de Oliveira	Biografia	Euzébio de Oliveira
	Theodor Koch-Grünberg	Brinquedos dos nossos índios: jogo do jaguar	Etnologia	
	-	Julius Arp	Biografia	Julius Arp
	-	Uacarí branco	Zoologia	
	José Lacerda de Araújo Feio	A geologia histórica e seus fins	Geologia	

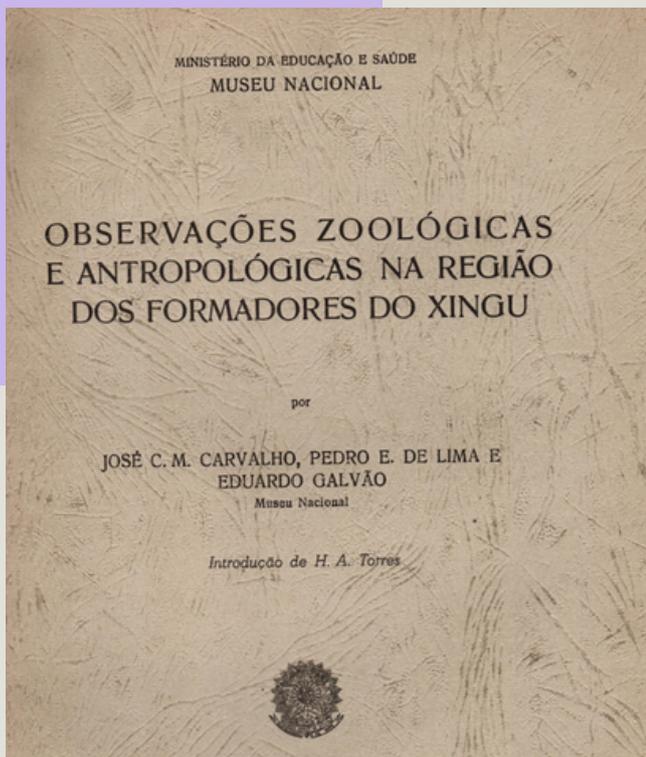
Carlos de Paula Couto	O "tigre dos dentes de sabre"	Paleontologia	
-	Alexandre Parko	Biografia	Alexandre Parko
Osvaldo Frota Pessoa	Sugestões para professores	Educação	
Vicente Antão de Carvalho	O baiacu-arara e seu consumo público no Espírito Santo	Zoologia	Ictiologia
Alceu Lemos de Castro	A tamburutaca	Zoologia	Ictiologia
Vitor Staviarski	Das estantes do Museu Nacional	Educação	
-	Instruções para organização de pequenos museus escolares	Museologia	



# PUBLICAÇÕES AVULSAS (1945-2006)

---





## Publicações Avulsas

A série Publicações Avulsas do Museu Nacional foi criada na gestão de Heloisa Alberto Torres e o seu primeiro fascículo foi lançado sem nenhuma nota introdutória que definisse a sua finalidade e segmento.

O título possui a periodicidade irregular e é destinada ao público especializado em Ciências Naturais. Durante a década de 1940 foram publicados cinco números.

A sua coleção é formada por 113 fascículos, com a última publicação em 2006.



Alguns volumes da coleção Publicações Avulsas encontram-se digitalizados e estão disponíveis no site <https://obrasraras.museunacional.ufrj.br>

<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ÁREA DO CONHECIMENTO</b>	<b>SUB ÁREA</b>
<b>n. 1 1945</b>	Joaquim Mattoso Camara Jr.	Os estudos lingüísticos nos Estados Unidos da América do Norte	Linguística	
<b>n. 2 1946</b>	Edgar Süsssekind de Mendonça	A extensão cultural nos museus	Museologia	
<b>n. 3 1947</b>	Paulo de Miranda Ribeiro	Professor Carlos Moreira	Biografia	
<b>n. 4 1949</b>	Castro Faria	As exposições de Antropologia e arqueologia do Museu Nacional	Antropologia	
<b>n. 5 1949</b>	José C.M. Carvalho; Pedro E. de Lima; Eduardo Galvão	Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu	Antropologia/ Zoologia	
	H. A. Torres	Introdução		
	José C. M. Carvalho	Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu	Zoologia	
	Pedro E. de Lima	Notas antropológicas sobre os índios do Xingu	Antropologia	
	Eduardo Galvão	Apontamentos sobre os índios Kamaiura	Etnologia	

